



Projeto Livro Livre

Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

Literatura



Molière

O Avarento



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

O Avarento

Molière

Tradução

Antônio Feliciano de Castilho

Adaptação ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

Publicado originalmente no idioma francês em 1668.

Versão Digital: *eBooksBrasil.org*

Livro Digital nº 538 - 2ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Estrangeira.

Jean-Baptiste Poquelin

(1622 - 1673)



Iba Mendes Editor Digital

www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: iba@ibamendes.com, a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

Iba Mendes

O AVARENTO



PERSONAGENS:

HARPAGÃO DE SOUSA (empregado no Paço. Viúvo, com um filho e uma filha; 60 anos puxados. Gênio ríspido. Fato antiquário e rafado; com seu hábito de Cristo. Botas de borla. Cabeleira estupentada, e de rabicho. Cangalhas no nariz. No dedo um belo anel de brilhantes)

JÚLIO DE SOUSA (filho de Harpagão. Rapaz esbelto e puxado; 25 anos. Amante de D. Mariana)

TOMÁS (criado particular, e confidente de Júlio)

D. LUÍSA DE SOUSA (filha de Harpagão. Cerca de 20 anos. Gênio amorável. Traje singelo)

SEBASTIÃO (cozinheiro e cocheiro de Harpagão. Velhaco descambado. Por baixo do sobretudo de cocheiro traz encoberto o avental de cozinha)

MEALHADA (outro criado de Harpagão, mais ordinário que o precedente)

CLAUDINA (criada da casa de Harpagão. Mulher quarentena, vestida mais à saloia que à cidade; com seu avental de riscado e lenço amarrado na cabeça. Não fala)

ANSELMO (negociante rico, e orçando pelos seus 60. Vestuário sério e de luto. Noivo destinado por Harpagão a D. Luísa. Modos graves e afidalgados)

DUARTE (mancebo de menos de 30 anos. Esperto e simpático. Fingindo mordomo em casa de Harpagão, e amante oculto e correspondido de D. Luísa de Sousa)

D. MARIANA (menina de 26 anos. Senhoril e naturalmente melancólica, trajada de preto, sem galas de espécie alguma)

GUIOMAR DOS ANJOS (velha casamenteira, adela espertalhona e de grande lábia. Vestido de roda. Grandes arrecadas e cordão de ouro)

SIMÃO FORTUNA (traficante de agências de todo o gênero)

FELISBERTO (escrivão do regedor)

DESCRIÇÃO DO TEATRO EM TODOS OS CINCO ATOS

Sala em casa de Harpagão. Ao fundo porta larga e envidraçada entre duas janelas de peitos, olhando todas três para o quintal da casa, que fica no mesmo plano. Nas vidraças há seus vidros quebrados e supridos com papel. Duas portas do lado direito; do esquerdo outras duas em correspondência. A primeira da direita, que é a da rua, tem rodízio de campainhas, sendo o peso da corda uma pedra tosca. A segunda dá para a casa do jantar, cozinha, quartos de criados, etc. A primeira da esquerda para os aposentos de Júlio e Harpagão. A segunda para o de D. Mariana. Ao canto direito do topo da casa, mesa com tinteiro de chumbo, penas e um caderno de papel. Diante desta mesa, um biombo roto. Entre as duas portas da esquerda, outra mesa ordinária de pinho pintado, e sobre ela dois castiçais desirmanados, com velas de sebo meio gastas. Duas ou três cadeiras ordinárias dum e doutro lado. Entre a primeira e segunda porta da direita, um espelho muito falto de aço. Pendente do teto, por uma corda ao meio da sala, um candeeiro de três bicos apagado.

ATO I

CENA I

DUARTE

Luísa! pois a alegria
que me entrou com o teu amor,
fez-se em ti melancolia!
Que mistério! a que vem dor?
Suspiras! por que suspiras?
Arrependes-te? é pesar
de teres feito acabar
a minha isenção?

LUÍSA

Deliras,
meu caro injusto Duarte;
e és um mau: não, não mudei:
amei-te, amo-te, hei de amar-te,
sempre, sempre; mas não sei
o que o peito me adivinha.
Não me pesa do que fiz,
mas esta imprudência (a minha)
terá desfecho feliz?
De tudo o que eu mais receio
é que este amor que arde aqui
me desgrace um dia.

DUARTE

Creio
que ou sonho, ou zombas! Em ti
caber tal pressentimento!
pois há razão?!...

LUÍSA

Mil razões:
Um pai de gênio violento,
o mundo, as murmurações
de estranhos e de parentes...
e mais que tudo: o poder,
isso que hoje por mim sentes,
vir ainda a arrefecer.
Mudar e mudar de escolhas
diz que é nos homens pensão;
como do álamo as folhas,
reza a trova, os homens são.

DUARTE

Os mais sejam muito embora
volúveis, falsos, cruéis;
o coração que te adora,

Luísa, é dos mais fiéis.
Enquanto a vida me dure,
juro que há de aqui reinar.

LUÍSA
Não há nenhum que não jure;
e as juras leva-as o ar.
Querem-se obras, não palavras.

DUARTE
As minhas te farão ver
que na sentença que lavras
fazes mal em me abranger.

LUÍSA
Não abranjo; sou contente
de entregar-me à tua fé.

DUARTE
Junto a um anjo é vil quem mente;
e Duarte um vil não é.

LUÍSA
Não por certo; desta parte
descansar já quero enfim.
Hás de amar-me, e eu sempre amar-te;
por ti o juro, e por mim.
Entretanto... (*À parte*) Não me atrevo.

DUARTE
Fala! deves tudo expor.

LUÍSA
Sim, bem sei, bem sei que devo...
mas é custoso.

DUARTE
Valor!
Se tu sabes que eu te adoro,

e sou teu, e todo teu...
que receias? coras!

LUÍSA
Coro.

DUARTE
Assustas-me; fala!

LUÍSA
Se eu...
pudesse, como desejo,
fazer que os olhos dos mais
te vissem qual eu te vejo!...
Se os teus méritos reais
pudessem ser conhecidos
de toda a gente!... (Oxalá!)
Se soubessem quão devidos
te são meus afetos!...

DUARTE
Vá;
conclui; não vês que me assusta,
Luísa, essa indecisão?

LUÍSA
Diriam que eu fora injusta,
e um monstro de ingratidão,
se o que tu por mim tens feito,
e estás fazendo por mim,
não no pagasse este peito
como o paga. Mas assim,
quando ninguém te avalia
mais que eu só, quando ninguém
senão nós, sabe que um dia
tu me salvaste!!...

DUARTE

O meu bem
é que eu salvei em salvar-te.

LUÍSA

Ao mar, que me ia engolir
quem, senão o meu Duarte
se arrojou por me acudir?
Posso eu deslembrar-me disto?
generoso, sem tremer,
sem nunca me haveres visto
expores-te...

DUARTE

Era um dever
acudir a quem lutava
com a morte horrenda, e o cumpri.
Roubo-te a uma fúria brava,
e o prêmio acho-o logo em ti.

LUÍSA

Mal escapo dos terrores
de expirar entre escarcéus,
abro os olhos, acho amores:
teus sorrisos, e os dos céus.
Por ti e em ti renascida
desde então só tua sou,
porque desde então a vida
és tu só quem me enflorou.
Generoso me salvaste;
mais generoso depois,
a tudo renunciaste
por mim só.

DUARTE

Não; por nós dois.
Para mim sem ti deserto
me era o mundo, e glacial;

dele fora, e de ti perto
gozo um Éden perenal.
Ambos sob o mesmo teto!
onde há sorte mais feliz?
respirar o teu afeto
não vale mil céus de huris?

LUÍSA

Mas que amargos sacrifícios
te não custa o que me dás!
eu, desfruto os benefícios;
e tu num martírio estás.
De senhor, de respeitado,
(de mais alto ninguém cai)
transformaste-te em criado,
vieste servir meu pai;
tragas o pão da amargura...

DUARTE

Mas vejo-te; a que vem dó?
Raquel só com a formosura
paga o servir de Jacob.

LUÍSA

Subir a maior façanha
não podia um fino amor.
De heroicidade tamanha
sinto bem todo o valor;
mas o mundo por ventura
como eu julgo julgará?

DUARTE

Vivas tu de mim segura;
do mundo que se me dá?

LUÍSA

Uma filha!... uma donzela!...
tal mistério!... esta união!...

DUARTE

União tão pura e bela,
esta quase adoração
que te eu consagro, o respeito
que eu jamais te quebrarei,
mostram bem que achaste um peito
não indigno...

LUÍSA

Achei, achei,
mas o mundo maldizente
que o não sabe como nós,
e na ação mais inocente
sonha um crime, e lhe uiva após,
não no hei de eu temer, Duarte?

DUARTE

Não, Luísa; oh! não; jamais.
Quem, quem há de criminar-te
vendo o teu e os outros pais?
os outros sempre extremosos;
o teu de avareza tal,
de modos tão rigorosos,
de alma tão desnatural,
tão pouco pai, ou tão nada...
(desculpa um falar tão cru,
mas a verdade é sagrada)
pois assim devias tu
imolar-lhe a tua dita,
o meu bem, o nosso amor?

LUÍSA

Não sei... a consciência hesita;
mas enfim... seja o que for...
depois de dado um tal passo,
não há já retroceder.
Se é mal ou bem o que faço,

não sei por ora entender;
fatalmente a ti me entrego;
o teu braço me conduz;
fecho os olhos, e sossego;
confio em quem leva a luz.

DUARTE

Sim, sossega; se algum dia
(como o interior me prediz)
acho meus pais...

LUÍSA

Que alegria!

DUARTE

Somos o par mais feliz;
verás que teu pai consente,
e abençoa esta união.
Por isso aguardo impaciente
as novas que me virão;
e se tardarem, protesto
que as hei de ir eu próprio achar.

LUÍSA

Pelo teu amor te obtesto,
não me há de aqui só deixar;
basta a ideia dessa ausência
para matar-me; e a ti não?
Fica, fica; era imprudência
quereres largar por mão
o plano, em que te empenhaste,
de cativar a meu pai.
Logra obtê-lo; isso te baste.
Cuidados meus, sossegai!
Vosso emprego (os meus amores)
não nos deixa.
(Para Duarte, com muito afeto)
Não é assim?

DUARTE

A rogos tão sedutores
resistir não cabe em mim.
Ficarei junto a Luísa;
fico; ao mais Deus proverá.

LUÍSA

Aqui é que é mais precisa
a tua presença; lá
confia no amor paterno
que te há de enfim descobrir.
Cedo ou tarde se hão de unir
o bom filho e o pai mais terno.

DUARTE

Assim o espero! (*Exclamando*) A coroa
que eu reservo às suas cãs,
dando-lhe filha tão boa,
e inveja das mais louças!!

LUÍSA

Isso, não; mas toda extremos
para o pai de um filho tal,
juro-o eu já.

DUARTE

Portanto, iremos,
até por amor filial,
seguindo o mesmo sistema
que a princípio me propus.
Oxalá que o stratagemas
surta efeito! se o produz,
abençoada seja a hora
em que atrevido e sagaz,
lançadas soberbas fora,
e oculto em libré falaz,
consegui ser bem aceito
pelo senhor Harpagão!

LUÍSA

E entraste com pé direito
nesta sua habitação.
Dentre filhos e criados,
se se confia de alguém,
se alguém logra os seus agrados,
és tu só, tu, mais ninguém.

DUARTE (*rindo*)

E que outrem no mundo tinha
(não sei se é glória ou desar)
paciência igual à minha
para assim representar?
cingir-me sempre ao seu gosto?
fazer do seu vício o meu?
ser o espelho em que o seu rosto
se mire, e diga: sou eu!

LUÍSA (*sorrindo*)

É que possuis o prestígio
do maior encantador.

DUARTE

Não, não; se aqui há prodígio,
quem no opera é só o amor.
Mas sério — sério, que admira
que eu, tornado outro Harpagão,
logre o crédito e a afeição
do próprio que assim me inspira?
E olha que de dia a dia
me torno melhor ator,
lhe acrescento a simpatia,
e vou de servo a senhor.

LUÍSA

O meu receio (confesso)
é que possa alguma vez
meu pai, pelo próprio excesso

com que ostentas mesquinhez,
dar na burla, e então caíamos
de um mal noutro inda pior.

DUARTE

Quando a alguém lisonjeamos,
nem a hipérbole maior
o acordaria do pasmo
em que o lançou, e o retém,
a ideia do entusiasmo
que ele excita em nós.

LUÍSA

Porém...

DUARTE

Não há poréns, nunca viste
nesta regra uma exceção;
nem o mais forte resiste
aos que no fraco lhe dão.
A lisonja mais rasteira,
mais párvua, e descomunal,
engole-a num ai, e inteira,
e ri do riso geral.
Se a pílula é bem dourada,
e em bom mel ungida vai,
seja embora asselvajada,
engole-se. Com teu pai
o tenho visto, e vou vendo.
Verdade é que este papel,
que eu com ele estou fazendo,
este andar tingindo em mel
mentiras continuamente,
custa ao meu gênio leal;
mas que remédio! a quem mente
não se há de levar a mal,
se o enganado o precisa,

o agradece, o estima, o quer.
Tens melindres de mulher
tenho-os eu também, Luísa;
mas vou-lhes tapando a boca;
não há remédio, bem vês;
faze como eu: desta vez
dize à lealdade que é louca.

LUÍSA

Quanto a meu pai, já me calo;
porém quanto a meu irmão,
devias associá-lo
à nossa conspiração.
Não achas tu? Se a criada
violar o arcano, convém
que eu, pobre filha sem mãe,
pelo irmão seja escudada.

DUARTE

Bem vejo; tendo-o por nosso
ganhamos forças...

LUÍSA

Então?...

DUARTE

Mas prender eu só não posso
a teu pai e a teu irmão.
São de gênio tão contrário!
um, avaro em sumo grau;
o outro quase perdulário.
Luísa, o que não é mau
é que tu da tua parte
empenhes, quanto em ti for,
o vosso fraterno amor
em nosso bem.

LUÍSA

Sim, Duarte.

Não me falece a vontade;
mas se o valor falecer?

DUARTE

Cautela; a sinceridade
não deve indiscreta ser.

Convém por ora resguardo;
confio em ti. Ficai sós;
lá vem ele; dessa voz
até prodígios aguardo.

(Sai pela segunda porta da direita)

CENA II

Luísa e Júlio (que vem da primeira porta da direita).

JÚLIO

Estimo achar-te só; preciso, irmã querida,
revelar-te um segredo, em que se empenha a vida.

LUÍSA *(rindo)*

Morte de homem, talvez; moeda falsa...

JÚLIO

Amor!

mas o amor mais profundo, o mais dominador.

LUÍSA

Tu! tu amas?!

JÚLIO

Oh! se amo!

LUÍSA *(com sorriso irônico)*

Ah! parabéns!

JÚLIO

Primeiro

devo-te declarar que é mais que verdadeiro
o afeto que hoje nutro; e todavia sei
que a obediência aos pais é religião, e é lei
que não deve infringir-se; aos filhos não é dado
sem outorga paterna o eleger estado;
com razão, porque um pai, melhor do que ninguém,
sabe, julga, deseja, anseia o nosso bem.
Quando a paixão nos cega, a experiente idade
nos acode e nos salva. Aquela autoridade
portanto é natural; foi Deus por sua voz
quem aos filhos a impôs, por bem de todos nós.
Tudo isto que te digo é só para tu veres
que escusas de pregar-me; eu sei quais meus deveres.
Entretanto, Luísa, hás de saber também
que amor como este meu, quer seja mal, quer bem,
perderias o tempo em me impugnar.

LUÍSA

Já deste
palavra à tua eleita?

JÚLIO

À minha flor celeste?
inda não, mas vou dar-lhe; e torno-te a pedir:
não me alegues razões que já não posso ouvir.

LUÍSA

Tão louca me crês tu, ou tão extravagante,
Júlio?

JÚLIO

Não no és, bem sei, mas nunca foste amante.
Um coração isento, um ânimo donzel,
nem sonha o que amor pode, e é muita vez cruel.
Tremo do teu juízo; e se ele fosse acaso...

LUÍSA

O meu juízo aqui vem pouco para o caso.
Quem há que não doideje ao menos uma vez?
Se chegasses a ler nesta alma, já talvez
não falasses assim.

JÚLIO

Prouvera aos céus! prouvera
que em teu seio também...

LUÍSA

Mas inda estou à espera
do nome da feliz... (o mais virá depois)
Falemos dela agora; estamos sós os dois,
confessa-te sem pejo. É pois a tua amada...

JÚLIO

Uma nossa vizinha, uma recém-chegada
não sei donde, um feitiço, um anjo, a perdição
de quem chega a avistá-la; o nome que lhe dão
é Mariana, e mais nada. Está sob a tutela
de uma pobre mulher, mãe sua, que a desvela,
bem que enferma e infeliz, com todo o imenso amor
de um coração materno; um par encantador!
Mas como ela lhe paga! os mimos, o carinho
com que a serve, e a distrai! Parece a casa um ninho
doido de primavera! e tal, que ali ninguém,
se não fossem as cãs, distinguiria a mãe.
Queria, minha irmã, que a visses! com certeza
morrias por Mariana, assim como eu. Beleza,
tem-na como nenhuma; e esse adorável dom
é o mínimo dos seus! a graça, o gênio...

LUÍSA

Bom!
em tudo o *non plus ultra*; entende-se.

JÚLIO

É divina!

em quanto diz e faz, na ação mais pequenina,
põe uma graça, um mimo, um bem-querer tão seu,
que não há resistir-lhe! hás de o sentir como eu,
quando a vires, Luísa, e confessar tudo isto.

LUÍSA

Até já o confesso, inda antes de a ter visto;
claro o prova a impressão que está fazendo em ti.

JÚLIO

A poder de explorar, achei que andava ali
muita desventura (em mostras de decência
se escondem muita vez martírios de indigência).
Vê se não era dita, um júbilo, um dever,
salvá-las, reflorir, dourar-lhes o viver.

LUÍSA

Sim, sim.

JÚLIO

Nem digo tanto; ao menos queria
podê-las de algum modo aliviar; seria
bastante, por agora, o ter com que as vingar
das sumas precisões; que orgulho e que folgar
ir com todo o melindre, e por subtis caminhos,
tirando-lhes diante as pedras e os espinhos!

LUÍSA

Certamente.

JÚLIO

Mas como? Um pai avaro, e tal,
que já no coração não tem senão metal!...
que posso eu dele obter?

LUÍSA

Dele, por certo nada.
Que aflição para ti!

JÚLIO

Dobrada, tresdobrada
do que se pode crer. Que pai! que situação
a de ambos nós, Luísa! Os pobres, quando o são,
é por culpa da sorte, ou culpa talvez sua;
mas em nós a miséria é culpa minha? ou tua?
ou do fado sequer? Sabermos, só por fé,
que há ouro em casa, e muito! e com tanto ouro ao pé,
e a chave em mão de um pai, raivarmos carecentes
de cômodos, de bens, das coisas mais urgentes!
Se é para nós que ajunta, a nós que se nos dá
de um haver, que só tarde ou nunca nos virá!
Jejue a mocidade, e tenha paciência
à espera da velhice; então é que a opulência
se pode desfrutar. Eu por mim já não sei
para onde me volte. Empréstimos? cansei
quanto usurário há aí; nem a cento por cento
querem já mutuar-me. O como eu me apresento!
e tu também! faz rir; excita raiva, ou dó.
Trajo, apenas decente; e este, ainda assim, é só
fiado que se obtém. Que outrem da nossa classe
conheceste jamais que tanto se ralasse?
mas ponto em queixas vãs. Eu vinha-te pedir
que sondes nosso pai, e o movas a anuir
ao meu consórcio; aliás, se eu vir que o não consigo,
caso, sem mais tardar, e emigra-se; um abrigo
acha-se em qualquer parte; e quando uma mulher
só ambiciona amor, de pouco se há mister.

LUÍSA (*sorrindo*)

Já o li numa novela.

JÚLIO

E é certo, e muito certo.

Num sertão do Brasil! que paraíso aberto
a quem foge do mundo! ali, calco eu por vil
o ouro que almejo cá. Florestas do Brasil,
ides ter vossa Eva, a quem no ano inteiro
presenteeis com os dons de um Deus, seu pomareiro.

LUÍSA

Mas para chegar lá (cuido que não quereis
ir a nado; pois não?) do ouro precisareis.
Se debaixo dos pés também por cá o houvesse...

JÚLIO

Ri, Luísa, do amor; bem ri quem não padece.
Eu não quero pensar; fugir só quero, e pôr,
se meu pai nos for surdo, em salvo o nosso amor;
entendes? para isso emprego quanto sei,
a ver se a todo o custo ainda alcançarei
um empréstimo novo (agora é o derradeiro).
Bem franco te falei; franqueza igual requero;
suponho que também o coração te diz,
Luísa, alguma coisa em prol de algum feliz...
Se é certo (praza ao céu!), comigo e Mariana,
deixando esta galé, sereis da caravana.

LUÍSA

Improvisa, poeta; eu, que terrestre sou,
gemo, curvo a cerviz, invejo-te, e cá vou
remando esta galé, já que uma estrela escura
me quis, órfã de mãe, fadar à desventura.
(Ouve-se dentro confusamente Harpagão a vociferar)
Mas saiamos daqui; vem lá o pai. Convém
que em lugar mais seguro a sós falemos. Vem.
*(Saem ambos pela segunda porta da esquerda;
fica o teatro vazio por um breve espaço).*

CENA III

Harpagão e Tomás.

(Vêm ambos da segunda porta da direita, Tomás fugindo, Harpagão trazendo-o diante si aos encontrões)

HARPAGÃO

Rua! rua! já na rua!
respondão! mal-ensinado!
Criado mais malcriado
nunca o houve.

TOMÁS (*à parte*)

Está com a lua.

HARPAGÃO

De mais a mais ratoneiro!

TOMÁS

Quem? eu?!

HARPAGÃO

Pois quem? eu? Tomás,
não se rouba só dinheiro.

TOMÁS

Eu que lhe roubo?

HARPAGÃO

És capaz
de negar (diz que não rouba)
que me sisaste do almoço
quase um palmo de alfarroba,
e vinte, ou vinte e um tremço?
Eu trago tudo contado.

TOMÁS

Que mais, senhor Harpagão?

HARPAGÃO

A quinze do mês passado,
um pedaço de sabão;
a dezesseis, sêneas.

TOMÁS

Sêneas!

ah! sim; foi pra me lavar;
sempre mãos limpas; livrar
de fazer entejo às fêmeas.

HARPAGÃO

A dezenove uma bula...

TOMÁS

Já rota.

HARPAGÃO

E mais uns cordéis.

TOMÁS

Para embrulhar uns pastéis...

HARPAGÃO

Pastéis! oh! monstro de gula!

TOMÁS

Mandou-me o senhor seu filho,
o senhor Júlio, o meu amo...

HARPAGÃO

Pois aquele peralvilho
gasta pastéis? até bramo!

TOMÁS

Nada, foi para um presente
que eu lhe levei a umas damas.

HARPAGÃO

Além de pastéis, madamas!
Cada vez mais excelente.

TOMÁS

Isso é com ele; adiante;
que mais lhe pilhei?

HARPAGÃO

Pilhaste
a vinte e dois, grande traste!
depois do almoço, tratante!
de dentro do açucareiro
três pitadas.

TOMÁS

O cigarro
tinha-me feito pigarro...

HARPAGÃO

Pois não cigarres, brejeiro,
perdulário!

TOMÁS

Uma pessoa
precisa-se distrair.

HARPAGÃO

Pois cace moscas.

TOMÁS

É boa!
E quando as não há?

HARPAGÃO

Dormir,
faltando em que trabalhar;
poupam-se solas e fato;
divertimento barato,
e inocente. Mas fumar!!!
fumar!!! fazer do dinheiro
um fumo, ou coisa nenhuma!!!

TOMÁS

Também o meu amo fuma.

HARPAGÃO

Fumo e pastéis! guapo herdeiro
que Deus me dá! Tal criado,
tal amo. Isto vai bonito!
Fora já daqui, repito;
rua! ou levo-te a cajado.

TOMÁS

A ordem do meu patrão
foi que eu o esperasse.

HARPAGÃO

A sua
talvez fosse; a minha então...

TOMÁS

Qual é?

HARPAGÃO

Que o esperes na rua.
Não quero aqui um espia
de quanto em casa se faz,
do que há e não há, capaz
de alguma malfeitoria!

TOMÁS

Que malfeitorias?

HARPAGÃO

Roubos,
se o queres mais explicado.

TOMÁS

Em curral que não tem gado
não têm que cheirar os lobos.

HARPAGÃO

Sempre resposta prontinha!

TOMÁS

Pois quer que eu não lhe responda,
se traz tudo à chave, e ronda
noite e dia a casa!

HARPAGÃO

É minha;
posso-a rondar quanto eu queira.
Espia tudo que faço! (*À parte*)
Queira Deus que este madraço
não me aventasse a melgueira! (*Alto*)
Capaz eras tu até
de andar nos teus conhecidos
espalhando... o que não é:
que há dinheiros escondidos
em minha casa.

TOMÁS

Pois há!?
não sabia; estimo.

HARPAGÃO

O quê? (*À parte*)
Asneei. (*Alto*)

Não me dirá
o que é que estima você?
É tolo ou faz-se? Eu não disse
que tinha nenhuns dinheiros;
perguntei se por tolice
tu lá com os teus companheiros
não andarias falando
de dinheiros amuados
em minha casa. Era um bando
deitado aos ladrões. Criados,
todos o são.

TOMÁS (*à parte*)
Que mania!

HARPAGÃO
Tu que é que rosnas, Tomás?

TOMÁS
Nada. Vossa Senhoria
não me dirá que me faz,
ou a mim ou a ninguém,
que tenha ou não tenha oculto
algum busilhão de vulto,
se dele não sai vintém?

HARPAGÃO (*ameaçando a Tomás com uma bofetada*)
Galras-me? ateimas na tua?
queres por força provar?

TOMÁS (*recuando e à parte*)
Daquilo sabe ele dar.

HARPAGÃO
Rua! repito-te, rua!

TOMÁS
E é já.

HARPAGÃO (*correndo a fechar a primeira porta da direita*)

Primeiro, alto aí;
hei de saber se este pilho,
digno servo do meu filho,
não leva escondida em si
alguma coisa furtada.

TOMAS

Que coisa furtada?

HARPAGÃO

Eu sei...
mostra cá, e eu te direi,
mostra...

TOMÁS

O quê? não levo nada.

HARPAGÃO

Vejo essa algibeira a impar;
mostra...

TOMÁS (*tirando do bolso uma tangerina*)

É uma tangerina.

HARPAGÃO

Quem te deu?

TOMÁS

Deu-me a menina
para me eu desjejuar.
Pergunte-lhe.

HARPAGÃO

Não preciso.
Tudo que há na casa é meu;
e se a menina lhe deu,
provou seu pouco juízo.

Dá, dá.

(Tira-lhe da mão a tangerina, mete-a na algibeira, e cobre-a com o lenço)

TOMÁS *(à parte)*

Abafada, *(alto)* pronto?*(À parte)*

E eu é que sou rapinante! *(Alto)*

Posso-me ir? findou-se o conto?
ou inda vai por diante?

HARPAGÃO

E o outro bolso?

TOMÁS

Vazio;

quer que o vire?

HARPAGÃO

Pois então?

desse é que eu mais desconfio,
por tais demoras.

TOMÁS *(revirando o bolso e sacudindo)*

Cotão;

assente no rol.

HARPAGÃO *(apalpando-lhe as botas)*

E aqui?

nas botas que enfardelaste?

TOMÁS

Os pés.

HARPAGÃO

Graceja, meu traste,
e tu verás...

TOMÁS *(à parte)*

Nunca vi
farejar furtos como isto.

HARPAGÃO

Botas largas em criados
são alforjes disfarçados,
invenção do demo.

TOMÁS

Visto?

HARPAGÃO

E o peito? desabotoa;
noto aí certo enchimento...
(*Desabotoa-lhe o colete, e apalpa-lhe o peito*)

TOMÁS (*dando guinchos agudos e rindo convulsivamente*)

Olhe que sou coceguento;
basta; largue; esta é que é boa!

HARPAGÃO (*medindo-o com os olhos de alto a baixo*)

Que tens nessa mão fechado?
restitui-me.

TOMÁS (*abrindo a mão*)

Eu, nada; aí tem.

HARPAGÃO

Mostra a outra.

TOMÁS

Aí vai também.

HARPAGÃO

E a outra?

TOMÁS

Não sou dotado
de mais de duas.

HARPAGÃO (*depois de meditar*)

Tomás,
tens alma?

TOMÁS

Cuido que sim.

HARPAGÃO

Crês que há inferno sem fim,
e nele te afundarás
se jurares falso?

TOMÁS

Creio. (*À parte*)
Fez-se agora padre cura.

HARPAGÃO

Então, Tomasinho, jura,
jura, sem nenhum receio,
que vais dizer-me a verdade.

TOMÁS

Juro.

HARPAGÃO

Tu furtaste, não?

TOMÁS

Não senhor.

HARPAGÃO

Na realidade?

TOMÁS (*com grande intimativa*)

Olhe, senhor Harpagão,
se lhe eu furtei, Deus permita
que antes de uma hora o senhor
tenha um ramo de estupor,
ou qualquer coisa esquisita.

HARPAGÃO

Põe-te a andar; some-te; rua,
ladrão! e não tornes mais.

(Sai Tomás pela primeira porta da direita)

CENA IV

HARPAGÃO só *(passeando dessorsegado de um lado para o outro)*

Que inferno é ter cabedais!
Quando a gente os encafua,
sempre os supõe bem guardados;
mas em saindo de ao pé,
são logo dez mil cuidados!
Eu cá, perco o sono até.
Se alguém mos aventaria!
Se adivinhassem! sei lá!
há tantos exemplos! se há!
E enquanto a gente vigia,
inda lá vai; mas dormindo,
não está o que é meu sem dono?
e não pode ir algum mono
atabafar-me? era lindo!
Que tal não ficava um homem,
se acordando antes do dia,
coas ralações que o consomem,
achasse a caixa vazia!!
Era logo pendurar-se,
Deus me perdoe!

Se eu pudesse
por tudo, muito ao disfarce,
fora a render! sim, se houvesse
certeza de algum banqueiro,
que não pudesse quebrar...
Mas qual! maldito dinheiro!

como és ruim de guardar!!

Dizem então: "burras! burras!
casa-forte chapeada!"
providências de caturras
que não pescam disto nada.
As burras e casa-forte
são até um chamariz...
Valha-me Deus! triste sorte
a de quem julgam feliz!

Tenho um milhão a render
no banco inglês; mas se a guerra
toda essa Europa envolver,
não pode ir o banco a terra?
Então, se estourando as silhas
a burra mãe me abalar,
poder-me-ei sequer tornar
a estas burrinhas filhas.
Por isso vou enterrando
já num, já noutra lugar;
isto é: vou multiplicando
razões de me atormentar.

E este meu costumezinho
de falar alto comigo!
nem que às vezes um vizinho
não possa ouvir o que eu digo!

CENA V

O mesmo, Luísa e Júlio.

(Os dois últimos saindo da segunda porta da esquerda, ficam conversando entre si ao fundo do teatro sem ser ouvidos)

HARPAGÃO *(continuando, no primeiro plano sem reparar neles)*

Mas também... por outro lado...
se eu consigo não falar...
a quem posso revelar
o que me traz desvelado?
Os quatro contos de réis
que ontem cobrei, e enterrei
ali no quintal... não sei...
O menino dos pastéis
tem cara de ter um farol!
E os moços!... valha-me Deus!
que farei?
(Reparando nos filhos e sobressaltando-se)
Pecados meus!
Jesus! agora reparo
que não estava só. Deus queira
que não me ouvissem; talvez;
talvez não!... ou sim!... Que asneira
pensar alto!
(Virando-se para os filhos, e fingindo que só agora é que os vê)
Ah! são vocês?...

JÚLIO

Sim, somos nós, meu pai.

HARPAGÃO

Não os senti chegar;
É um sestro que têm de andarem devagar!...
Tinham chegado há muito?

LUÍSA

Agora mesmo.

HARPAGÃO

Dou
que me ouviram falar.

JÚLIO

Quem? nós? se nos falou,
não ouvimos, meu pai.

LUÍSA

Certo que não.

HARPAGÃO

Luísa

não mintas; e nem tu. (*Para Júlio*)

Quer-se a verdade lisa: ouviram?

JÚLIO

Nós! o quê, meu pai?

HARPAGÃO

O que eu dizia

com os meus botões.

JÚLIO

E que era?

HARPAGÃO

Era que isto hoje em dia

in verbo coscorrinho é tudo uma desgraça;

não há pilhar ceitil, por mais que um homem faça!

exclamava eu então... (por força que me ouviram)...

LUÍSA

Eu não.

JÚLIO

Nem eu.

HARPAGÃO

Pois sim. Dizia: muitos giram

com milhões e milhões; e eu, que preciso tanto,

nem quatro contos posso aí coalhar a um canto!

JÚLIO

Vínhamos receando acaso interrompê-lo...

HARPAGÃO

Interromper-me! qual! chegaram muito a pelo;
entre filhos e pai deve reinar franqueza.

O que pensava a sós acerca da pobreza
de novo lhe repito, e é bom tê-lo presente:
os tempos não vão bem; vão mal; pessimamente;
que será o futuro? ainda se eu tivera
quatro contos de réis! quatro contos! quem dera!

JÚLIO

Nenhum de nós, meu pai, lhe pede contas.

HARPAGÃO

Não;

bem sei; isto é falar; é uma explicação
que eu a meus filhos devo, a fim de que os meus tontos
não julguem que esta casa é talvez a dos contos.

JÚLIO

Quem pensa tal! que fosse a casa até dos bicos,
nós que temos com isso?

LUÍSA

Eu não invejo aos ricos.

HARPAGÃO

E eu sim; só por vocês.

JÚLIO

Para que está com isso?
graças a Deus, tem muito; um cabedal maciço;
ninguém há que o não saiba.

HARPAGÃO

Eu! eu!

JÚLIO
Meu pai.

HARPAGÃO
Mentira.
Deus permita...

JÚLIO
Não jure; a praga que se atira
às vezes ricocheta.

HARPAGÃO
A súcia que isso espalha
são por força ladrões. Arreda, vil canalha!
Rico! eu rico!

LUÍSA
Meu pai, sossegue; que lhe presta
o estar-se a enraivecer?

HARPAGÃO
Eu rico! inda mais esta!
agora até são já meus filhos, o meu sangue,
que espalham que sou rico, e estranham que me zangue!

JÚLIO
Dizer que tem de seu é ser seu inimigo?

HARPAGÃO
É, sim senhor, pois que é? Quem vir como este amigo
por aí pimpa e luxa, e ouvir que eu tenho, assenta
que isto é vaza-barris; vem o diabo, atenta
alguma alma perdida, entra-me em casa, à espera
de ouro em pó; não no acha, assanha-se, pudera!
amordaça-me, e zás! coseu-me de facadas!
E a culpa de quem foi? das línguas depravadas,
e do luxo, repito, aqui do meu peralta.

JÚLIO
Que luxo?

HARPAGÃO

Bom cavalo, anéis, nada lhe falta!
alfinete de peito! alfaiate francês!
francesa a engomadeira! o sapateiro inglês!
teatros! que sei eu! já hoje mesmo eu disse
ali à sua irmã: com tanta garridice
isto afinal estoura, e muito breve!
Ingrilou-se-me toda; acha que um pai não deve
acudir aos seus bens, que vão pela água abaixo!
pois achem muito embora; eu cá é que não acho;
e hei de lhe enfim pôr cobro. Olhem-me aquele fato,
e comparem-no ao meu; sou eu que pago o pato;
por força; ele não tem!... não ganha!... não tirou
sorte grande, que eu saiba; eu, certo, lhe não dou...
(porque o não tenho); então, é claro como o dia,
que, seja como for, me extrai por qualquer via.
Tem as manhas da cobra: a cobra também mama,
tão velhaca e sutil, que não acorda a ama.

(Luísa, notando no irmão movimentos de impaciente com o insulto, faz-lhe sinal para que tenha mão em si)

JÚLIO *(em meia voz, e em rápido aparte para a irmã)*
Outrem que me afrontasse em minha probidade,
pagava-o logo, e caro; aqui, há imunidade.
(Alto para Harpagão e afetando serenidade)
Que lhe posso eu tomar? ou como?

HARPAGÃO
Eu sei!

JÚLIO
Mas rogo
que me ensine.

HARPAGÃO

E eu pergunto as suas rendas.

JÚLIO

Jogo.

A fortuna (talvez por ver-me desgraçado)
favorece-me; ganho; o ouro assim ganhado,
se havia de enterrá-lo ou despendê-lo em vícios,
vai logo alimentar as artes e os ofícios,
vestindo a minha irmã de um modo mais decente,
e a mim também; não devo inspirar tédio à gente.

HARPAGÃO

O que o senhor devia, uma vez que a fortuna
o favorece ao jogo, era, em vez de ir-se à tuna
desbaratar o seu, pô-lo a render. Dinheiro
cria dinheiro. Um cento é menos que um milheiro;
e como cem é bom, mil, que é dez vezes cem,
é dez vezes melhor. Calcula um só vintém
dez vezes a dobrar; (um só vintém; atenta;)
pode-te dar... dez mil duzentos e quarenta!
torna a dobrar por dez; calcula, e pasmarás!
são dez contos de réis...

JÚLIO (*sorrindo*)

Sim senhor! Já me apraz.

HARPAGÃO (*continuando*)

Quatrocentos...

JÚLIO

Melhor.

HARPAGÃO

Acrescenta, acrescenta
oitenta e cinco mil setecentos e sessenta,
Que tal!

JÚLIO

Acho bem bom. Quem os cá dera!

HARPAGÃO

Aí tens,
filho pródigo, aí tens o que é poupar vinténs.

JÚLIO

Tem razão.

HARPAGÃO

Toda. Então, digo eu, que se emprestasse
a cem por cem ao ano os ganhos que apurasse...
não andava pavão, mas era milionário.

JÚLIO

São gênios; não nasci no signo de usurário.

HARPAGÃO

Bem; não falemos mais em tais matérias. Vejo
que o signo em que nasceu foi o do caranguejo.
Falemos noutra coisa.

*(Reparando em que Júlio e Luísa estão fazendo sinais um ao outro,
querendo cada um que seja o outro quem encete a declaração; à parte)*

Ali anda tratada!

Mau! temos peditório. *(Alto)* O que é lá isso?

LUÍSA

Nada.

HARPAGÃO

Como nada? Eu não vi certos sinais?...

LUÍSA

O mano
precisava...

HARPAGÃO

De quê? (*À parte*) Nem chavo castelhano.

LUÍSA

E eu também precisava...

HARPAGÃO (*à parte*)

Um dardo. As precisões

já vêm aos pares! Bravo! esfolem-me, ladrões!

JÚLIO

Precisávamos... sim... falar-lhe...

LUÍSA

Ele queria

que fosse eu a primeira, e eu que fosse ele; eu ria,
ele teimava...

HARPAGÃO

Entendo; era o jogo do empurra. (*À parte*)

Temia que não fosse uma sangria à burra. (*Alto*)

Depois falarão disso; agora é mais instante
o que eu lhes vou dizer.

JÚLIO

Isto era um só instante:
era sobre o casar...

HARPAGÃO

Ouçam-me pois atentos,

que eu não lhes vou falar senão de casamentos.

LUÍSA (*muito triste*)

Ah! meu pai!

HARPAGÃO

Que meu pai! nem que ah! Forte esquisita!

Mal lhe falo em casar, logo se aterra e grita.

Não percebo tal medo. As mais, quando lhes falam em casar, vão-se aos céus, e todas se regalam.

JÚLIO

Creio que ela também; pois não é assim, Luísa? do casar sem amor é que ela se horroriza; com razão, que até eu, sendo homem, tremeria de dar à braga o pé; confesso a covardia.

HARPAGÃO

Vamos devagarinho; eu sei perfeitamente (e melhor que vocês, por mais experiente) o que é que lhes convém; mas não atrapalhemos; vamos por partes.

JÚLIO

Bem; pois diga; escutaremos.

HARPAGÃO (*para Júlio*)

Já viste uma senhora, aqui nossa vizinha, chamada Mariana? (E muito galantinha que ela é, benza-a Deus!)

JÚLIO

Vi, vi.

HARPAGÃO (*para Luísa*)

E tu?

LUÍSA

Já dela tenho ouvido mil bens: que é boa, quanto é bela.

HARPAGÃO (*para Júlio*)

Que tal te pareceu?

JÚLIO

Formosa, mui formosa!

HARPAGÃO

Cara linda, e de esperta.

JÚLIO

Esperta, e mui garbosa.

HARPAGÃO

Um ar... uns modos... hein?

JÚLIO

Admiráveis.

HARPAGÃO

Então

concordas, certamente, em que era uma união
muito de apetecer.

JÚLIO

Oh! se era!

HARPAGÃO

Enfim, mulher

para bem reger casa, e ser como se quer.

JÚLIO

Sem dúvida.

HARPAGÃO

Só lhe acho um senãozinho. Creio
que tem pouco de seu; parece-me...

JÚLIO

É receio

que nem deve lembrar. Virtudes e beleza
contrapesam de sobra outra qualquer riqueza.

HARPAGÃO

Lá tanto, não direi; o que porém te digo,

é que inda que não traga imenso haver consigo,
paciência! arranjar-se-á por outra qualquer via.

JÚLIO

Claro está.

HARPAGÃO

Pois meu filho, enches-me de alegria
com esse teu pensar, que é o meu exatamente.
Muito bem! Mariana...

JÚLIO

Ah! meu bom pai!

(À parte com alvoroço, para Luísa)

Consente.

HARPAGÃO

Mariana, pelos dons que ambos achamos nela,
de econômica, parca, amável, e singela,
cativou-me, e há de ser minha segunda esposa;
quer tenha, quer não tenha.

JÚLIO

O quê!?!?

HARPAGÃO

Que é lá?

JÚLIO

Pois ousa...

ousa, meu pai?!

HARPAGÃO

O quê?

JÚLIO

Pois quer?

HARPAGÃO (*depois de um breve silêncio*)

Perdeste a fala?

acaba; quero o quê?

JÚLIO

Deveras desposá-la?

HARPAGÃO

Quero.

JÚLIO

Meu pai!? meu pai!?

HARPAGÃO

Eu, eu; cem vezes eu.

Que admirações! que tem?

JÚLIO

Não sei o que me deu;

um vágado, suponho.

HARPAGÃO

O pote da cozinha

há de ter água; corre, e bebe; está fresquinha;

bebe um púcaro, ou dois, se tanto for preciso;

para vágados água; afoga-os de improviso.

(Sai Júlio pela segunda porta da direita)

CENA VI

Harpagão e Luísa.

HARPAGÃO

Rapazinhos de hoje em dia!

Não passam de uns reles nicos.

Até fanicos! fanicos!

Vistam saia.

Quando eu ia
dizer-lhe o belo casório
que lhe tenho preparado,
um vágadol! Cebolório! (*Para Luísa*)
Pois filha, tenho assentado:
eu caso com ela; dou
ao Júlio certa viuvinha
em que ontem se me falou,
e a ti o Anselmo, Luisinha.

LUÍSA
Anselmo!!

HARPAGÃO
Varão maduro,
de pouco mais dos sessenta;
uma burra succulenta;
gênio bom, parco, seguro...

LUÍSA (*fazendo mesura*)
Eu, com o devido respeito,
meu pai, não quero casar.

HARPAGÃO (*fazendo uma cortesia de escárnio, e arremedando Luísa*)
E eu minha flor, quero-a dar
ao noivo que tenho eleito.

LUÍSA (*repetindo a mesura*)
Queira meu pai desculpar-me;
não pode ser.

HARPAGÃO
A menina
queira também perdoar-me;
há de ser.

LUÍSA
A minha sina

não reza de tal. Se quer
que eu lhe chame encantador,
e até bruxo, sim senhor;
mas lá ser sua mulher...
(*Fazendo uma mesura*)
sou uma sua criada.

HARPAGÃO (*fazendo uma cortesia*)
E eu um seu humilde servo;
unicamente lhe observo,
que hoje mesmo a Anselmo é dada.

LUÍSA
Hoje?

HARPAGÃO
Hoje.

LUÍSA
Meu pai, não conte
com tal coisa.

HARPAGÃO
Minha filha,
repito-lhe que se apronte.

LUÍSA
Não me pilha.

HARPAGÃO
Olé se a pilha!
assim eu pilhasse agora
quatro contos.

LUÍSA
Não, não, não.

HARPAGÃO
Sim, sim, sim.

LUÍSA

Teime ele embora;
também eu teimo; verão;
ninguém me pode obrigar.

HARPAGÃO

Obrigo-te eu; tu verás.

LUÍSA

Matar-me-ei; sou mui capaz.

HARPAGÃO

Não morres, e hás de casar.
Viu-se nunca petulante
que assim a seu pai galrasse!

LUÍSA

Nem pai que tanto abusasse
da força...

HARPAGÃO

Recalcitrante
contra um arranjo excelente,
que o não há melhor!

LUÍSA

Não gosto.

HARPAGÃO

Aposto que toda a gente
o há de aprovar!

LUÍSA

E eu aposto
que ninguém tal aprovava.

HARPAGÃO

Não?

LUÍSA

Não.

HARPAGÃO

Que queres perder?
uma apostinha.

LUÍSA

Apostava.

HARPAGÃO

E eu também. Como há de ser?
eu ponho doze vinténs,
e tu esses brincos de ouro.
(*Vendo Luísa a sorrir*)
Se tanta certeza tens...

LUÍSA (*à parte*)

Um coelhinho por um touro. (*Alto*)
Mesmo assim, aceito.

HARPAGÃO

Espera.

LUÍSA

Que é?

HARPAGÃO

Primeiro deposita.

LUÍSA

Não fujo.

HARPAGÃO

Bem sei; pudera!
Enfim, dás palavra? (*À parte*) Hesita.

LUÍSA

Dou palavra, dou.

HARPAGÃO

Vem gente.

Queres tu? seja quem for,
eis o árbitro.

LUÍSA

Excelente. (*À parte*)

Venço.

HARPAGÃO (*à parte*)

Fico vencedor.

CENA VII

Os mesmos e Duarte (que vem da segunda porta da direita).

HARPAGÃO (*continuando o à parte*)

Bravo! o meu confidente! apanho as arrecadas. (*Alto*)

Vem aqui, meu Duarte; e muito boas fadas
que te mandaram cá. Vais ser nosso juiz:
quem é que tem razão? ela, ou eu?

LUÍSA (*para Duarte*)

Meu pai diz...

HARPAGÃO

Ela nega...

LUÍSA

Eu ateimo...

HARPAGÃO

Eu sustento...

DUARTE

O patrão,

(já percebo) é que tem carradas de razão.

HARPAGÃO

Sabes de que se trata?

DUARTE

Exata, exatamente,
não sei; sei que ao senhor nunca lhe entrou na mente
coisa desarrazoada.

HARPAGÃO

E não. Aí vai o caso:

DUARTE

Venha lá.

HARPAGÃO

Digo-lhe eu que hoje, hoje mesmo, a caso
com um sujeito de bem, riquíssimo; e a mofina
põe-se em bicos de pés, e diz que não assina.
Que me dizes a esta?

DUARTE

Eu?

HARPAGÃO

Tu.

DUARTE

Hã, hã!

HARPAGÃO

Que é?

DUARTE

Digo...

(Luísa faz um gesto de enfado)
que na essência... o senhor...

HARPAGÃO

Que em suma, estás comigo.

(Durante esta e as seguintes falas de Duarte, fazem contracena muda Harpagão e Luísa, carregando cada um deles o semblante, ou alegrando-se, sempre em sentido contrário do outro, à proporção que os dizeres de Duarte lhes fazem feição, ou deixam de lhe fazer)

DUARTE

Sim, o senhor na essência era impossível...

HARPAGÃO

E era.

DUARTE *(continuando)*
que resolvesse à doida.

HARPAGÃO *(para Luísa)*
Apanha lá, pantera.

DUARTE

Mas agora também por outro lado, entendo que o que a menina diz não é despiciendo de todo em todo.

LUÍSA *(para Harpagão)*
Aí tem; aí tem.

DUARTE

Por conseguinte,
salvo melhor juízo...

HARPAGÃO

Achas que dá no vinte
uma pobre de Cristo, e que só tem de seu
o palminho da cara, achando...

LUÍSA *(à parte)*
Um camafeu.

HARPAGÃO *(continuando)*
um marido ricoço, ilustre, já sisudo,

e não mal parecido, enfim (para ter tudo)
viuvinho sem nota, e sem filhos? pergunto:
predicados assim onde é que os viu por junto?

DUARTE

Não lhe vou contra isso. O que ela poderia
retrucar-lhe, era só...

HARPAGÃO

Que me retrucaria?

DUARTE

Eu sei! talvez dissesse: a eleição de um consorte
é coisa muito grave, e não se entrega à sorte;
deve-se em todo o caso ouvir o coração;
aliás...

HARPAGÃO

Deixa falar. Que é lá inclinação?
novelas; poesia. Ocasões como esta,
é colhê-las no ar. E inda o melhor da festa
não no sabem vocês: é que ele se me obriga
a tomar (notem bem) sem dote a rapariga.

DUARTE

Sem dote!

HARPAGÃO

Sim senhor; sem dote.

DUARTE

Essa embatuca.
e mete os tampos dentro.

HARPAGÃO

Agora que retruca?

DUARTE

É de arriar bandeira.

HARPAGÃO

Economia imensa
para quem não é rico.

DUARTE

Olé se é diferença!
O que ela há de objetar talvez (digo eu cá isto)
é que em se dando o nó, nem que viesse Cristo
não há mais desatá-lo; e sendo a escolha errada,
lá fica até à morte a vítima infernada.

HARPAGÃO (*exclamando para si*)

Sem dote!!

DUARTE

É uma razão a que se não replica;
bem vejo. Alguma gente é que há de vir com a nica
de dizer que o casar, não sendo obrigação,
não se deve fazer sem mútua inclinação;
e que ninguém se lembra, inda que o demo o queira,
de unir estio e inverno, um cepo e uma roseira;
e que enlaces assim provam mal, de ordinário.

HARPAGÃO

Sem dote!!

DUARTE

Sim senhor, quem lhe diz o contrário?
isso é uma razão de escacha-pessegueiro;
inda que há muitos pais amigos do dinheiro,
que antes de o calcular calculam muito ao sério
onde a filha irá ter: se a céu, se a cemitério.

HARPAGÃO

Sem dote!!!

DUARTE

A coisa é essa.

HARPAGÃO (*olhando para a porta do fundo, e à parte*)
A modo que dei fé
de um vulto no jardim! mau! corro a ver o que é. (*Alto*)
Não saiam, que eu já venho. (*À parte*)
Ai! meus dez mil cruzados!
Se alguém mos sonharia! isto é que são cuidados!...
(*Vai-se apressado pela porta do fundo*)

CENA VIII

Luísa e Duarte (depois de darem tempo a que o pai já os não possa ouvir, e tendo estado a olhar ambos para a porta do fundo)

DUARTE

E esta!

LUÍSA (*picada, e depois de pausa*)

E esta! inda não creio
no que lhe ouvi. (*Pausa*) Concordar
em tal coisa! (*Pausa*) Não me dar
razão a mim!

DUARTE

Foi receio
de exasperá-lo inda mais,
e abrir-lhe os olhos talvez.

LUÍSA

Fê-la bonita, oh! se fez!
E agora? receios tais
num lance extremo! no lance
de nos salvar ou perder!
(*Em tom irônico*)
Adeus! quando não me alcance,
há mais por onde escolher.

DUARTE

Quanta prudência é precisa

para escutar uma injusta,
uma zelosa!

LUÍSA

Sim; custa;
por isso a entrega.

DUARTE

Oh! Luísa!

Pois tu não vês que ir-me opor
de cara a cara ao seu plano
era matar logo em flor
o fruto por que me afano?
Gênios que à razão não saem,
não se hão atacar de frente;
põe-se-lhes cerco paciente,
mina-se, espera-se, e caem.

LUÍSA (*com muita aflição*)

Mas como esperar, Duarte,
se é hoje mesmo...

DUARTE

Não sei;
é procurar traça, ou arte,
de espaçá-lo. Buscarei.
E tu procura igualmente.

LUÍSA (*depois de pausa longa*)

Não há; não me ocorre nada.

DUARTE

Se te fingisses doente?

LUÍSA

Vinha o médico, a tratada
era logo descoberta,

via-me sã como um pêro.
Valha-me Deus! que exaspero!

DUARTE

Pois médico algum acerta
com o que está dentro da gente!
pode haver males sem febre;
qualquer com ar de sapiente
te engole gato por lebre.
O mais que podem fazer,
por não desonrar o emprego,
é dar ao teu padecer...

LUÍSA

Um remédio?

DUARTE

Um nome grego.

CENA IX

Os mesmos e Harpagão (que volta da porta do fundo).

HARPAGÃO *(à parte)*

Nada foi, Deus louvado!

DUARTE *(sem haver ainda atentado em Harpagão)*

Enfim, se não houver
outro modo, é fugir, e ser minha mulher.
Tens valor, minha estrela?

LUÍSA *(com muita firmeza)*

Eu tenho.

DUARTE *(reparando em Harpagão, mas continuando como se o não tivera visto, e fazendo com os olhos sinal a Luísa para que dissimule também)*

Não me sai
deste argumento: um pai é pai ou não é pai?

é pai; quem há que o negue? E a filha não é filha?
é; logo, a filha boa ao seu bom pai se humilha. (*À parte*)
Estou como os do grego.

(*Alto para Luísa, e ainda com mais intimativa*)

Uma donzela (entende?)

aceita, e não escolhe; escolher quê? pretende,
sem uso algum do mundo, e só com os seus sentidos,
dar a seu pai lições acerca de maridos? (*À parte*)

Bom; cada vez mais grego! eu, se isto dura, espero
vir ainda a desbancar ao próprio padre Homero.

(*Alto para Luísa, e cada vez com mais fogo*)

Pesou já bem, pesou... (senhora não me esgote
de todo a paciência) esta razão: sem dote!?

Sem dote!! uma menina esperta, e de pudor,
lança as mãos ambas logo, e, seja como for,
apanha a veniaga. Amor! essa é que é bela!
engorde com a ternura o caldo da panela.

HARPAGÃO

Bravo! isso é que é falar que nem o melhor livro.

DUARTE (*fingindo-se sobressaltado com a aparição do amo, e confuso*)

Tenho este mau costume, e dele não me livro:
digo sempre o que entendo, e às vezes brutaemente;
perdoe-me o patrão, se passo de imprudente
em vir intrometer-me onde ninguém me chama,
e em falar tão severo aqui à minha ama;
que eu não sei se o senhor ouviu ou não.

HARPAGÃO

Ouvi.

Aprovo, e muito louvo; até delego em ti
o meu poder paterno acerca desta louca,
já que às minhas razões tem sido sempre mouca;
sê tu seu vice-pai com plena autoridade;
tens mais paciência que eu, zelo, e juízo.

LUÍSA

Eu...

HARPAGÃO

Há de

obedecer-lhe em tudo, e não me remenique.

(Para Duarte)

Faze-lhe a operação da catarata.

(Para Luísa que vai retirar-se)

Fique,

e tenha-me juízo.

DUARTE

Isso há de o ter; sossegue.

Cá está sombra fiel, que a toda a parte a segue.

(Ouve-se da banda do jardim, mas ao longe, um assobio dos que o rouxinol expede antes de repenicar a cantiga)

HARPAGÃO

Ouvi um assobio a modo... Não sentiram?
da banda do pomar?

DUARTE

Algum pássaro.

(Ouve-se segundo assobio)

HARPAGÃO

Ouviram?

tão claro!

DUARTE

O rouxinol (talvez) que este ano veio
morar no laranjal.

HARPAGÃO

Que rouxinol? não creio;
antes algum sinal (sei cá?) de ratoneiro,

a convocar mais sùcia ao faro de dinheiro.
Vai ver, Luísa, vai, se da tua janela
avistas novidade; é bom toda a cautela.

(Sai Luísa pela segunda porta da esquerda)

CENA X

Duarte e Harpagão.

(Ouve-se cantar o rouxinol. Harpagão e Duarte ficam por algum espaço a escutar)

DUARTE

Era o rouxinol; pois que era?
não no ouve? e trina! trina!
Nada chega à primavera.

HARPAGÃO

E o verão? esse é que é mina!
noites tão claras e breves,
que até se dispensa luz.

DUARTE

E roupa na cama.

HARPAGÃO *(com entusiasmo)*

Deves
ser meu amigo.

DUARTE *(com entusiasmo igual)*

Jesus!
se o sou, senhor Harpagão!
isso é uma simpatia!...

HARPAGÃO

A gente em irmãos confia;
vou-te falar como irmão. *(Pausa)*

Tive uma ideia famosa;
hás de aprová-la.

DUARTE
Decerto.

HARPAGÃO
Vem ouvir aqui mais perto;
e segredinho!

DUARTE
Essa prosa
é que se pode escusar;
sou um cofre de segredo.
A ideia! nada de medo.

HARPAGÃO (*depois de meditar um instante*)
Duarte, sabes ladrar?

DUARTE
Ladrar!!

HARPAGÃO
Ladrar.

DUARTE
Imagino
que há de ser fácil; eu sei!

HARPAGÃO
Depois examinarei
se tens bom órgão canino;
mas há de ter.

DUARTE
Suponhamos.

HARPAGÃO
Este grande quintalão

tão entaipado de ramos
precisa de noite um cão.

DUARTE
E precisa.

HARPAGÃO
Os cães de fila
custam caro; e comem! comem!
cada um mais do que um homem,
que é o que mais me quizila.

DUARTE
Também a mim.

HARPAGÃO
Nota-me isto:
calculei: come um cãozinho
por ano...

DUARTE
Chagas de Cristo!

HARPAGÃO
Dez moedas e um quartinho.

DUARTE
Fora! que bruto!

HARPAGÃO
É verdade.
Deixemo-nos pois de cão.

DUARTE
Acho-lhe toda a razão.

HARPAGÃO (*com complacência*)
Grande homem! já nesta idade!
Ladraremos no quintal,

tu uma noite, outra eu.
Não é que eu tenha de meu
enterrado nem real;
mas sempre é bom.

DUARTE
Olá se é!
Tem-se a casa mais segura.

HARPAGÃO
Aprovas?

DUARTE
E louvo até.

HARPAGÃO
Abraça-me! Que ternura
que tu me inspiras, Duarte!
és, és um homenzarrão...

DUARTE (*à parte*)
Com uma patente de cão.

HARPAGÃO
Dou-te neste emprego parte,
só porque me vou casar;
quando não, tomava a mim
todas as noites ladrar;
não queria outro mastim.

CENA XI

Os mesmos e Luísa (que vem da segunda porta da esquerda).

LUÍSA
Nada se avista; nada.

HARPAGÃO

Eu tenho de sair
a ver certa pessoa.

DUARTE (*para Harpagão, confidencialmente*)

Adeus colega; e é vir
depressa; entende?

HARPAGÃO (*para Duarte, também confidencialmente*)

Bem; tenho o primeiro dia;
amanhã serás tu. (*Indicando Luísa*) Fica-lhe de vigia;
e eu vou sempre outra vez correr esse quintal.

(*Conserta diante do espelho o laço da gravata, e assenta com o braço o pelo do chapéu ruçado*)

DUARTE (*entretanto a Luísa*)

Pois agora, menina, é vida nova; em tal
escusa de pensar; quer queira quer não queira,
há de casar.

(*Aqui puxa Harpagão do bolso um pente desdentado, e põe-se diante do espelho a riçar com ele a peruca*)

Um pai, que sob a cabeleira
esconde cãs, miolo, e tanta experiênciã,
e que tão bem lhe quer, tem jus a obediência;
não há mais refilar-lhe.

HARPAGÃO (*à parte*)

Assim; assim.

DUARTE

E então
sem dote!

HARPAGÃO (*à parte*)

Justo.

DUARTE

E pensa o que é sem dote?

LUÍSA

Não?

mas hei de pensar nisso.

HARPAGÃO (*à parte*)

Aposto que hoje a bela

vendo-me há de sorrir, se estiver à janela.

Lindas flores que eu vi abertas na roseira!

DUARTE (*a Luísa*)

Pois aí está.

HARPAGÃO

Vou pôr uma aqui na botoeira.

(*Sai pela porta do fundo*)

CENA XII

Duarte e Luísa

DUARTE

Que me dizes, que me dizes,

Luísa, à nossa ventura?

LUÍSA

Inda a não julgo segura.

DUARTE

E eu já nos dou por felizes.

LUÍSA

Pobre pai! quanto eu não dera

para podê-lo inda amar!

O amar a um pai deve dar

tanto gosto! (e eu sou pantera!)

DUARTE

Quando nós formos esposos,
mãe e pai de netos seus,
vingar-nos-emos ditosos
amando-o.

LUÍSA

Permita Deus!
é tudo quanto lhe peço.

DUARTE

E há de obtê-lo.

LUÍSA

Ou talvez não.

DUARTE

Receios em tanto excesso
não ficam mal?

LUÍSA

Ficarão;
mas tu chamá-los receios,
e eu remorsos.

DUARTE

Quando vês
que tudo aos nossos anseios
corresponde, e é já talvez
para nos coroar, que o maio
se está desatando em flores,
(*Apontando para o jardim, onde o rouxinol está cantando*)
e o rouxinol trina amores,
epitalâmio de ensaio...

LUÍSA

Ah! como o meu pobre irmão?
também poeta?

(Ouve-se ladrar no quintal)

Escutar;
que é aquilo?

DUARTE *(rindo)*

Um novo cão,
que anda aprendendo a ladrar.

ATO II

CENA I

Júlio e Tomás.

JÚLIO

Por onde andaste até agora?
e eu à tua espera aqui
de empada há mais de uma hora!

TOMÁS

Isso logo eu discorri;
mas a culpa não foi minha;
foi do senhor Harpagão.

JÚLIO

De meu pai! ele que tinha
com o esperares-me ou não?

TOMÁS

Mandou-me esperar na rua;
bem sabe o que ele é.

JÚLIO *(à parte)*

Sei, sei. *(Alto)*

O de que eu te encarreguei
faz-se? progride, ou recua?

Dei-te pressa; pois a pressa
agora é muito maior;
tenho um rival; e o pior
é que é meu pai.

TOMÁS

Ora essa!
ele! o pai! apaixonado!
seu rival o pai!!

JÚLIO

Sim, sim.
Quando ele me disse a mim,
também eu fiquei pasmado;
quase que tive um desmaio!
custou-me a dissimular!

TOMÁS

Ele amar! amar! amar!
cantou-lhe o cuco este maio!

JÚLIO

Isto só a mim.

TOMÁS

Diz bem;
mas ouvindo-lhe esse amor,
por que motivo o senhor
lhe não disse o seu também?

JÚLIO

Pedaço de asno! Querias
que eu descobrisse o meu jogo?!
Assim, com mais desafogo
posso ir procurando vias
por onde sem arruídos
eu vença, e o livre afinal
da ideia descomunal

de entrar no rol dos maridos.
Mas que resposta me trazes?

TOMÁS

Pedir emprestado é triste.
Por coisas passam rapazes
com os usurários!...

JÚLIO

Desiste
da pregação importuna,
que não me achas de maré.
Emprestam, ou não?

TOMÁS

O que é,
é que o tal Simão Fortuna,
o do escritório da agência
que nos foi recomendado,
sujeito de consciência,
fala mansa...

JÚLIO

Está louvado;
que fez?

TOMÁS

Disse-me que tinha
engraçado com o meu amo;
que lhe achava uma carinha...

JÚLIO

Sim senhor, também o eu amo;
adiante; desempacha;
arranja os dez mil cruzados?

TOMÁS

Arranja, estão arrançados;

mas com cláusulas; se as acha
justas e a seu gosto, aceita,
e é logo o ourinho na mão;
aliás...

JÚLIO
Aliás?

TOMÁS
Se as rejeita,
fica na mesma.

JÚLIO
Um pingão!

TOMÁS
Justo.

JÚLIO
E levou-te a falar
ao que há de dar o dinheiro?

TOMÁS
Devagar; mais devagar;
há suas nicas primeiro;
porque assim como o senhor
deseja oculto o seu vulto,
também o prestador
quer ter o seu vulto oculto;
percebe?

JÚLIO
Eu não.

TOMÁS
São mistérios;
coisas lá da sinagoga;
cabra-cega que se joga
entre dois sujeitos sérios.

Nem diz seu nome, nem quer
que lhe fale em sua casa;
hoje a um colóquio o empraça,
mas é noutra de aluguer;
entende?

JÚLIO
Menos ainda.

TOMÁS
Toda a cautela acha pouca;
quer-lhe ouvir da própria boca
um *kyrie* que nunca finda:
que tem, o que espera ter,
quem é, os seus pais quem são,
e se há testamento ou não,
e como é o seu viver...
confissão geral em suma;
e depois talvez que não;
quem diz filho de Harpagão
deu mil seguranças numa.

JÚLIO
E minha mãe faleceu;
e eu tenho um quinhão na herança;
tem, tem toda a segurança
de que não arrisca o seu.

TOMÁS
Isso tem; mas se consente,
vou ler o que o mutuador
ao amigo nosso agente
neste papel mandou pôr.
São certas cláusulas prévias,
que podem quadrar-lhe ou não;
se lhe quadram, bem; subscreve-as;
se não lhe quadram...

JÚLIO
Que são?

TOMÁS (*lendo*)
Primeiro: exige o mutuante
quantas cauções possa haver,
para seu sossego.

JÚLIO
Avante;
dou-lhas, e cumpro um dever.

TOMÁS (*lendo*)
Segundo: o mutuário quer-se
que seja maior.

JÚLIO
Já sou.

TOMÁS (*lendo*)
que não jogue, que não verse,

JÚLIO (*à parte*)
Algun poeta o logrou. (*Alto*)
Eu verso, mas não publico;
posso-o negar; fiz a vaza.

TOMÁS (*lendo*)
Terceiro: que seja casa
choruda e sólida.

JÚLIO
Fico
por que a nossa o satisfaça.

TOMÁS (*lendo*)
Quarta: quer-se obrigação
muito clara, e que se faça
por mão do tabelião

mais honrado, o qual será
da escolha do mutuante.

JÚLIO

Também não me oponho; vá.

TOMÁS (*lendo*)

Quinto: (*falando*) O quinto é que é chibante
(*Continuando a ler*)

Declara o prestador,
por ser bom cristão e humano,
que empresta a soma que for,
a cinco por cento ao ano.

JÚLIO (*contentíssimo*)

Bravo! que homem!

TOMÁS (*continuando a ler*)

Todavia,
como não tenha ao presente
a necessária quantia
para este empréstimo urgente,
e por isso há de ir tomá-la
doutro mão, em que lhe pês,
a qual mão só pode dá-la
a cinco por cento ao mês,
o primeiro mutuário (*falando*)
isto é: vossa senhoria, (*continuando a ler*)
obriga-se...

JÚLIO

Que usurário!

TOMÁS (*lendo*)

por uma e outra quantia; (*falando*)
pelos dois juros; percebe?

JÚLIO

Percebo; que ladroeira!

TOMÁS (*falando*)

Bebe azeite.

JÚLIO

Aqui não bebe;
não caio em tal ratoeira.

TOMÁS

Pense, e faça o que entender.
Eu também acho...

JÚLIO

Acha o quê,
grande burro? então você
não acaba de entender
que neste apuro infernal
me é forçoso estar por tudo?

TOMÁS

Isso disse eu mui sisudo
ao nosso amigo, tal qual.

JÚLIO (*apontando para o papel*)

Que mais propõe essa malta?
essa quadrilha? Que amigo!
Conclui.

TOMÁS

Concluo; só falta
um tudo-nada de artigo: (*Lendo*)
Sexto enfim: o mutuante,
por míngua de numerário,
só dará ao mutuário
metade em metal sonante;
mas dá-lhe a outra metade

em trastes, móveis, e joias
de grande valor.

JÚLIO

Tramoias!
se eu fosse adelo...

TOMÁS (*falando*)

É verdade;
eu logo o disse também;
mas ouça o rol do bazar.

JÚLIO

Que grande judeu!

TOMÁS

É bem,
bem da tribo de ensacar.
(*procurando no papel o artigo*)
Et caetera, coisas e loisas,
que lhe dá o mais barato
que lhe é possível as coisas,
e inda perde no contrato...
Aqui está; ouça: (*lendo*) Um armário
de belo charão da China:
custou em novo a um templário
quinhentos mil réis.

JÚLIO (*irônico*)

Que mina!

TOMÁS

Só lhe carrega em trezentos. (*Lendo*)
Uma espada, que se diz
fora do Mestre d'Avis;
dezoito mil e duzentos.
Três bonecas de alabastro,
que se afirma com certeza

que estavam sobre uma mesa
na sala de Inês de Castro;
cada uma, três quartinhos.
Um viveiro de canários;
moeda. Dois relicários
com seus labores d'anjinhos;
nove mil réis. Uma banca
de pau-santo bem lavrado;
cem mil.

JÚLIO

Tens reparado
se aí vem alguma tranca?

TOMÁS (*falando*)

Mas arranja-se.

JÚLIO

E que mais?

TOMÁS (*lendo*)

Um manicórdio bonito
do gosto mais esquisito.
Uma tina e seis missais;
trezentos mil réis por tudo;
e inda abate oito tostões.
Um leito com as armações
bordadas, e de veludo.

JÚLIO

Olha que eu já te não vejo!

TOMÁS

Paciência; mais um pouco. (*Lendo*)
Item: mais um realejo
quase inteiro. Item: um coco
esculpido, e com o seu cabo.

Um painel de autor antigo,
mas sem nome.

JÚLIO
Oh! que diabo!
e dizes tu...

TOMÁS (*falando*)
O que eu digo
é que atenda, (*lendo*) Esta pintura
foi noutro tempo magana;
mostrava a casta Susana
a entrar no banho; hoje é pura;
deu-lhe um pouquinho a traça,
e então deixou-a decente;
de modo que inda tem graça
sem fazer corar a gente, (*Falando*)
Um ovo por um real. (*Lendo*)
Cem mil réis; e abate um pinto.

JÚLIO
Basta; em mais já não consinto.

TOMÁS (*falando*)
Pouco falta. (*Lendo*) Um animal
das Índias, ou dos Brasis,
que assusta mesmo empalhado.
Um lambique em bom estado,
com os competentes funis.
Com os preços já o não canso;
aqui os traz cada objeto.
(*lendo*) Um gamão quase completo;
um sino; um macaco manso.
O retrato de um penetra;
um cofrezinho vazio;
Um bom tonel, sem bafio;
um xairel, um xale, *et caetera*.
Destes valores somados

inda abate o mutuante
dois por cento...

JÚLIO
Oh! sacripante!

TOMÁS (*lendo*)
pela alma dos seus finados.

JÚLIO
Tudo isso que valeria
quando eu pudesse vendê-lo?
a pele desse camelo
é que eu mercava. Queria
regalar-me a espezinhá-la.
Que infâmia! como se abusa
de quem precisa, e se rala
sem poder!...

TOMÁS
Lá entra a musa
com a solfa usada dos pobres.

JÚLIO
Caí nas garras de um urso.

TOMÁS (*encolhendo os ombros*)
E então?

JÚLIO
Vê lá se descobres,
se inventas algum recurso.

TOMÁS
É que não há.

JÚLIO
Nada?

TOMÁS

Nada.

JÚLIO

Força-me pois o onzeneiro
a aceitar pouco em dinheiro,
e infinito em tralhoadas.

(Depois de pensar um pouco)

Que remédio?

TOMÁS

Aceita?

JÚLIO

Aceito.

Que fera! dou-me a partido;
que hei de fazer? mais perdido
fico ainda, se rejeito.

E um náufrago não se aferra
a um junco podre? *(À parte)* Ah! Mariana!

TOMÁS

Essa estrada, se a não erra,
leva-o direito a pantana;
desculpe-me o atrevimento.

JÚLIO *(à parte)*

A culpa é do negro amor.

TOMÁS

Sempre assim foi; o avarento
produz o dissipador.

JÚLIO

E dizem; maus filhos!

TOMÁS

Acho
que às vezes bem sem razão.

JÚLIO
Pois não é?

TOMÁS
Como diacho
se há de ter muita afeição
a quem nenhuma nos mostra,
devendo-a ter infinita?

JÚLIO
Quem a natureza arrostra
não acuse a quem o imita.
Ser um pai que lance a gente
neste lago dos leões!

TOMÁS
Não é por eu estar presente,
nem por ser de presunções,
mas tenho um bom natural.
Mesmo assim, sendo eu pessoa
que nunca furtei real,
tomava por obra boa
(Deus me perdoe se isto o ofende)
roubar ao senhor seu pai,
e dar a meu amo; entende?

JÚLIO
Dá cá o papel.

TOMÁS
Aí vai.

JÚLIO
Quero-o ler eu próprio.

TOMÁS
Espero?

JÚLIO
Espera.

TOMÁS
Assina?

JÚLIO
Verei.

TOMÁS
Quer ainda pensar?

JÚLIO
Quero.
Inda não sei bem; não sei.

*(Vai sentar-se à mesa, que está por trás do biombo no fundo do teatro.
Tomás fica em pé ao seu lado.)*

CENA II

Os mesmos, Harpagão e Simão Fortuna (que vêm ambos da primeira porta da direita).

SIMÃO
Sim senhor, como digo é um rapazote guapo,
bem falante, cortês...

HARPAGÃO
Isso não me enche o papo;
avante; que pretende?

SIMÃO
Está num grande apuro;
quer por força dinheiro.

HARPAGÃO
E acha que irei seguro?
Veja lá, veja lá, senhor Simão Fortuna;

há tanto menino por aí que vive à tuna!...
À sua conta o deito; e lembre-lhe que a gente
só tem dois dias cá, e inferno eternamente.

SIMÃO

Bem se sabe.

HARPAGÃO

Ora pois, torno-lhe a perguntar:
acha a coisa sem risco?

SIMÃO

Eu ia até jurar.

HARPAGÃO

E apostava?

SIMÃO

Isso não, não gosto de apostar.

HARPAGÃO

Ele que posses tem? como se chama? disse
o apelido da casa? o meu amigo ri-se?
de que se ri? de quê?

SIMÃO

Pudera não me rir!

já dez vezes ou mais, lhe estive a repetir
que o não conheço a fundo; entrou-me lá na agência
muito recomendado; aceitei-lhe a incumbência
de achar-lhe empregador; agora o mais pertence
ao meu ilustre amigo; ouça-o, inquiria-o, pense,
e faça o que entender. Lá que o julgo capaz,
isso julgo; abonou-me o nosso André da Paz;
mas lavo as minhas mãos; caso a coisa se grude;
tenho os tantos por cento, aliás haja saúde.
O que me dão por certo é ser casão de arromba;
e a mãe já falecida.

HARPAGÃO

E ele herda?

SIMÃO

Nada! zomba!

seus cem contos ou mais.

HARPAGÃO

Bom; bom; já não é feio.

SIMÃO

O próprio André da Paz deu-me a entender (e eu creio) que o senhor Harpagão, querendo, poderia pôr entre as condições, que o pai lhe morreria dentro de um mês ou dois; há tempos, num contrato já se lembrou de o pôr.

HARPAGÃO

E o cão lambeu-me o prato por tal sinal; enfim, senhor Simão, a gente deve como cristã valer num caso urgente; foi sempre a minha regra.

SIMÃO

É tal qual; eu por mim, cá no meu fraco giro, a todos falo assim.

TOMAS (*em voz baixa para Júlio*)

Olhe o Simão Fortuna ali com o pai!

JÚLIO (*baixo para Tomás*)

Dar-se-á

que me denunciasses, e que tu mesmo...

TOMÁS

Eu cá!

eu cá trair meu amo!!!

SIMÃO (*reparando em Tomás*)

És tu?! donde soubeste
que a tal casa era aqui?

(*Para Harpagão*)

Eu não lhe disse. Peste
me rape antes de um credo...

HARPAGÃO (*baixo para Simão, e sacudindo-o colérico pela gola do
vestido*)

Ah! meu Simão Fortuna,
que te leva o diabo!

SIMÃO

Espere, alma gatuna;
não me empolgue; jurei, juro-lhe, e até aposto
que não o descobri.

(*Em tom desconfiado*)

Eu disto assim não gosto;
falesmos com juízo. (*À parte*) Abana com uma gana!...
nem que eu fora figueira.

HARPAGÃO (*à parte*)

Até este me engana!

SIMÃO

No nome do senhor, nem boquejei, repito;
nem falei de tal casa.

HARPAGÃO (*à parte*)

Arranjo tão bonito
foi-se pela água abaixo!

SIMÃO

Escusa agoniar-se,
e estar-me consumindo; acaba-lhe o disfarce
uma hora mais cedo; isso que tem? Contudo,
falasse quem falasse, eu cá por mim fui mudo.
O senhor que receia? o meu recomendado

é pessoa capaz; verá; pode a seu grado
explicar-se com ele; e nada de refolhos!
é pão pão, queijo queijo.

(Júlio, ao levantar-se arrebatadamente para aparecer, deixa cair o biombo)

HARPAGÃO

Enganam-me estes olhos,
ou sonho?! Pois é Júlio?!...

SIMÃO

Aqui o tem presente,
meu senhor Harpagão, o nosso pretendente.

HARPAGÃO

E és tu, filho malvado?

JÚLIO

E é meu pai?!...

HARPAGÃO *(continuando a fala)*

quem se liga
com estes tratos?

JÚLIO *(continuando a sua)*

quem a tratos tais me obriga?

(Fogem, Simão pela primeira porta da direita, Tomás pela segunda do mesmo lado)

CENA III

Harpagão e Júlio (a sós).

HARPAGÃO

Queres deitar-me a perder,
vergonha da minha cara?

JÚLIO

Com a sua avareza rara
quer-me obrigar a morrer?

HARPAGÃO

E ousas inda apresentar-te
a um pai? (De horror me confundo).

JÚLIO

E ousará meu pai destarte
jamais apresentar-se ao mundo?

HARPAGÃO

Não te coram essas faces
de tanta relaxação?
Como é crível que chegasses
a pôr na ideia, ladrão,
desbaratar de repente
o fruto de mil suores
dos teus honrados maiores!

JÚLIO

E meu pai? meu pai não sente
vergonha de deslustrar
seu sangue, e o nosso apelido,
com esse trato escondido?
com essa usura sem par?
com essa falta de entranhas?
com essa mesquinheria?
com má fé, burlas e manhas,
de que até Judas riria?

HARPAGÃO

Sai-te já de ante os meus olhos,
patifão! Quem tem um filho...

JÚLIO

Já sei de cor o estribilho:

tem um coroa de abrolhos.
E quem tem pai que o imola,
tê-la-á talvez de flores?

HARPAGÃO

Que falar de mariola!

JÚLIO (*ironicamente*)

A um pai, que é todo ele amores! (*Enérgico*)

Quem merece mais censura?

quem necessita dinheiro,
e a todo o custo o procura,
ou quem por gosto onzeneiro
rouba o que não necessita,
o que de nada lhe serve?

HARPAGÃO

Que raiva que me referve!
sai-te já já, monstro! Evita
que este vulcão arrebente.

(*Sai Júlio pela segunda porta da esquerda*)

CENA IV

Harpagão só.

HARPAGÃO (*depois de ter estado por algum tempo cogitando*)

Para a outra vez vai a pau.

(*Pausa*)

Deixá-lo. O caso presente
assim mesmo não foi mau;
deixou-me mais sobreaviso
para andar com o olho alerta
sobre aquela besta esperta,
que o caso é de cão e guizo.

CENA V

O mesmo e Guiomar (que vem da primeira porta da direita).

GUIOMAR (*toda measureira*)
Senhor Harpagão de Sousa,
meu senhor...

HARPAGÃO
Viva, Guiomar.
Já venho. (*À parte*) Torno ao pomar,
ver não ande por lá coisa.

(Sai Harpagão pelo fundo)

CENA VI

Guiomar e Tomás (que vem da segunda porta da direita).

TOMÁS (*sem ver a Guiomar*)
Inda me estou a rir, sem perceber nem nada.
Mas onde terá ele a imensa trapalhada
de que rezava o rol? Um armário da China
não se traz na algibeira; a casa não tem mina
(que eu saiba); e que a tivesse, o tal macaco manso
pelo menos guinchava. Em suma, não alcanço.

GUIOMAR
É você, Tomasinho? aqui!

TOMÁS
Que admiração,
tia Guiomar! Que a trouxe a esta habitação?

GUIOMAR
O meu modo de vida; esta ralada vida
de andar sempre a girar, numa contínua lida,

a servir, a arranjar coisas de toda a casta
a quanto freguês há. Bem sabes que não basta
para poder viver fiar na Providência;
é preciso ajudá-la, e fazer diligência.
Já não chove maná, que baste a boca aberta
para encher a barriga. Uma pessoa esperta
mantém-se da esperteza; arranja namorados,
alborca, empresta, vende; aí tens os meus morgados;
traz-se a carinha à mostra, e a consciência em paz.

TOMÁS

Quer falar ao patrão, já vejo.

GUIOMAR

Isso é, Tomás.

E estou à sua espera; há certo arranjozito
que ele há de pagar bem.

TOMÁS

Quem? ele?

GUIOMAR

Ele, repito,
ele próprio.

TOMÁS

Pagar?

GUIOMAR

Pagar.

TOMÁS

Tia Guiomar,
se quiser pescaria há de ser noutro mar;
daqui, nem alforreca.

GUIOMAR

Ora verás.

TOMÁS

Grande isca
tenta pôr-lhe no anzol!

GUIOMAR

E ponho.

TOMÁS

Não a arrisca;
perde-a; protesto.

GUIOMAR

E eu sei que o tubarão, e juro,
cai.

TOMÁS

Não cai.

GUIOMAR

Se não há engodo mais seguro!
verás.

TOMÁS

Verá.

GUIOMAR

Pois sim; eu sou Guiomar dos Anjos,
a mestra examinada em seduzir marmanjos;
inda não dei com um, que é um, que me fugisse.
Bem sabes tu do amor! o amor é uma doidice;
e um doido está por tudo.

TOMÁS

O nosso é diferente;
falando-se-lhe em dar tem fúrias! come gente!
Primeiro tirarão de um tronco seco azeite,
vinho de um pedernal, de uma pescada leite,
banhas de um esqueleto, afagos de um leão,
que um único ceitil do senhor Harpagão.

Tem um horror ao dar, que nem nos dá bons dias.
Ouvindo-o, não parece; as falas são macias,
(quando o são); muita prosa; e quando se descuida
até promessas ameaça. Um que não sabe, cuida
que tudo sai de dentro; e sai; mas da algibeira
é que não sai real, por mais que se requeira.
Se se chegasse a ver na triste colisão
de apanhar pontapés ou dar meio tostão,
não se punha a hesitar; e (creia no que digo)
levava os pontapés até... até no umbigo.
Quando aí lhe morreu de fome uma jumenta,
chorou, e até pôs luto.

GUIOMAR

Era talvez parenta.

TOMÁS

E só se consolou, por ver que o sapateiro
comprava a pele.

GUIOMAR

E a carne?

TOMÁS

A carne, um chanfaneiro.
Quando este ano passado o vento com o granizo
matou a uva em flor, turvou-se-lhe o juízo.

GUIOMAR

Se o tinha.

TOMÁS

Nisso tinha. E esteve decidido
a pendurar-se ali no parreiral despido.

GUIOMAR

Bom cacho!

TOMÁS

O que valeu (não houve outro embaraço)
foi achar muito caro o preço do barço.

GUIOMAR

Pois verás mesmo assim se eu lhe não prego o calo.
Mas chitom, lá vem ele; abala.

TOMÁS

Abalo, abalo.

(Sai Tomás pela segunda porta da direita)

CENA VII

Guiomar e Harpagão (que volta do jardim pela porta do fundo).

HARPAGÃO *(à parte)*

Por ora tudo está bem. *(Alto)*
Ora salve-a Deus, Guiomar;
enfim; chegou; inda bem!

GUIOMAR

Viva.

HARPAGÃO

Mande-se assentar.

GUIOMAR

Não faz minguá; agradecida.
Este senhor Harpagão!
nunca vi na minha vida!
benza-o Deus! que rapagão!
Tomara-lhe eu a receita,
que não chegava a carcaça!
Que saúde tão perfeita!
que rostinho!

HARPAGÃO

Ora! tem graça!
não faça escárnio.

GUIOMAR

Quem? eu?
Pela minha salvação,
que nunca me pareceu
tão moço, tão guapo e são.

HARPAGÃO

Deveras?

GUIOMAR

Com dez mil veras.

HARPAGÃO

Qual! isso é brincar.

GUIOMAR

Não brinco.
Há moços de vinte e cinco
muito mais velhos.

HARPAGÃO

Quimeras.
Eu cá sinto no cachaço
a carga dos meus sessenta.

GUIOMAR

Sessenta, e mesmo setenta,
para um senhor como um maço,
que são? cá em nós, coitadas,
é que isso faz diferença.
Quem quiser ter boas fadas
há de nascer homem.

HARPAGÃO

Pensa
que sessenta invernos...

GUIOMAR

Petas!
Sessenta, segundo eu acho,
são para um ditoso macho
o seu florir das violetas.

HARPAGÃO

Assim será; todavia,
com menos vinte este macho
por mais feliz se daria;
digo eu cá.

GUIOMAR

Também não acho;
olhe; o senhor Harpagão
(e não lhe estou com enganos)
é de uma tal compleição,
que há de deitar aos cem anos.

HARPAGÃO

Hu!... tu!... tu!...

GUIOMAR

Ou cento e dez;
há muitos exemplos.

HARPAGÃO

Sim?

GUIOMAR

Pois não! eu entendo assim.
Para andar por balancés,
não digo: isso era demais;
mas enfim, para andar bem,

rir, comer, beber; se tem
todos os sinais!
Dê-me licença; desejo
observá-lo mais de perto;
não bula; aqui já lhe eu vejo
entre os olhos sinal certo.

HARPAGÃO

Que é? pois a tia Guiomar
também lê a buena-dicha?

GUIOMAR

Sou curiosa. A mão.
(Pega-lhe a mão, e examina-lhe a palma)
Que bicha
esta linha a andar... a andar...
vai lá não sei até onde!

HARPAGÃO

Mostre, mostre, onde é?

GUIOMAR

Aqui;
depois toma por ali
e acolá é que se esconde.
Cento e dez dizia-lhe eu!
agora é que eu prego um trinco!
(Dá um estalo com os dedos)
Figas, morte! senhor meu,
mais de cento e vinte e cinco.
E para maior certeza,
em casa o verei nas cartas.
Que idadezinhas tão fartas!
benza-o Deus! que fortaleza!

HARPAGÃO

Pois deveras sou tão forte?

GUIOMAR

O que eu de tudo isto infiro
é que se ria da morte;
só se o matarem a tiro.
Indícios dos mais seletos,
que não costumam falhar.

HARPAGÃO

Ora essa!

GUIOMAR

Há de enterrar
bisnetos e tetranetos.

HARPAGÃO

Inda bem; dava-lhe agora...

GUIOMAR

O quê?

HARPAGÃO

Agradecimentos,
com um abraço, e um beijo.

GUIOMAR

Fora!
como é pródigo!

HARPAGÃO

Os momentos
são preciosos. Então
que há sobre os nossos arranjos?
vão bem?

GUIOMAR

Com Guiomar dos Anjos
haviam de ir mal? pois não!
Nisto de casamenteira

peço meças a qualquer.
Mau é que eu deveras queira.

HARPAGÃO
Mas vamos nós, a mulher
querer-me-á?

GUIOMAR
Devagarinho;
ouça-me; e julgue.

HARPAGÃO (*dando-lhe, a rir, com dois dedos na face*)
Cigana!

GUIOMAR
O nosso bendito anjinho...

HARPAGÃO
Qual?

GUIOMAR
Qual!? a Dona Mariana!
Tomou-me uma simpatia,
que nem lhe eu posso dizer.
Em me não vendo um só dia,
já perde o rir, e o comer.
Eu aproveito-me disso,
e vou quantas vezes posso.
Parece que até remoço
ao pé daquele feitiço!

HARPAGÃO
Por força.

GUIOMAR
A nossa conversa,
bem imagina o senhor
sobre que versa ou não versa.

HARPAGÃO

Sobre mim?

GUIOMAR

E sobre o amor.

HARPAGÃO

Sim?

GUIOMAR

Pois então!

HARPAGÃO

E ela! ela!

GUIOMAR

É bem curioso; em castigo,
por ora é que eu lhe não digo
o que tenho ouvido à bela.
Atenda, e tenha juízo.
Primeiramente entendi
que era decente e preciso
falar à mãe.

HARPAGÃO

Por aí,
por aí é que era a estrada;
sabe-a toda.

GUIOMAR

Nada! brinca!
pois o mais era dar cinca
logo na primeira entrada;
e às vezes, casinhos vêm,
em que reviro a mantilha,
falando primeiro à filha,
e só tarde ou nunca à mãe.

HARPAGÃO

E a mãe que disse?

GUIOMAR

Alegrou-se
que nem gato com bugalho.

HARPAGÃO

E uma notícia tão doce
não me trazer logo!! eu ralho,
tia Guiomar.

GUIOMAR

O senhor
faz lá ideia da lida
em que ando há dias metida
por causa do negro amor?
Que azáfama! tudo casa,
e tudo cá vem bater.
Não tenho tido lazer
para vir à sua casa. (*Com intenção*)
E casamentos bem pagos!
Casei uma baronesa
com um almocreve de Lagos;
uma avó, com uma perna tesa;
um juiz, com um peixeira
um mono, e uma franginha
de treze ou quatorze...

HARPAGÃO

E a minha?
que disse? que disse?

GUIOMAR

Queira
ter paciência, e já lá chego:
a mãe assim que lhe eu disse...

HARPAGÃO

Estou num desassossego!

GUIOMAR

que era bom que ela assistisse
hoje aqui às escrituras
dos outros dois casamentos,
pois eram dois anjos bentos
que lhe iam fadar venturas,
e que o senhor Harpagão
era o próprio que me tinha
para ela e Marianinha
dado esse recado...

HARPAGÃO (*depois de uma pausa*)

E então?

vem?

GUIOMAR (*com cara alegre*)

Vem, vem, cara magana.

HARPAGÃO

Ambas? Que santa Guiomar!

GUIOMAR

Ambas, não. Vem só Mariana;
a mãe já lhe custa a andar.
Fia de mim a menina
que eu sou-lhe muito obrigada;
isso é verdade.

HARPAGÃO

Ladina!

GUIOMAR

Trá-la esta sua criada;
mereço alvissaras; hein?

HARPAGÃO (*tossindo para fingir que não ouviu*)

O caso é este, Guiomar;
hoje aqui há de se dar
um beberete.

GUIOMAR

Acho bem.

HARPAGÃO

Para quem joga de fora
e não se vê nos tornilhos;
meto-me enfim nesta nora
para pôr com dono os filhos.
Quero ao meu genro futuro,
que é todo parlapatão,
fazer esta distinção.

GUIOMAR

Ele é já homem maduro;
não é?

HARPAGÃO

E podre de rico,
chama-se Anselmo.

GUIOMAR

Já sei.
um enxalmo, a penca em bico;
mora ao chafariz del-rei.

HARPAGÃO

Justo. Foi um achadão!
quintas, navios no mar!...

GUIOMAR

Quer dar-lhe então de cear?

HARPAGÃO

Deus me livre! cear, não;

bem sabe o nosso ditado;
e é certo: de largas ceias
estão as sepulturas cheias.
Basta merenda.

GUIOMAR
Aprovado.

HARPAGÃO
Lembrou-me então, que não vindo
daí aumento à despesa,
ornar eu a minha mesa
com aquele anjinho era lindo.

GUIOMAR
Cantou, que nem a sereia!
Pois bem; depois de jantar
cá lhe trago.

HARPAGÃO
Olhe, Guiomar,
que é merenda, e não é ceia;
fale-lhe claro.

GUIOMAR
Entendi.
Pois a Dona Mariana...
a senhora Dona... (aqui
dobra-se a língua).

HARPAGÃO (*lambendo-se de gosto*)
Magana!

GUIOMAR
Faz tenção de vir primeiro
visitar cá a menina,
a enteadinha.

HARPAGÃO

E destina
passar a tarde?

GUIOMAR (*rindo maliciosamente*)

Matreiro!
destina passar a tarde
na feira, que está bonita,
e tornar.

HARPAGÃO

Então não tarde;
jantem lá qualquer coisita,
e venham cedo. De cá
para a feira (que é distância)
a nossa Mariana irá,
irão com toda a flamância
na minha sege, que faço
muito gosto em lhe emprestar.

GUIOMAR

Pois tem sege!

HARPAGÃO (*com um grande suspiro*)

Sim, Guiomar.

GUIOMAR

Não sabia.

HARPAGÃO

É que no paço,
como eu lá tenho um emprego,
todos (e archeiros até)
riam de eu andar a pé,
e chamavam-me o galego;
vê? por isso é que eu caí
em mercar a capoeira,
e não fiz de todo asneira;

a sege está para aí
em nome de um moço, e às vezes
anda todo o dia fora
em serviço de fregueses.

GUIOMAR

Pois muito bem; vou-me embora.

HARPAGÃO

Espere: sondou a mãe
(às vezes, nem tudo acode)
sobre o que pode ou não pode
dar à filha? entende bem
que nestas ocasiões,
inda que a gente se torça,
tira da fraqueza força,
e alarga à bolsa os cordões.
Casar com uma rapariga
de todo em todo sem nada,
não é coisa que se diga,
nem é praxe costumada.

GUIOMAR

Ai! que ratão de encomenda!
Daí perca os seus cuidados;
tem mais de dez mil cruzados.

HARPAGÃO

De dote?!!

GUIOMAR

Pois não! de renda.

HARPAGÃO

Ora essa! e eu às escuras!
Explique-me isso, Guiomar.

GUIOMAR

Não tem muito que explicar;
contas claras e seguras;
senão, calcule: a primeira
é que ela *in verbo* comer
não é nada invencioneira.
Chego-me até a benzer
de ver o seu passadio!
uns feijões e uma sardinha;
batata e bacalhau frio;
e isto sem sumo de vinha;
aqui estão os seus jantares;
grande coisa é a criação!
Outras sem grandes manjares,
sem massas com parmesão,
pombos, perus, empadinhas,
arroz de substância, Porto,
doces, frutas...

HARPAGÃO

Que bestinhas!

GUIOMAR (*continuando*)

é logo focinho torto.
Prescindir de tudo aquilo,
cristais, criados de mesa,
muita prata, e cera acesa
em honra do gorgomilo,
deixa ao canto da gaveta
anualmente, pelo baixo,
oitocentos mil réis. Acho
que inda o cálculo é forreta.

HARPAGÃO

Adiante.

GUIOMAR

De catita

não tem nada; muito asseio
isso sim, mas sempre chita
ou paninho. Aqui no seio
qualquer florinha, se a há,
de graça; e outra aqui.

(Apontando para o cabelo)

Diz ela

que o luxo a quem não é bela
inda mais feia a fará;
por isso aborrece as modas,
modistas, rendas, brilhantes,
vestidos de grandes rodas,
penteados coruscantes,
pós d'ouro, sinais, unturas,
aromas de toda a casta.

Fê-la Deus assim; não gasta
lá com essas imposturas.

Isto na roda do ano,

(Como que calculando mentalmente)

sedas, toucados, anéis,
mete em caixa, (não me engano)
uns bons dois contos de réis.

Jogar, não joga, que o jogo
(diz ela) é o que mais arrasa;
mulher jogadora em casa
é pior que um grande fogo.

No andar por baixo do meu
mora uma, e nem dois pontos
sabe dar, a qual perdeu
no outro ano ao jogo seis contos.

Foi coisa muito falada;
por tal sinal, que o marido
endoideceu.

HARPAGÃO

Não duvido;

e deu-lhe muita pancada;
não deu?

GUIOMAR

Qual deu! atirou-se
ao poço, que é muito fundo.
Desgraças vão pelo mundo
com o tal joguinho!! Eu se fosse
varão, casar não casava
(nem por um milhão que fora!)
com uma mulher jogadora;
antes com uma gata brava.
Tornando ao ponto: já quero
pôr a perda por metade;
ponho três contos; não há de
dizer-me que lhe exagero.
Na economia com o buxo
tínhamos nós oitocentos;
com os tais dois contos do luxo,
dezoito; com os acrescentos
poupados da jogatina,
é mais de dez mil cruzados;
quatorze mil bem contados,
e mais quinhentos. Que China!

HARPAGÃO

Com que a tal renda anual
era isso?

GUIOMAR

E então?

HARPAGÃO

Então?!

Pois alguém dá quitação,
não tendo visto real?
Metam-me o dedo na boca!
engana preto com gaita!

Não jogar, comida pouca,
e não andar sirigaita
isso vê-se?! isso chocalha?!
isso encartucha-se?!!!

GUIOMAR

Bom;
se só crê no que dá som,
também há.

HARPAGÃO

Pois venha à balha;
por aí é que devia
principiar.

GUIOMAR

Pois senhor,
não sei se ao pé de Leiria,
Coimbra, ou Penamacor,
ouvi a modo que tinha
muito de seu: pinheirais,
vinhas, gados, olivais,
(se lhes deixar a madrinha).

HARPAGÃO

Pois sim, sim, depois veremos.
Agora, minha Guiomar,
um ponto mais grave temos
em que será bom falar.
Mariana é uma criança;
pois não é?

GUIOMAR

Por certo que é.

HARPAGÃO

Lé com lé e cré com cré;

sempre ouvi; esta aliança
talvez que lhe não agrade!

GUIOMAR

Agrada, fique seguro.

HARPAGÃO

Um homem da minha idade!
e se lá para o futuro...
sei cá!...

GUIOMAR

Lembrou muito bem.
E a mim que já me esquecia
falar-lhe disso também!
e mais na ideia o trazia!
Ninguém, ninguém imagina
a mania singular
que tem aquela menina
lá nesse particular.
Eu quando era rapariga
nunca tive tal aquela.
Gente moça para ela?
pois não! faz-lhe logo figa;
só gosta de velhos.

HARPAGÃO

Essa
inda eu estava para ouvir!
explique-me isso depressa:
pode ser? está-se a rir!!

GUIOMAR

Custa a crer, bem vejo, custa;
mas ouvi-lhe eu mesmo a ela.
Um ancião de cara augusta,
neve a barba, o casco à vela,
vale mais que uns impertinentes

torcidos, alfanadinhos,
de queixos barbiponentes,
e cabelos carapinhos!
nunca os vê sem cuspir fora;
chama-os bonecos de feira;
tem lá aquela cenreira;
vê? são gênios.

HARPAGÃO

Ora! ora!
nunca imaginei. Tem graça
o diabrete, e siso.

GUIOMAR

Olé!

HARPAGÃO

Bom.

GUIOMAR

Com ela não se faça
mais rapazinho do que é;
não queira o caldo entornado;
mostre-lhe bem ter sessenta,
e inda mais.

HARPAGÃO

Estou pasmado!

GUIOMAR

Também eu pasmei; assenta
que eu era como ela em nova?
pois não! mesmo agora (e estou
com estes pés para a cova)
prefiro os moços. Tomou
lá aquela antipatia
com os rapazes; que lhe quer?

HARPAGÃO

Alguma algum lhe faria.

GUIOMAR

Pois não! achou-a; é mulher
que infunde a todos respeito;
mas quer saber? uma vez,
pedindo-a um certo sujeito,
se bem me lembra irlandês...
irlandês? não era, não;
cuido que era italiano,
francês, ou hanoveriano;
fosse o que fosse; alemão;
alemão é que era (e isto
correu pela minha mão;
afirmo-lhe, por ter visto
com estes que inda aqui estão)
ao assinar da escritura,
vemo-la a nós cor de goivo!

HARPAGÃO

A Marianinha?

GUIOMAR

A futura,
sim senhor, por ver que o noivo
só tinha cinquenta e oito,
e lia sem pôr cangalhas;
apesar de ter biscoito,
e as barbas já bem grisalhas,
e tomar muito simonte,
roeu-lhe a corda; o infeliz
ficou, como o outro que diz,
como o esparguinho no monte.

HARPAGÃO

É célebre!

GUIOMAR

Isso é.

HARPAGÃO

Juízo
até aí.

GUIOMAR

No quarto dela
vê lá painéis de Narciso?
ou de Adônis? Uma cela
de abadessa escrupulosa
não tem maiores recatos;
os seus painéis são retratos
só de gente muito idosa;
o pai Adão já na espinha,
Matusalém, Abraão,
Noé de gatas na vinha,
e outros que tais.

HARPAGÃO

Sem questão
é tal e qual como eu sou.
Pois quem pode suportar
esses cabeças de grou,
esses focinhos no ar,
vaidosos, pintalegretes,
que por terem vinte e tantos
se julgam logo uns encantos?
Que fatos! e que topetes!
provocam-me cada engulho!
antes um velho saloio.
Cá isto é trigo sem joio;
e eles palhiço, e gorgulho.

GUIOMAR

Diz muito bem. Homem, isso.
Que figura! que vigor!

desempenado, maciço!
Passeie, faça favor.
(Harpagão passeia todo empertigado)
Vejam-me aquilo! direito
como um fuso; a cabecinha
mais alta; olhe bem a minha.

(Aqui podem fazer ad libitum o que se chama um jogo de cena, executando Guiomar com modos de homem os movimentos e posições que recomenda a Harpagão, imitando-a este, sem esquecer que se trata de namorar à antiga, olho piscado, lencinho ao nariz, etc.)

HARPAGÃO

Assim?

(Continua a passear com a cabeça muito levantada)

GUIOMAR

Assim. Que perfeito!
Inda bem que a minha idade
já não é de tentações.

HARPAGÃO

Hei de agradecer-lhe?

GUIOMAR

Olé! se há de!
eu, tendo tais perfeições,
se fosse ao senhor, havia
mandar tirar o retrato,
e dava-lhe.

HARPAGÃO

É mais barato
dar-lhe o original.

GUIOMAR *(à parte, mas com um suspiro, e querendo ser ouvida)*

E eu tia!

Cada um para o que nasce.

Aquela é que teve dita;
não ser eu moça e bonita!

HARPAGÃO

A coisa portanto faz-se;
não acha?

GUIOMAR

Ai! posso jurá-lo.
E a saudezinha?

HARPAGÃO

Boa.
Não há mais cá na pessoa
que o reumático, algum calo,
e o catarro.

GUIOMAR

Bagatelas!
Isso que admira em varões?
mostre-me uma entre mil belas
que não tenha os seus senões.
(*Harpagão tosse*)
Catarro! catarro! eu digo
que nem quero tal ouvir.
O senhor tem no tossir
uma tal graça consigo...

HARPAGÃO (*continuando a tossir*)

Terei, mas é pesadinha.

GUIOMAR

Lá isso é que ninguém vê.

HARPAGÃO

Mas diga-me cá você,
tia Guiomar, a lindinha
terá reparado em mim

quando lhe eu passeio a rua?
conhece-me bem?

GUIOMAR

Sim, sim,
conhece; que teima a sua!
forte idear impedimentos
a uma ventura tão certa!
Tem sempre a janela aberta,
e os olhinhos muito atentos,
a ver se o bispa. É verdade;
sabe quando é que ela o viu
a vez primeira, e sentiu
render-se-lhe a liberdade?
foi uma tarde de abril;
chovia, se Deus a dava!
todo o ar era um fuzil,
trovões, pedrisco...

HARPAGÃO

E ela estava
com um tempo assim na varanda?

GUIOMAR

Sortes já predestinadas;
venturas que Deus nos manda
no meio das trovoadas!
Vinha o senhor Harpagão
rua abaixo, mui direito,
com o seu corpinho bem feito,
cana da índia na mão,
e apesar da água do céu,
e do frio que era imenso,
carola ao vento, e o chapéu
embrulhadinho no lenço.
Tal rasgo de economia
fez-lhe tão viva impressão,

que ficou desde esse dia
mortinha do coração.
A cada instante me jura,
e nunca, nunca me diz
que não chore de ternura,
que parece um chafariz!
E eu sempre mais lenha ao lume,
que não se apague.

HARPAGÃO
Obrigado.

GUIOMAR
Ponho nisto mais cuidado
do que ela e o senhor presume.

HARPAGÃO
Deixe estar que inda algum dia
espero talvez pensar
em lhe dar provas, Guiomar,
do que eu sou em bizzarria!

GUIOMAR
Quem o duvida? o pior
é que antes desse futuro
me acho hoje num tal apuro,
que nunca o tive maior.
(Harpagão tosse fingindo que é da sua asma)
Trago aí uma demanda
que, se a tempo não lhe acudo
com dinheiro (que é quem manda)
perco-a a ela, e foi-se tudo.
O senhor é que podia
valer-me nesta aflição.
(Harpagão repica mais a tosse)
Mariana inda hoje o dizia:
como o senhor Harpagão
não há outro. O regozijo

que ela há de ter quando entrar
por aí dentro com a Guiomar!
(Harpagão alegre-se e cessa de tossir)
e o vir tão flamante e rijo,
com a sua venera ao peito,
com seu rabicho às laçadas,
seu chapéu às três pancadas,
um antiquário perfeito!

HARPAGÃO

Ouvir isso e chupar favos
tudo é um.

GUIOMAR

Não ter de meu
hoje nem sequer dois chavos!
O escrivão, que é um fariseu,
se não lhe unto as mãos já já,
há de tocar os pauzinhos;
depois acudam-lhe lá!
asno morto, adeus vizinhos!
(Harpagão escuta-a de viseira caída)
Eu não queria, senão
que pudesse haver maneira
para o senhor Harpagão
espreitar a feiticeira,
quando está lá só comigo
bordando ao seu bastidor!
O que ela diz e o que eu digo
a respeito do senhor!
Parece mesmo doidinha,
à espera da benta hora
em que há de vir por aí fora,
que nem princesa ou rainha!
vestido de fustão novo!
coroa de flor de laranja!

sem galas vindas da estranja,
que é isso o que eu mais lhe louvo!

HARPAGÃO
E eu também.

GUIOMAR (*em tom suplicante*)
Meu freguesinho!
pela boa sorte dela
que me valha!
(*Harpagão torna-se a anuvear; Guiomar, que o vê, fala consigo*)
Ih! que focinho!

HARPAGÃO (*à parte*)
É sanguessuga esta adela.
(*Torna a tossir sobreposse*)

GUIOMAR (*alto*)
Salve-me da tentação
em que estou (cruzes! diacho!)
de me atirar como um cão
de alguma trapeira abaixo!
seja meu pai, seja, seja,
que bem o pode! O chupista
com duas peças à vista
tenho fé...

HARPAGÃO
Pois veja, veja
se as arranja. Estou com pressa,
que são horas do correio;
preciso obter uma peça,
e tenho a carta inda em meio.

GUIOMAR
Nunca me vi tão aflita!

HARPAGÃO

Vá, e não tardem; a feira
diz que este ano está bonita;
e contem com a capoeira.

GUIOMAR

Pelo amor de Deus lhe rogo,
meu senhor...

HARPAGÃO

Faça de conta
que em voltando é logo logo
a nossa merenda pronta.

GUIOMAR (*simulando a maior aflição*)

Mal sabe...

HARPAGÃO

Adeus! regalório!

GUIOMAR

Salve-me.

HARPAGÃO

Viva, Guiomar.

GUIOMAR

Não fuja...

HARPAGÃO

Estão-me a chamar.

(*Grita para dentro*)

Eu vou! cá vou! (*À parte*) Que oratório!

(*Sai pela porta do fundo*)

CENA VIII

GUIOMAR (*só, voltada para a porta por onde Harpagão desapareceu*)
O diabo te leve, a asma que te abafe,
um raio que te parta, um touro que te estafe,
um credor que te apanhe, um fila, mas danado,
às pernas se te aferre, esqueleto esbrugado!
pantesma! fona! vil! cainho! sem vergonha!
tolo! e queres amor com essa carantonha!?
some-te, coisa má! eu te enguiço! eu te enguiço,
bruxo velho, socancra, imundo! má sumiço
te leve, unhas de fome! inda queras Sintra
e lua de melado? espera lá, pelintra!

CENA IX

A mesma, Júlio e Tomás (que deitam a cabeça para fora, o primeiro da primeira porta da esquerda, o segundo da segunda da direita)

TOMÁS

Sempre pescou, tiazinha?

JÚLIO

Senhora Guiomar!

GUIOMAR (*para o lado de Tomás*)

Que é lá?

(*Voltando-se para o lado de Júlio*)

Quem me chama?

JÚLIO (*estendendo para ela o braço, com uma peça de ouro, e entregando-lhe após a peça três cartas umas atrás das outras*)

Hoje é que eu tinha

mais pressa. Esta carta já;

e mais esta; e também esta.

Não quero senão Mariana;

dou baixa às mais.

GUIOMAR

Não se engana?

JÚLIO

Servir a doidas que presta?
digo à vadiice adeus.

TOMÁS

Mas então pescou, pescou?

GUIOMAR

Pesquei um diabo; estou
mais perra que dez judeus.

TOMÁS

Não pescou.

GUIOMAR (*batendo com as cartas na mão com a maior intimativa*)

Arrebentada
acabe Guiomar dos Anjos,
se o rei dos velhos macanjos
me não pagar bem pagada.

HARPAGÃO (*chamando apressadamente da banda do quintal, mas ainda sem ser visto*)

Ó Guiomar! Guiomar!

JÚLIO

Ai!

TOMÁS

Fujo.

(*Desaparecem os dois, ao mesmo tempo que já se avista Harpagão à porta do fundo*)

GUIOMAR

Lá me torna o centopeia.

(Sai arrebatadamente pela primeira porta da direita, fazendo traquinar rijo as campainhas. Quando se acha já da banda de fora exclama)

Renego do porco sujo!

HARPAGÃO *(tornando a abrir a mesma porta)*

Venham breve. E não é ceia.

ATO III

CENA I

Harpagão, Júlio, Luísa, Duarte, Claudina, de vassoura de pau ao ombro; Sebastião e Mealhada.

HARPAGÃO

Vamos lá, muito sentido
nas ordens que lhes vou dar:
quer-se tudo em seu lugar;
e o bródio o mais bem servido.

(Para Claudina)

Começo por ti, Claudina;
bem; já vens com a arma pronta;
deixo o asseio à tua conta;
varre, casqueia, examina
não fique algum cortinado
das aranhas. A limpeza
Deus a amou, diz o ditado
(quando não entra em despesa).
Toda a mobília esfregada,
mas com amor *(está visto)*;
fica a teu cargo além disto
a mesa bem preparada.
Louça, talheres, garrafas,
tudo a ponto; e já te digo:
se houver quebras coas moafas,

depois te hás de haver comigo:
desconto-te nas soldadas,
mais duro que ossos; verás.

SEBASTIÃO (*à parte*)
Lá disso é ele capaz;
e até de multas dobradas.

HARPAGÃO
Andar já, Claudina; à vida.

(Sai Claudina pela segunda porta da direita)

CENA II

Os precedentes menos Claudina.

HARPAGÃO
Mealhada, Sebastião,
vocês os dois ficarão
com o encargo da bebida.

MEALHADA
De bebermos?

HARPAGÃO
Faz-se tolo!
De dar de beber à gente;
porém com modo prudente,
que não se turve o miolo.
Muitos criados de mesa
têm a maldita mania
de andar numa roda acesa
perseguido a companhia.
Mal um pobre convidado
vazou o seu copo, bumba!
é logo outro cheio; a tumba
que lhe agradeça o cuidado.

Cá em casa é que eu não quero
desgraças dessas; se alguém
pedir de beber, mui bem;
deem-lhe; inda assim não tolero
que seja logo à primeira;
a primeira muita vez
é engano do freguês;
esperem pela terceira.
E água bastante no vinho,
que a água é que não faz mal;
o homem e o irracional
só os diferencia o juizinho.

MEALHADA

Tiramos o balandrau?

HARPAGÃO

Pois então? isso é decente?
mas basta em chegando gente;
por hora assim não está mau;
fato bom quer-se poupado.

SEBASTIÃO

Lembro a vossa senhoria
que o meu casaco outro dia
ficou aqui todo untado
com uma larada de azeite
daquele candeeiro roto.

(Indicando o candeeiro pendente ao meio da sala)

HARPAGÃO

Que desperdício! que maroto!
não sei disso; lá se ajeite.

MEALHADA

Vossa senhoria sabe
como eu tenho as calças novas.

HARPAGÃO

É do muito que as escovas.

MEALHADA (*continuando*)

Rotas atrás, que lhe cabe
este meu punho fechado.

HARPAGÃO

Não sei; deita-lhe uma rede,
ou serve sempre virado
de costas contra a parede.

(*Faz o mesmo que lhe recomenda para ensinar com o seu exemplo*)

Já se não vê. (*Para Sebastião*) E tu lá!

a nódoa pode ocultar-se
com o chapéu; traz-se ao disfarce;
assim.

(*Exemplifica-lhe comicamente o preceito*)

Muda-te-me já.

(*Sai Mealhada pela segunda porta da direita*)

CENA III

Os mesmos menos Mealhada.

HARPAGÃO

Tu, Luísa, olhinho atento,
do princípio ao fim da festa,
fazendo de cor assento
do que resta ou que não resta;
muitas vezes com os sobejos
mantém-se uma casa dias.

LUÍSA

Tenho pejo...

HARPAGÃO

Olha que pejos!
de fazer economias!!

Há coisa que melhor fique,
e mais proveitosa seja
a quem casar se deseja?

LUÍSA

Mas...

HARPAGÃO

Já disse, e não replique.
E agora vá-se arranjar,
que tem logo uma visita;
vem aí a Marianita
com a senhora Guiomar,
para irem todas três
à feira.

LUÍSA

Pois sim, meu pai.

HARPAGÃO

Sempre é tua mãe, bem vês;
deves comprazer-lhe. Vai.

LUÍSA (*à parte, sorrindo furtivamente para Júlio e Duarte, e já a caminho para sair pela segunda porta da esquerda*)

A mãe da idade da filha!
pois hei de a amar eu também,
(o mano Júlio é quem brilha
quando eu falar com a tal mãe).
(*Sai pela segunda porta da esquerda*)

CENA IV

Os mesmos menos Luísa.

HARPAGÃO

Júlio, olhe cá você: enfim, sou pai, e esqueço
o agravo e a ingratidão do seu furioso excesso;

mas noutra não me caia; intimo-lhe se porte,
com a dama em quem seu pai respeita uma consorte,
cortês, obsequioso, amável, cavalheiro;
nem sombra de má cara. É pobre de dinheiro,
bem vejo; mas no mais, em tudo mais, não acho
quem lhe deite água às mãos; e tem juízo macho.

JÚLIO

Eu fazer-lhe má cara! em toda a minha vida
nunca a damas a fiz; por quê? meu pai duvida?

HARPAGÃO

Não duvido de nada; o que eu digo é que às vezes
quando um viúvo casa, há filhos tão más reses,
que o tomam em trambolho; e monstros de tal casta,
que à sua nova mãe dão nome de madrasta.

JÚLIO

Nunca lhe eu chamarei.

HARPAGÃO

E ela (fia-te em mim)
nunca te há de chamar senão seu Benjamim;
bem que em geral a anoje a muita mocidade,
há de fazer contigo uma exceção; oh! se há de!
Para a render de todo, o ouro sobre o azul
sei eu como era.

JÚLIO

Como?

HARPAGÃO

O andar menos taful.

JÚLIO

Isso para depois. Agora o seu preceito
de a tratar muito bem, completamente o aceito.
(*Sai pela segunda porta da esquerda*)

CENA V

Harpagão, Duarte e Sebastião.

HARPAGÃO (*baixo para Duarte*)
Hás de ajudar-me, Duarte. (*Alto*)
Vem tu cá, Sebastião;
quis para o fim reservar-te
de propósito.

SEBASTIÃO
O patrão
a quem é que vai falar?
ao Sebastião cozinheiro,
ou ao Sebastião cocheiro?

HARPAGÃO
Aos dois Sebastões.

SEBASTIÃO
A par
não pode ser. Um dos dois
há de, apesar do conjunto,
ir primeiro, o outro depois;
qual o primeiro? pergunto.

HARPAGÃO
O cozinheiro.

SEBASTIÃO
Paciência,
queira esperar um momento.
(*Despe o sobretudo de cocheiro, e fica em traje de cozinheiro*)

HARPAGÃO
Que história é essa?

SEBASTIÃO

Apresento
mestre-cuque na audiência.
Fale vossa senhoria.

HARPAGÃO

Pois, mestre Sebastião,
saberá que hoje há função
cá em casa.

SEBASTIÃO

Não sabia.

HARPAGÃO

Dou um bródio.

SEBASTIÃO

Ceia lauta?

HARPAGÃO

Merenda, apenas merenda.

SEBASTIÃO (*à parte*)

Já me eu admirava!

HARPAGÃO

Atenda;
risquemos bem esta pauta;
a coisa é séria.

SEBASTIÃO

E mui séria.

HARPAGÃO

Um bom festim; fá-lo-ás?

SEBASTIÃO

Sou muitíssimo capaz;

venham pintos sem miséria,
verá que mesa lhe eu ponho.

HARPAGÃO

É sempre aquilo: dinheiro!
muito dinheiro! suponho
que julga que eu sou mineiro.
Olha que grande milagre
fazer galinhas de pintos?
até eu, mestre vinagre!

DUARTE (*baixo para Harpagão*)
Atire esse mono aos quintos.

HARPAGÃO (*baixo para Duarte*)
Quando este se me acabar,
não quero mais cozinheiro.
(*Alto para Sebastião*)
Bruto! a glória era arranjar
muito por pouco dinheiro.

SEBASTIÃO
Barato e bom?

DUARTE
Sim senhor;
bom e barato; pois quê?

SEBASTIÃO
Pois faça-o sua mercê,
se é capaz; faça favor;
tome a seu cargo a cozinha
que eu sem saudades lhe largo.

DUARTE
Se eu a tomasse a meu cargo..
outro galo...

SEBASTIÃO

Adeus, vizinha;
temos conversado; estou
a modo já não sei como!
desde que aí se encaixou
este tal senhor mordomo,
é ele quem quer ser tudo,
e quer de tudo entender.

HARPAGÃO

Cale essa boca.

SEBASTIÃO

Estou mudo;
pois tinha bem que dizer!

DUARTE

Então diga-o.

SEBASTIÃO

Digo?

DUARTE

Diga;
desembuche.

SEBASTIÃO

Não me acirre;
olhe que eu falo.

DUARTE

Prossiga.

SEBASTIÃO

Deixe-me, homem, não embirre.

HARPAGÃO

Que tens tu que lhe dizer?

SEBASTIÃO

Tenho, senhor Harpagão:
que na minha obrigação
não se torne a intrometer.
Vai lá abaixo por costume
gritar que se poupe o sal,
tirar-me carvão do lume,
pôr tudo num badanal.
Já estive por duas vezes
de acha na mão, vai não vai,
que se dali me não sai
cheirava-lhe a camoeses.
Quere-o mais claro?

HARPAGÃO

E a razão
estava da sua parte.

SEBASTIÃO

Nas coisas da minha arte
não torne ele a pôr a mão.

DUARTE (*à parte para Harpagão*)

Tudo, só porque abomino
ver desperdícios!

SEBASTIÃO

Já disse:
trate lá da mordomice,
e não se me faça fino.
Mas vamos nós: o *brekfeste*
como quer então que seja?

HARPAGÃO

Coisa barata, e que preste;
propõe tu.

SEBASTIÃO

Lembro isto; veja:

(Durante a seguinte fala de Sebastião, os três atores fazem um curioso jogo de cena, porque à proporção que o cozinheiro está de olhos no teto e unha no dente considerando a lista das iguarias, e por isso sem atentar nos outros dois, Duarte vai fazendo gestos cada vez de mais furioso, e Harpagão cada vez de mais divertido. Duarte dá mostras de querer atirar-se a Sebastião, e Harpagão segura-o pelo braço a rir.)

Primeira entrada: rabiolos,
couve-flor à provençal,
maionese com miolos,
borrachos, frangos, e tal.

Segunda entrada: crevetes
com molho russo; lampreia,
salmão à turca, e croquetes,
um pastelão com grangeia;
uma matelota inglesa,
um gigote à prussiana,
um volovam à princesa,
um chocolate da Havana.

Sobremesa: sobremesas
temos nós (vai rol sucinto,
para fugir de despesas)
doce, passas de Corinto,
frutas, e queijo, e champanhe,
licores, café, pralinas.

DUARTE *(à parte, para Harpagão)*

Mato-o?

HARPAGÃO *(à parte, para Duarte)*

Não; se o exterminas
não sei onde igual se apanhe.
Bom doido!

DUARTE

E envenenador.

HARPAGÃO (*como acima*)

Matava-me os convidados.

DUARTE

Depois de morto o senhor,
e reduzido a guisados.

HARPAGÃO (*alto para Sebastião*)

Tudo isso é muito bonito;
merece os maiores gabos.
Mas vai-te com mil diabos
com o teu menu. Meu Duartito,
que propões?

DUARTE

Temos o galo,
que aí anda a pastar na rua;
podíamos recheá-lo,
e impingi-lo por perua.

HARPAGÃO

Que mais?

DUARTE

Pois quer mais? salada.

HARPAGÃO

Que mais? vem Dona Mariana,
bem vês.

DUARTE

Lembro uma chanfana
de orelheira e feijoadá;
é um prato que empanzina,
e dispensa tudo mais;
em atenção à menina,

vão lá mais esses reais.
Sobremesa, tangerinas
(que as há no quintal à farta);
são próprias para meninas,
e não carregam a carta.

HARPAGÃO

Fiquemos nisso; e de flores
na mesa a maior fartura;
tantos cheiros à mistura
e tão variadas cores
fazem que a gente se esqueça
do comer e do beber.

DUARTE

Senhor Harpagão, com essa
deu-me um quinau de tremer.
Chanfana, salada e galo
bastam portanto, e é demais;
não se arrasam cabedais,
e brilha muito o regalo.
Quantos hão de ser à mesa?

HARPAGÃO

Oito ou dez.

DUARTE

Bem; a comida
que é para oito, bem servida
chega a dez.

HARPAGÃO

Pois com certeza.

SEBASTIÃO (*à parte*)

Cambalhota no rifão.

DUARTE (*para Sebastião*)
Que rosna você?

SEBASTIÃO
Eu nada.

DUARTE
Cuida talvez, mestre empada,
que é bom comer muito?

SEBASTIÃO
Eu não.

DUARTE
Nem ele há coisa pior:
indigestões, estupores
(tome bem isto de cor
para seu governo), dores,
cólicas, apoplexias,
mau saibo, cabeça obtusa,
pesadelos, dispepsias...

SEBASTIÃO
O que ali vai! corre a musa.

DUARTE (*continuando*)
Quebreira de corpo; em suma,
quanto há mau tudo origina
a maldita gulosina.

HARPAGÃO
Ai! sem dúvida nenhuma.

DUARTE
E já não falo nos gastos.

HARPAGÃO
Que isso é o que não tem cura;

fica uma casa de rastos;
até o diz a escritura.

DUARTE

Foi dito de um sábio antigo:
é comer para viver,
não viver para comer.

HARPAGÃO

Grande sábio era esse amigo.

SEBASTIÃO

E talvez fosse algum bruto
quando comia sozinho;
como os que ralham do vinho
depois do copázio enxuto.
Lá com sentenças de sábios
ninguém me embaça. Que pensa?

HARPAGÃO

Quem foi que soltou dos lábios
essa divina sentença?
Talvez Salomão.

DUARTE

Não sei;
não me lembra, mas seria.

HARPAGÃO

Com que o tal sábio dizia...

DUARTE

Tal qual o que lhe citei.

HARPAGÃO

É viver para comer.

DUARTE

Viver para comer — não.

HARPAGÃO

Enganei-me; tens razão;
é comer para viver.
Bem; na casa do jantar,
para impedir barrigadas,
hei de o mandar entalhar
em maiúsculas d'our...adas.

(Harpagão ia dizendo por engano "maiúsculas d'ouro" e emenda a palavra no meio, e ainda a tempo)

DUARTE

Pelo que toca à merenda,
tomo eu tudo a meu cuidado.

HARPAGÃO

Assim; fico descansado.

SEBASTIÃO *(à parte)*

E também eu; é fazenda.

HARPAGÃO *(para Sebastião)*

A sege limpa.

SEBASTIÃO

Aí vou já;
isso agora é com o cocheiro.
(Torna a vestir a libré)
Pronto; que me ordena?

HARPAGÃO

Está
bem limpa a sege?

SEBASTIÃO

E o palheiro
também.

HARPAGÃO

Cale-se. Tem de ir
levar esta tarde à feira
três damas.

SEBASTIÃO

Na capoeira?
com a parrelha?! está-se a rir.
Os cavalos, coitadinhos,
não digo que estão de cama,
porque a não têm; têm só lama;
estão ali estão com os anjinhos.
Podem lá sair!! só vê-los
corta os fios d'alma à gente;
são dois montinhos de pelos
que estão para ali. (*Chora*)

HARPAGÃO

Doente
a minha parrelha?

DUARTE (*à parte para Harpagão*)

Qual!
quimeras! não creia.

HARPAGÃO

E não.

SEBASTIÃO

Metam-na à sege, e verão.
Meta-a antes no hospital.
Fazer mal aos animais...

DUARTE

Bem se sabe.

SEBASTIÃO

Cá por mim,

tratar o próximo assim
repugna-me.

DUARTE

Isto é demais:
se não quer ir à boleia
não faltará quem o faça.

SEBASTIÃO

Belo. Entrego-lhe a almofaça,
e lá se avenha.

DUARTE

Não creia,
senhor Harpagão, repito,
nestas exagerações.
Tem dois soberbos frisões,
e de um vigor infinito;
podem ir daqui à Rússia.

SEBASTIÃO (*sorrindo*)

Podem, se for num caixão.

DUARTE

Sabe as manhas desta súcia;
de palha, de verde, e grão,
andam sempre esfomeados;
lá se entendem.

SEBASTIÃO

Meu amigo,
há criados e criados.
Não jogue dessas comigo,
se tem amizade às costas.
Já o aviso.

DUARTE

Agradecido.

Com que então, fazes-me em postas
se eu?...

SEBASTIÃO

Duvida? e eu não duvido.
Supor que eu furte aos cavalos,
eu que já tenho chegado
a arrancar para esteiá-los
da própria boca o bocado!
Não lhe estou com mais aquelas.
Eles e eu...

DUARTE

Que somam três.

SEBASTIÃO (*sem fazer caso da interrupção*)

parecemos (quanta vez!)
a chorar três Madanelas;
tudo com a fome! O rabão
ontem, já quase nas vascas,
fez um olhar de aflição,
só de ouvir folhas e cascas,
Não digo mais nada. Agora
se querem deles dar cabo,
que o deem; espicham o rabo;
acabou-se; e eu vou-me embora.

DUARTE

Ih! que desgraça tamanha!
perde-se o rei dos cocheiros;

SEBASTIÃO

Mas fica o mestre da manha;
fica a flor dos lisonjeiros;
o mordomo espertalhão.

HARPAGÃO

Basta; basta; nem mais pio.

SEBASTIÃO

Tantos zelos! desconfio
de tanto zelar, patrão;
Deus me perdoe! tudo aquilo,
que o não faz pobre nem rico,
leva alguma água no bico.
Quer-lhe agradar e iludi-lo;
o para quê não sei eu;
mas que ele o tenta é de fé.
Chego-me a danar até
de ver a baixa que deu
o respeito de meu amo,
desde a entrada deste amigo;
porque eu (sem lisonja o digo)
ao senhor venero e amo;
amo e venero ao senhor,
(*Para si mesmo*)
(apesar de andar faminto)
quase tanto como sinto
às nossas bestas amor.
Que lhe quer? são simpatias;
birrei para aqui.

DUARTE

Bem sei.

SEBASTIÃO

Não uso lisonjarias:
mas lá que birrei, birrei.
Tanto, que ouvindo a insolência
com que falam desta casa,
até perco a paciência.

HARPAGÃO

Pois que dizem?

SEBASTIÃO

Põem-no à rasa.

HARPAGÃO

Faze favor de explicar-te;
que têm que dizer de mim?
Não ouves isto, Duarte?

DUARTE

Deixe falar.

HARPAGÃO

Mas enfim...
que é que dizem? quero, mando,
que te expliques.

SEBASTIÃO

Para quê?
para se agastar?

DUARTE

Não vê
que ainda o está inventando?
dê-lhe tempo.

SEBASTIÃO (*à parte*)

Este maldito!
se agarro o pau da boleia
sempre leva uma tarefa... (*Alto*)
Senhor Harpagão, repito
que se lhe eu contasse tudo
quanto se diz do senhor,
danava-se.

HARPAGÃO

O falador
timbra-me agora de mudo;
por obséquio, desembucha,
desejo tudo saber.

SEBASTIÃO

Quer? (*À parte*) Eu vou ver uma bruxa.

HARPAGÃO

Quero, e até me dás prazer.

SEBASTIÃO

Já que o deseja, e me obriga,
e promete não zangar-se,
aí vai tudo sem disfarce.

HARPAGÃO

Era já tempo.

DUARTE

Vá, diga.

SEBASTIÃO

Pois bem: para toda a gente,
mesmo em casas mui capazes,
meu amo é continuamente
a tourinha dos rapazes.
Todos nós, os seus criados,
andamos até corridos
com os ditos desaforados
que vêm aos nossos ouvidos.
— É tal pinga — dizem uns
que em atenção à cozinha,
acrescentou na folhinha
as têmporas e os jejuns.
Outros, que em chegando o prazo
de amêndoas ou pão por Deus,
arma tais pegas com os seus,
que tudo em casa vai raso;
por modo, que a boa usança,
tão digna de se observar,
o pão por Deus e o folgar,
nem passam pela lembrança.

Este afirma que uma vez,
por um carapau furtado,
foi por meu amo citado
um pobre gato maltês.
Que à missa é todo fervores,
com os olhos sempre pregados,
não nos bem-aventurados,
mas só nos seus resplendores.
Que em noites que não faz lua
o tem visto à faca sola
sozinho de rua em rua
chorando a pedir esmola.
Aqueles outros, que o senhor
de outra vez chegou até
a descer, pé ante pé,
alta noite...

(Para, não se atrevendo a progredir)

HARPAGÃO *(incitando-o a ir por diante)*

Onde?

SEBASTIÃO

Que horror!
numa noite endiabrada
de trovões...
(Reparando na cara de riso de Duarte)

Aquele ri-se?
desceu à cavalharice,
descalço, a empalmar cevada
da ração posta aos brutinhos,
que estavam entusiasmados
a regalar os focinhos
com quatro grãos avariados.
Por sinal, que foi sentido
pelo moço da boleia,
que levou duma correia,
e o zurziu mui bem zurzido;

tudo calado e sem luz;
sem se ouvir entre os estalos,
senão rincar os cavalos,
e o senhor nem chus nem bus.
Para um bom servo é custoso
ouvir uns contos assim;
e os nomezinhos enfim
que lhe têm posto! eu nem ouso!...

HARPAGÃO

Dize.

SEBASTIÃO

Chamam-lhe o sovina,
o esfomeado, o lazarento,
o socancra, o alma-mofina,
o unhas-de-fome, o avarento,
o sem-barriga, o mesquinho,
o mísero, o lambe-pratos,
o perro que cita os gatos,
o porco, o fona, o cainho.

HARPAGÃO

Sim? pois a esses senhores
levarás da minha parte,
em paga desses favores,
o que eu agora vou dar-te.

(Soqueia-o)

Biltre, patife, maroto,
malcriadão, atrevido,
descambado, intrometido,
comilão, bêbado, roto.

SEBASTIÃO

Eu bem dizia, o patrão,
se lhe eu dissesse a verdade,
havia arder.

DUARTE
Pois não há de
arder!

HARPAGÃO
Ele é que arde; eu não.

(Sai Harpagão pela porta do fundo)

CENA VI

Duarte e Sebastião.

DUARTE *(rindo)*
Que tal, Sebastião, se o corpo te comia,
agora há de estar bom; mesmo ótimo!

SEBASTIÃO
Não ria,
pássaro arribadiço, espertalhão, tratante,
enredador; não ria, ou neste mesmo instante
vamos ver se uma tunda em paga das tratadas
também lhe desafia as mesmas gargalhadas.

DUARTE *(sempre em tom de gracejo e ironia)*
Não vai a arrenegar, mestre Sebastião;
sossegue, por quem é.

SEBASTIÃO *(à parte)*
Já tem medo o pimpão!
Então posso galrar-lhe, e até (sei lá) sová-lo. *(Alto)*
Você ri, e eu não rio; o seu grimpar de galo
para cá vem barrado; e acabe-me com os brincos,
se não quer que lhe troque os brincos em chorincos.

(Sebastião arregaçando as mangas vai crescendo para Duarte, e faz com que este, sem desmentir o tom e cara de brincadeira vá recuando diante dele até ao fundo da sala)

DUARTE

Devagar; devagar.

SEBASTIÃO

Qual devagar! não quero.

DUARTE

Tem mão.

SEBASTIÃO

Tenho até mãos.

DUARTE

Espera.

SEBASTIÃO

Não espero.

Torne a rir se é capaz.

DUARTE

Senhor Sebastião!

SEBASTIÃO

Não há cá nem senhor, nem Sebastião; e então para o velhaco mor!... Ai quem me dera aqui um bom cacete!!

DUARTE (*mudando para tom sério, ameaçador, e decidido, e fazendo recuar deveras Sebastião até ao proscênio*)

O que, maroto? espera aí que eu te ensino.

SEBASTIÃO

Dispenso.

DUARTE

Olha que se até agora me diverti o ouvir-te e o ver-te de ti fora, já pus ponto na farsa; e racho-te a caveira.

Lembra-te de quem és, vasculho de cocheira,
rodilhão de cozinha. Eu se te ponho os pés,
esmago-te.

SEBASTIÃO

Bem sei.

DUARTE

Um bruto é que tu és.

SEBASTIÃO

Sou, sou!

DUARTE

Um malcriado, um tolo.

SEBASTIÃO

Isso é verdade.

DUARTE

Por isso te não mato.

SEBASTIÃO

É generosidade!
e muito agradecido.

DUARTE

O que eu te recomendo,
é que não tornes mais comigo...

SEBASTIÃO

Entendo, entendo.

DUARTE

Faltares-me ao respeito! ameaçar-me! canalha!
vá lá ser ferrabrás entre os da sua igualha.
(*Sai pela segunda porta da direita*)

CENA VII

Sebastião, D. Mariana e Guiomar (as quais vêm da primeira porta da direita).

GUIOMAR

Saber-nos-á dizer, mestre Sebastião,
se está cá o seu amo, o senhor Harpagão?

SEBASTIÃO

Há pouco inda cá estava; e por sinal bem forte.
Há de andar no quintal a vigiar o corte
da ramaria seca, a fim que o podador
não sise alguma lenha.

GUIOMAR

Então faça favor
de lhe ir dizer, que tem aqui à sua espera
Guiomar, e a tal senhora.

SEBASTIÃO

Ele já vem.

GUIOMAR (*à parte*)

Pudera.

(Sebastião sai pela porta do fundo)

CENA VIII

D. Mariana e Guiomar

D. MARIANA

Não sei que tenho, Guiomar;
sinto-me tão agitada!...
temo...

GUIOMAR

O quê? não tema nada.

D. MARIANA

Tremo de vê-lo chegar.
Imagina uma pessoa
que está sentenciada à morte,
quando a hora fatal soa,
e entra o algoz: por mais forte
que busque ostentar-se, o lance
não é para sucumbir,
Guiomar?

GUIOMAR

Decerto que o trance
não é muito para rir;
não é; mas que paridade
têm um casamento e a morte?
Sei que era outro o consorte
da sua escolha e vontade;
preferia o mocetão
de quem sempre anda a falar-me.

D. MARIANA

Tu mesma havias de dar-me,
se o visses, toda a razão.
Dois meses há, pouco mais,
nos visita dia a dia.
Ante os olhos maternais
nasceu esta simpatia.
Nele e em mim foi gradualmente
florindo em perfeito amor;
amor puro e amor fervente,
luz celeste e ameno ardor.
Minha mãe ao contemplá-lo
nos bendizia em segredo;
éramos duas a amá-lo;
mas foi sonho, acabou cedo.

GUIOMAR

E soube quem ele fosse?

D. MARIANA

Não sei; sei que tem um ar
tão grave, tão bom, tão doce,
que obriga por força a amar;
e que obtê-lo por marido
me fora a maior mercê.

GUIOMAR.

Se ele tivesse com que,
pode ser; assim... duvido.
Conheço mil puxadinhos,
dos que mais floream; têm
por fora brilho e carinhos;
por dentro, nem um vintém.
Então digo eu que a menina,
que não é nenhuma louca,
deve antepor esta mina
a fazer cruces na boca.
Eu bem sei que a mocidade
não se dá bem com a velhice;
e que há de ter, ora se há de!
muita maré de perrice.
Mas adeus! consorte idoso
não é marido de dura;
morto ele, nasce a ventura;
vem-lhe riqueza, repouso,
liberdade; pode então,
solta do que está na cova,
com o valor do caldeirão
comprar a caldeira nova.

D. MARIANA

É triste coisa a ventura
que há de custar uma vida.

GUIOMAR

Todos morrem; desventura
é caduquez mui comprida.
Digo até que o seu dever,
para ser bom e cortês,
era obrigar-se a morrer
dentro em dois meses ou três;
e isso expresso no contrato.
Ri? tem razão, que era arranjo;
mas diga-me cá, meu anjo
se o seu rapaz lhe é tão grato,
o velho tão repugnante
e a mãezinha tão amiga,
não percebo quem na obriga
a ser deste sacripante;
não é o amor, nem sou eu;
o que é pois?

D. MARIANA

O meu dever.
Minha mãe quase a morrer,
sem mais abrigo que o meu!
tudo quanto em casa havia,
vendido já; que me resta
em situação tão funesta?
imolar-me. Pois devia
ver morrer ao desamparo
quem me dera tudo e a vida?
jamais; estou decidida;
vou salvá-la; aceito o avaro.

CENA IX

As mesmas e Harpagão (que vem da porta do fundo).

GUIOMAR *(em voz baixa para D. Mariana)*

Chitom, que lá vem ele.

D. MARIANA (*em voz baixa para Guiomar*)

Oh! que figura!

HARPAGÃO (*para D. Mariana*)

Às plantas

de vossa senhoria, altar de graças tantas.

Não há de reparar nos óculos; é certo

que a sua formosura é clara ao longe e ao perto,

nem adquire mais graus com óculo de aumento;

mas os astros também são sóis do firmamento,

e a sábia astronomia os óculos lhe assesta.

Digo e sustento pois, que estrela igual a esta

não há no céu; nem mesmo a estrela luzidia,

chamada Vênus, chega a vossa senhoria.

(*Depois de estar por alguns minutos à espera de resposta, em voz baixa para* *Guiomar*)

Então ela não fala?

GUIOMAR (*em voz baixa*)

Ai! fala o que é preciso,

mas como tem de seu muitíssimo juízo,

entende que o falar, não sendo necessário,

é despender sustância em ato perdulário.

De mais (e penso que este é o principal motivo)

bem vê que uma donzela é um ente muito esquivo,

e a qualquer expressão que cheire a requestá-la,

assusta-se, estremece, e perde logo a fala;

depois aquilo passa.

HARPAGÃO (*em voz baixa*)

É verdade.

(*Em voz alia para D. Mariana*)

Aí vem

minha filha Luísa abraçar sua mãe.

CENA X

Os precedentes e D. Luísa (que sai da segunda porta da esquerda).

D. MARIANA (*caminhando com ar prazenteiro para D. Luísa*)
Senhora D. Luísa!

D. LUÍSA (*idem*)
Minha senhora!

D. MARIANA
Este dia...

D. LUÍSA
Os meus votos realiza.

D. MARIANA
Inunda-me de alegria!
Eu devia, e desejava
ter vindo há muito.

D. LUÍSA
O dever
da minha parte é que estava.

HARPAGÃO (*à parte*)
Chegaram-se enfim a ver;
e ambas se mostram gozosas;
ainda bem!
(*Para D. Mariana*)
Acha a morgada
talvez bastante espigada?

D. MARIANA
Acho-a um palmito de rosas;
galantíssima.

HARPAGÃO
Favores!
é dos olhos com que a vê.

D. MARIANA (*baixo para Guiomar*)
Que tosco é sua mercê!

HARPAGÃO (*para Guiomar, baixo*)
Que te disse os meus amores?

GUIOMAR (*baixo para Harpagão*)
Que o acha admirável.

HARPAGÃO (*baixo para Guiomar*)
Acha?
(*Alto para D. Mariana*)
Muito obrigado, lindinha. (*À parte*)
E é magnífica de facha.
Quem viu sorte igual à minha? (*Alto*)
Juro-lhe, anjinho inocente;
se me caíssem do céu
vinte peças no chapéu,
não ficava mais contente.

D. MARIANA (*em voz baixa para Guiomar*)
Nem o posso ouvir.

GUIOMAR (*em voz baixa para D. Mariana*)
Sossego.

D. MARIANA (*como acima*)
E dizer que este panal
tem entrada e exerce emprego,
Deus meu! na casa real!

CENA XI

Os mesmos, Júlio e Duarte (que vêm da segunda porta da direita).

HARPAGÃO
Ora aí vem o meu Júlio, o meu filho, também
beijar humilde a mão da sua nova mãe.

D. MARIANA (*à parte para Guiomar*)

Guiomar, que raro encontro! o homem que a todo o instante tu me ouvias louvar, é este, é o meu amante.

GUIOMAR (*à parte para D, Mariana*)

Coisas que arma a fortuna!

HARPAGÃO

Acho-as a modo estranhas
de lhes eu apresentar crianças já tamanhas!
Isto da filharada alembra-me o escalracho;
crescem que tem demônio! embora! pouco empacho
nos hão de já fazer; saberá que tenciono
pôr já este com dona, e Luísa com dono.

JÚLIO

Minha senhora, é este um acontecimento,
que inda me custa a crer! ser tal do pai o intento
sabíamos nós já por lhe termos ouvido;
mas duvidava então, e agora inda duvido.
Não compreendo bem...

D. MARIANA

Nem eu por ora; a sorte
é quem dispõe da gente.

JÚLIO

Oh! que feliz consorte
que não vai ser meu pai! confesso que a alegria
que lhe enche o coração me encanta, me inebria!
Contudo (serei franco) um não sei quê me afasta
de lhe dar parabéns por ser minha madrasta;
é esse um parentesco... um título... (não sei....)
desagradável, feio, e nunca lhe darei.
Ser madrasta é ser velha; é ter de mais dez anos;
é passar de rainha à lista dos tiranos;
é ter na alma rabugem, e ali...
(*Apontando-lhe para o coração*)

coisa nenhuma;
é... é... o ser madrasta é ser madrasta em suma.
Alguém dirá talvez, que este falar, que exprime
o que eu sinto aqui dentro, é duro, é torpe, é crime;
mas se o seu coração me absolve, isso me basta;
e absolve-me; por ora, inda não é madrasta.
Finalmente, senhora, este consórcio fere
interesses meus, bem sabe; e meu pai que tolere
o que lhe vou dizer. Um casamento assim
nunca se realizará, a depender de mim.

HARPAGÃO

Que belos parabéns! que alarve! é à cara dela
atirar tudo aquilo assim sem mais aquela!

(Para D. Mariana)

Vá, responda-lhe, vá; confunda-me esta fera.

D. MARIANA

Se o senhor Júlio é franco, eu sou também sincera;
bem dizem que não há corações enganados.

O que sente, e o que eu sinto é o mesmo; os desagradados
que acha em lhe eu ser madrasta, encontro-os eu tais quais
em chamar-lhe enteado; e talvez que inda mais.

Creia que não sou eu (posso jurar-lhe) a autora
da nossa situação.

JÚLIO

Não?

D. MARIANA

Não.

JÚLIO

Pois quem, senhora?

D. MARIANA

Uma estrela, um destino, um fado, uma potência
que a todos nos arrasta, e ri da resistência.

Se eu, sabendo a aversão que tinha a este enlace
o pudesse evitar, não crê que lhe evitasse?
Supõe que por meu gosto eu punha os pés num trilho
que levava a um abismo? ódio entre um pai e um filho?

HARPAGÃO (*a D. Mariana*)

Muito bem! muito bem! (*a Júlio*) Apanha, traste, apanha.
(*A D. Mariana*)

Não se esteja a agastar. Inda que foi tamanha
a audácia cá do meco, há de perdoar-lhe o excesso;
por seu bom coração, por nosso amor, lhe peço.

D. MARIANA

Eu perdoar-lhe o quê? reputa-me ofendida
por que me falou claro? estou-lhe agradecida.
Em vez de me enganar e vir com fingimentos,
quis que eu soubesse bem quais são seus sentimentos.

HARPAGÃO

Desculpa-o!! que bondade!! aquela rebeldia,
meu tudo, tenha fé que há de passar-lhe um dia.

JÚLIO

Quem? eu? mudar! jamais.
(*Para D. Mariana*)

No que hoje esta alma sente,
juro que hei de morrer, senhora, impenitente.

HARPAGÃO

Tem diabo no corpo: em vez de entrar em si,
acirra-se, e refina.

JÚLIO

Eu sinto o que senti,
e hei de senti-lo sempre.

HARPAGÃO

Ateimas? não consinto
nem mais uma palavra.

JÚLIO

Enfim, como o que eu sinto
me não é dado expor, vou-lhe falar, senhora,
de um modo em tudo avesso, e tal, como se eu fora
no lugar de meu pai. Tomo esta penitência
para me castigar da pouca obediência.

HARPAGÃO

Ora graças a Deus! (*À parte*) Estimo que o tratante
lhe expresse o que eu não sei, pois nunca fui amante.
Para tal nunca eu tive inclinação nem ócio;
ou bem namorações, ou bem fazer negócio.

JÚLIO

Pois, senhora, é verdade: objeto mais perfeito
nunca o vi neste mundo! o empenho deste peito
seria o merecê-la; e o ser o seu esposo
me era mais que empunhar o cetro mais fastoso.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*)

Devagar, meu senhor; mais devagar.

JÚLIO (*baixo para Harpagão*)

Estou
a falar por meu pai; acha que exorbitou
acaso o meu dizer do que em sua alma sente?

HARPAGÃO

Eu também tenho língua, estou aqui presente,
e não o nomeei por meu procurador.
Venham cadeiras.

JÚLIO

Bem; calo-me.

HARPAGÃO

Sim senhor.

(Gritando para dentro)

Cadeiras.

GUIOMAR

O melhor entendo que seria

irmos já para a feira; está tão belo o dia!

quem vai cedo vem cedo; e então conversaremos.

HARPAGÃO *(chamando para a segunda porta da direita)*

Sebastião! Sebastião!

SEBASTIÃO *(entrando)*

Cá estou, patrão; que temos?

HARPAGÃO

Os cavalos à sege.

SEBASTIÃO *(à parte)*

Aluguei outros. *(Alto)* Pronto.

HARPAGÃO

Estas damas à feira; e tu, a pé.

SEBASTIÃO

Não monto?!

HARPAGÃO

Não monta não senhor; leve à rédea os cavalos;

Lembre-lhe o que me disse; escusa-me estafá-los.

(Sai Sebastião pela segunda porta da direita)

HARPAGÃO *(para D. Mariana)*

Peço-lhe mil perdões, noivinha idolatrada,

de a deixar ir assim sem ter comido nada;

quem anda, como eu, ébrio...

D. MARIANA

Ébrio!?

HARPAGÃO

Sim; de ventura;

não pensa em merendar; mantém-se de ternura.

JÚLIO

Pensei eu por meu pai; mandei buscar ao Mata,
com um bilhete em seu nome, uns cem pastéis de nata,
outros tantos de fruta, um bom peru trufado,
doces finos, Madeira, *et caetera*.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*)

Oh! desalmado!

JÚLIO

Acha pouco? a senhora há de ser indulgente
de certo; um copo de água armado de repente.

D. MARIANA

Nem tanto era preciso.

JÚLIO

Está, minha senhora,
reparando, cuido eu, na joia encantadora
que meu pai tem no dedo?

D. MARIANA

É verdade; que brilho!

JÚLIO

Pois visto mais ao pé?!
(*Tira de repente o anel do dedo a Harpagão*)
Perdão, meu pai.

HARPAGÃO (*muito assustado e à parte*)

Meu filho!

D. MARIANA (*pegando no anel, e observando-o com mais individuação*)
Nunca vi outro assim! Aquilo é que é diamante!
que fogo! bem lhe quadra o nome de brilhante.
É lindo; e de um valor!...

JÚLIO

De pouco mais de um conto;
mas a meu pai ficou-lhe aí, por um desconto,
nuns trezentos mil réis; não foi, meu pai?

HARPAGÃO (*à parte*)

Trezentos
que te levem a ti, judeu. (*Alto*) Mais de quinhentos
me custou ele.

JÚLIO (*opondo-se a que D. Mariana restitua o anel a Harpagão*)

O quê, senhora? isso é brinquedo,
mas ofende a meu pai; não tire o anel do dedo.
São dignos um do outro, e iguais em formosura;
não rejeite essa prenda emblema de ternura.

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*)

Tu que fazes, maroto?

JÚLIO

Ande, meu pai; bem vê
que a senhora inda hesita; implore por mercê
se digne de aceitar-lhe aquela bagatela,
que, se algum valor tem, é só no dedo dela.

D. MARIANA

Mas...

JÚLIO

Não há mas; meu pai, com o seu acanhamento,
não ousa...

HARPAGÃO (*baixo para Júlio*)

Ah! cão!

JÚLIO

Mas eu, que à própria o represento,
e que entendo os sinais que a furto me tem feito,
em seu nome lhe rogo aceite a prenda.

D. MARIANA

Aceito,
e agradeço.

GUIOMAR

Era tempo. Os mimos de um marido
não se recusam nunca, e é ele o agradecido.

HARPAGÃO (*à parte*)

Pois não é! forte corja!

D. MARIANA

Em outra ocasião
restituirei o anel ao senhor Harpagão.
Fico depositária.

HARPAGÃO (*para D. Mariana, alegrando-se-lhe o rosto, mas em voz baixa*)

Oh! coração preclaro!

JÚLIO

Caro pai!

HARPAGÃO (*olhando-o de revés*)

Sim senhor, de um filho muito caro.

CENA XII

Os mesmos e Sebastião (que aparece à segunda porta da direita).

SEBASTIÃO

Um homem que procura ao senhor Harpagão.

HARPAGÃO

Agora a ninguém falo; escolha outra monção,
e volte, se quiser, daqui a meia hora.

SEBASTIÃO

Diz que lhe traz dinheiro, e quer falar-lhe agora. (*Sai*)

HARPAGÃO (*para D. Mariana*)

Com licença; eu já venho.

(Vai correndo para a segunda porta da direita por onde Sebastião saiu; mas ao chegar a ela, Sebastião, que torna correndo, esbarra nele e vira-o de pernas ao ar)

SEBASTIÃO

Ai Jesus! que o matei!
Matei-o sem querer!

HARPAGÃO (*no chão*)

Socorro! aqui del-rei!

(Júlio e Duarte lançam-lhe as mãos para o levantar, enquanto as senhoras aproximando-se representam susto e cuidado)

JÚLIO

Que tem?

DUARTE

O que lhe dói?

HARPAGÃO

Ai!

SEBASTIÃO

Fiz-lhe prejuízo?
quebrou?

HARPAGÃO

Isto hoje aqui é o dia de juízo!
quebrei, sim.

DUARTE

O espinhaço?

HARPAGÃO

O vidro do relógio,
que o senti estalar. Todo o martirológio!
venha mais!

(Indicando Sebastião)

Este monstro... aposto... (ai! ai! que dores!)
que se deixou peitar de alguns meus devedores
para me destruir.

JÚLIO *(oferecendo-lhe um copo d'água)*

Ficou muito pisado?

HARPAGÃO

Vejam se o fato ali me não ficou rasgado.

DUARTE *(fingindo examinar)*

Não lhe fez mal; não fez.

HARPAGÃO

Estimo, agradecido.

GUIOMAR

Coitadinho, há de estar com o lombo bem moído.

HARPAGÃO

Oh se estou! *(Para Sebastião)*

Tu, ladrão, que estás a remirar-me?
achas que inda foi pouco?

SEBASTIÃO

Eu? queira perdoar-me;
se lhe dei o boléu foi por casualidade;

vinha desenfreado, e à bruta; isso é verdade,
mas havia razão: desferrou-se um cavalo;
e a sege assim, bem vê...

HARPAGÃO

Vá mais! corre a ferrá-lo;
o ferrador é perto, e some-te, tratante.

JÚLIO

Enquanto vai e vêm, há o tempo bastante
para se merendar. Eu, se meu pai consente,
faço as honras da casa à dama aqui presente;
sou o seu delegado. Aqui faz calma horrenda!
O arvoredado é mais fresco. (*Chama*) Olá!
(*À Mealhada, que assoma à segunda porta da direita*)
Venha a merenda;
para a mesa de pedra à sombra das nogueiras.
Eu conduzo a senhora, e levem-nos cadeiras.

(*Desaparece Mealhada pela porta da direita. Júlio oferece o braço a D. Mariana, e saem pela porta do fundo seguidos de D. Luísa e Guiomar.*)

CENA XIII

Harpagão e Duarte.

HARPAGÃO

Meu precioso Duarte,
já que em ti vejo outro eu,
e meu filho é um fariseu,
vela-os tu da minha parte.
Um não sei quê me anuncia
que este amor corre perigo.

DUARTE

Nenhum; sou eu que lhe digo.

HARPAGÃO

E eu só te digo: vigia.
Vamos também para a mesa;
e olho vivo meu Duartinho.
Sobrando pastéis ou vinho,
guarda tudo.

DUARTE

Ah! com certeza.

HARPAGÃO

Os restos não babujados
deve o Mata e o confeitiro
tomá-los como dinheiro.

DUARTE

Perca daí os cuidados.

(Vão a caminhar para o fundo, quando se ouve do quintal cantar o mesmo rouxinol do fim do primeiro ato)

DUARTE

O rouxinol no pomar!
que música tão suave!

HARPAGÃO

Não sei se é bem esta a ave
que hoje me deve cantar.

ATO IV

CENA I

Júlio, D. Mariana, d. Luísa, Guiomar.

JÚLIO

Bom! Nesta sala agora há toda a segurança;

ninguém nos ouve; viva a quádrupla aliança!

A alma do negócio é a diplomacia.

GUIOMAR

Quem preside?

JÚLIO

Sou eu. Luísa, principia!

D. LUÍSA (*para D. Mariana*)

Pois sim, minha senhora. O amor de meu irmão já me ele tinha dito.

JÚLIO (*interrompendo em tom de presidente*)

À ordem!

D. LUÍSA

Minto?

JÚLIO

Não,

nem és capaz de tal. O que eu digo é que fora melhor chamar-lhe irmã do que minha senhora; e entre irmãs dá-se tu.

LUÍSA (*para D. Mariana*)

Consente?

D. MARIANA

Se consinto?!

e em já chamar-te irmã, que júbilo que eu sinto!

D. LUÍSA

Como eu te ia dizendo, o mano já me havia contado o vosso amor.

D. MARIANA (*para Júlio*)

Já?

JÚLIO

Já.

D. LUÍSA

Tive alegria
em ver que ele empregava o seu amor tão bem.

D. MARIANA

E eu o meu, não, Luísa?

D. LUÍSA

E tu o teu também.

GUIOMAR

São dignos um do outro: é um raminho feito
de um cravo, uma rosinha, e muito amor-perfeito.

D. LUÍSA

O pior, Mariana, é que ao vosso desejo
há tantas objeções, tais penas vos prevejo,
que chego a esmorecer.

JÚLIO

Tem fé!

D. MARIANA

Nesse cuidado
de me veres ditosa, e Júlio afortunado,
nesse mesmo temer, em suma, se divisa
o que eu mais ambiciono: o afeto de Luísa.
Ser chorada por ti, aliviar-me-ia as dores,
se o destino afinal calcasse estes amores.

(D. Mariana beija enternecidamente a D. Luísa, que lhe corresponde do mesmo modo)

GUIOMAR

Foi mau, foi, muito mau, o não me terem posto
em pratos limpos tudo a tempo. Este desgosto

podia-se evitar. As arcas encouradas,
sem causa, muita vez dão destas trapalhadas.
Se me tivessem dito — ele que a amava a ela
— e ela quanto era dele — eu tinha mais cautela,
e não levava ao ponto em que hoje as coisas são,
este casório insulso, esta abominação.
Enfim quem mal não usa... (*Finge que chora*)

JÚLIO

Escusas de chorar:
a culpa é do meu fado, e não de ti, Guiomar!
(*Para D. Mariana*)
Mariana, que decide? o tudo é o seu querer.

D. MARIANA

Eu que posso? eu que sei? como? que hei de eu fazer?
Digam-me, e pronta o cumpro. Em tudo dependente,
de meu só tenho a prece, a muda prece ardente.

JÚLIO

A prece, e nada mais? mais nada em meu favor
posso achar em Mariana? oh fino, oh raro amor!
Nem fé, nem compaixão, nem força, ao que parece,
cabem já nesse peito? unicamente a prece!

D. MARIANA

Ponha-se em meu lugar! Ensine-me; conduza
uma fraca mulher em selva tão confusa!
Tem juízo; tem honra; e sei que é nosso amigo;
seja o meu conselheiro; o seu conselho sigo.

JÚLIO

Segue-o, se for conforme em tudo ao que essa gente
costuma chamar honra, e sendo estritamente
conforme com a decência, ou com o que assim se alcunha.
Muito confia em mim! bem haja! não supunha.

D. MARIANA

Enfim, que hei de eu fazer? Bem vê que há mil respeitos
que o mundo nos impôs, e nos tornou preceitos:
que donzela jamais impune os quebraria?
E depois minha mãe, o meu exemplo e guia,
a minha companheira... a minha mãe! não devo
imolar-me por ela? Ah! Júlio! Eu nem me atrevo,
quando a vejo num leito, e em véspera talvez
de a perder para sempre, ajuntar-lhe à viuvez
a falta de uma filha, a fome, o desamparo.
Sacrifico-me; perco o ente que me é mais caro,
e uno-me ao que detesto. É duplicado inferno,
mas não vejo refúgio. Ao seu coração terno
incumbo o procurar-me; até, se for preciso
contar-se tudo à mãe, a tanto o autorizo.
Pode dar-lhe a saber que o doce e puro afeto
que a namorava em nós, era um vulcão secreto;
que eu morria por Júlio. E se é conveniente
que eu vá também, eu mesma, expor-lhe que impiamente
até hoje a enganei calando-lhe a verdade,
e encobrindo a paixão com o manto da amizade,
embora que me custe, embora que me exponha
à censura de ingrata, humilho-me à vergonha.
Fá-lo-ei, fá-lo-ei, fá-lo-ei: não fujo ao sacrifício.
Crê possível que, ao ver-me em tão cruel suplício,
ela se não condoa? Um coração materno
perdoa sempre e tudo. Ela... Júlio... eu... que terno!
Nessa hora de perdão, hora inefável, santa,
hora em que Deus se alegra, e o anjo mau se espanta,
sentiremos em nós alguma inspiração,
alguma luz do céu, que dentre a cerração
nos descubra um caminho.

JÚLIO

Algum milagre?!

D. MARIANA

Embora:

o amor tem feito mil, faça mais este agora!

JÚLIO

Guiomar, minha Guiomar, queres valer-nos?

GUIOMAR

Eu

se lhes quero valer? pois que outro empenho o meu?
sempre fui serviçal.

JÚLIO

Discorre! ideia! inventa,
e propõe tu!

D. MARIANA

Guiomar!

D. LUÍSA

Minha Guiomar!

D. MARIANA

Assenta

no que se há de fazer: eu só em ti confio,
pois tens experiência, e estás a sangue-frio.

JÚLIO

Desata o nó que deste!

D. LUÍSA

E Deus há de pagar-te!

D. MARIANA

E eu, podendo, também.

JÚLIO

Venha o ditoso parto;

e verás, se põe fim ao nosso horrendo apuro,
como eu hei de florir, Guiomar, o teu futuro!

GUIOMAR

Realmente é custoso.

(Depois de estar pensando por algum tempo)

A mãe desta senhora

(Indicando D. Mariana)

é pessoa de tino (entendo eu cá); não fora
impossível talvez resolvê-la a entregar
ao filho em vez do pai, a nossa flor. Que par!
que parzinho bendito! *(Para Júlio)* O mau, meu cavalheiro,
é seu pai ser seu pai.

JÚLIO

Que faz isso?

GUIOMAR

Em primeiro,
era preciso impô-lo e não lhe dar motivo
para se ele ofender: é seco, é vingativo,
egoísta, e inda por cima...

JÚLIO

Explica-te!

GUIOMAR

Avarento.

Portanto, se ele vê falhar-lhe o casamento
assim sem mais nem mais, assanha-se por força,
e então não haverá poder algum que o torça
a dar consentimento ao novo matrimônio:
fecha inda mais a burra, e nem que Santo Antônio
desça dos céus à terra (e mais nem a Guiomar
excede ao bom do santo em coisas de casar),
não; nem ele, que é ele, é capaz de amansá-lo,
nem que traga consigo o próprio S. Gonçalo.

D. LUÍSA
Porém...

D. MARIANA
Visto isso...

JÚLIO
Então...

GUIOMAR
Esperem mais um pouco.
Nada de provocar o velho a algum descoco.
O melhor, quanto a mim, é vermos se se alcança
que desdê, ele próprio, o nó desta aliança.

D. MARIANA
Isso vinha do céu; mas como?

JÚLIO
Impraticável.

D. LUÍSA
Coisa mais espinhosa!

GUIOMAR
Espinhas tem o sável,
mas deixa-se comer.

JÚLIO
"Ate-se o guizo ao gato"
diz-se depressa e bem.

GUIOMAR
Que gente! um vil regato
afoga a todos três. (*Para D. Mariana*) Menina! tome tento!
Para livrar-se dele há um remédio bento.

D. LUÍSA
Ervas?

D. MARIANA
Alguma reza?

JÚLIO
Algum feitiço?

GUIOMAR
Então
se falam, calo-me eu, e lá se avenham.

D. MARIANA
Não.
Fala tu, fala tu, que és muito experiente,
e nisto hás de saber mais que esta pobre gente.

GUIOMAR (*a D. Mariana*)
Quem desmama um menino, o que é que põe no peito?

D. MARIANA
Diz que azebre, não é?

GUIOMAR
É. Logo o que eu receito
(que amor naquela idade é já segunda infância)
é fazer que ele tome à noiva repugnância.

JÚLIO
Mariana repugnar-lhe!!

D. LUÍSA
Ela, inspirar-lhe tédio!

JÚLIO
Impossível.

GUIOMAR (*a D. Mariana*)
Menina! Use do meu remédio,
que há de tirar proveito.

D. MARIANA

E como se prepara?
de que é? e quem o faz?

GUIOMAR

Aí está, prendinha cara,
o difícil da coisa. Há de ser preparado
pela menina mesma, e com o maior cuidado.
Sei que deve custar-lhe.

D. MARIANA

Eu não percebo; explica
depressa o teu enigma!

GUIOMAR

Estamos na botica.
"Recipe: Manipule! — A sua formosura,
o seu modo elegante, esse ar, essa frescura...
reduza tudo a pó."

D. LUÍSA

A pó!

GUIOMAR

Ao pó mais fino!

JÚLIO

Não pode.

GUIOMAR

Pode, pode. E cale-se, mofino;
deixe-nos trabalhar em santa paz.

JÚLIO

Vá lá!

GUIOMAR (*a D. Mariana*)

"O seu metal de voz fascinador, fará
pelo enferrujar bem, por modo que um *eu te amo*

soe mais a ralar que ao mimo de um reclamo.

O que era discrição, troque-se em frioleiras,
narcótico mortal, feito de dormideiras."

— Assim, jarreta, párvua, e sensabor, consegue
que o homem peça a Deus que o ensurdeça e cegue,
e fuja a bom fugir.

JÚLIO

Pois tens razão.

GUIOMAR

Pudera!

D. LUÍSA (*a D. Mariana*)

Tem razão, tem.

GUIOMAR

Se tenho! Escute mais: — Ser fera;
soberbona ao falar; — nariz sempre torcido;
— muito *quero* e *não quero*; — o pé muito batido,
et caetera... é pôr em fuga, e logo de repente
ao próprio Ferrabrás, que fosse pretendente.
Por cima de tudo isto, o que eu mais lhe encomendo,
porque já claramente o efeito lhe estou vendo
(e com esta, acabei de a aperfeiçoar, senhora!)
é ostentar-lhe em tudo índole gastadora:
que não dispensa o luxo, as modas, nem o jogo,
que isso lá para ele é como em casa um fogo.

D. LUÍSA

É verdade. E que mais?

D. MARIANA (*para D. Luísa, sorrindo*)

Mais! nome de Jesus!

GUIOMAR

Tudo isto é já bem bom; mas o que era de truz
era, além de tudo isto, armar-se alguma ideia

com que o homem, perdida a sua Dulcineia,
com outra mais real folgasse em desferrar-se.

D. MARIANA

Que mulher se prestava?...

GUIOMAR

Ai! juro que há de achar-se
uma, e duas, e dez, e mil, com bem o diga.

(Depois de meditar)

Cáspite! Há certa dama, esperta, minha amiga,
já seu tanto madura e ainda não sorvada;
se há uma abelha mestra ao nosso empenho azada
é ela! uma finura...

JÚLIO

Igual à tua?

GUIOMAR

À minha;

pode-o dizer; e um porte, um ar, que nem rainha
em cena de tragédia. Inculco-a pois ao pai
por uma fidalgo.

JÚLIO

É laço em que não cai:

Fidalga sem real!

GUIOMAR

Sem real! quem lhe disse?

Inventa-se-lhe um trem de toda a garridice;
um título, um solar na Beira ou nos Algarves;
são redes de arrastar a espertalhões e a alarves.
Cai, cai; fie-se em mim! Verá se o não convenço
de que esta viscondessa aveza um dote imenso:
vinte contos de réis.

JÚLIO

Será melhor quarenta.

GUIOMAR

Pois, quarenta. E que traz uma paixão violenta desde que um dia o viu tão guapo e bizarraço num dos bailes da corte, entre os moços do paço.

Desde que ela enviuvou, jamais no coração homem nenhum lhe fez tal desatinação.

Ora se eu conseguir meter-lhe na cabeça que esta amante infeliz, tão rica e viscondessa, não tem dúvida alguma em pôr nas escrituras que desde já lhe cede, alto e malo, às escuras, tudo quanto possui, acham que ele rejeita?

Sei que Dona Mariana é muito mais perfeita, muito mais de encantar que a minha viscondessa; mas há de ser vencida, e Deus a favoreça.

Os dotes mais reais, o encanto verdadeiro para aquele amador, consistem no dinheiro.

Bem vejo que a tramoia, antes de consumada, por força se descobre; isso que importa? nada; quando ele conhecer que os prédios, os morgados, os cofres de ouro, o amor, a glória, os viscondados, era tudo fingido, e por último termo o que só adquiria era um grande estafermo, o essencial para nós estava conseguido:

— Tomaste outra mulher? eu tomo outro marido.

JÚLIO

Deu no vinte a Guiomar. O que se quer agora é o plano posto em obra e já.

GUIOMAR

Num quarto de hora tenho a mulher falada, e a farsa em movimento.

JÚLIO

Se levas esta nau a porto e salvamento,

verás como te pago.

(Para D. Mariana)

E nós, senhora minha...

D. LUÍSA

À ordem.

JÚLIO

Eu! por quê?

D. LUÍSA

Por quê? Se a Marianinha

é minha irmã, e eu sou a irmã de meu irmão,

somos irmãos os três; e o uso entre os que o são,

foi sempre tutear-se. *(Para Júlio)* Apanha, presidente!

JÚLIO *(para D. Mariana)*

Aprova?

D. MARIANA

Muito, muito; aprovo intimamente.

JÚLIO

Mas que te ia eu dizendo?

D. MARIANA

És tu que o sabes.

JÚLIO

Eu?

O alvoroço do tu da ideia me varreu...

Ah! sim... já me recordo. É isto... se a Guiomar,

a quem baixo a cabeça, a ideia me aprovar.

GUIOMAR

Ouvirei.

JÚLIO

Mariana, em vez de mim, será
quem disponha ao milagre a santa mãe já já.

GUIOMAR

Concordo.

D. LUÍSA

Também eu.

JÚLIO

Induza-a a todo o custo
a romper esse enlace hediondo além de injusto.
Custo, disse... enganei-me: em filha tão querida
rogar é logo obter. Emprega decidida
com ela todo o amor que o céu te pôs no olhar,
todo o meigo do riso, as graças do falar,
o tudo, o não sei quê, de que és só tu senhora,
condão que Deus te deu para triunfadora.

(Mariana indica pelo gesto que anui; Júlio beija-lhe a mão de agradecido, no momento em que, da primeira porta da esquerda, vem saindo Harpagão)

CENA II

Os mesmos e Harpagão.

HARPAGÃO *(à parte)*

Já lá vamos! O enteado
beijando a mão da madrasta,
e ela sofre-o, e não se afasta!...
creio que estou arranjado.

D. LUÍSA *(que é a primeira que repara em Harpagão, em voz alta, para advertir os outros)*

É meu pai.

(Júlio larga sobressaltado a mão de D. Mariana)

HARPAGÃO

Já está ferrado;
e pronta à porta a capoeira.
Vamos; se têm de ir à feira,
é descer.

(Tirando da algibeira um tostão, e examinando-o; à parte)

Ele é safado,
mas passa, *(levantando a voz)* toma, Luísa!
Podes gastar.

D. LUÍSA *(sorrindo e à parte)*

Um tostão?!

HARPAGÃO

Emprega-o com discrição
nalguma coisa precisa.
Vão, vão!

JÚLIO

Eu as acompanho
por meu pai.

HARPAGÃO

Qual por meu pai!

JÚLIO

Depois de um boléu tamanho
como hoje aqui deu...

HARPAGÃO

Não sai.
É cá preciso, e está dito.

JÚLIO

Mas três damas irem só
quando podia um de nós...
Não acho bom, nem bonito.

HARPAGÃO (*ironicamente*)

Nem eu! Por essas florestas
que daqui à feira vão
pode encontrar-se um leão,
e outras mil coisas funestas.
Ontem mesmo uma serpente
devorou lá três polícias,
se por acaso não mente
o meu Jornal das notícias.

Mas as nossas amazonas
não são medrosas. (*Para as senhoras*) Vão, vão! (*Para Júlio*)
Tu fica!

JÚLIO

Mas...

HARPAGÃO

Se me entonas
a grimpa, azedo-me.

JÚLIO

Ai, não!

(*Saem as damas pela primeira porta da direita*)

CENA III

Harpagão e Júlio.

HARPAGÃO

Isto assim não vai bem, meu filho; é necessário
seguirmos d'hoje avante um método contrário:
franqueza e mais franqueza. Assim é que a amizade
pode ter duração e dar felicidade.
Responde-me leal.

JÚLIO

Prometo.

HARPAGÃO

Isso me basta.

— Como achas tu Mariana? O ser ou não madrasta é um mero acidente, e nada tem com a essência; ...e mesmo o sê-lo ou não está ainda em contingência. Como a achas, enfim?

JÚLIO

Eu! Como? em que sentido?

HARPAGÃO

Quanto a beleza, a corpo, a graça, este brunido da casquinha de fora.

JÚLIO

A formosura; entendo.
...Receio que se ofenda.

HARPAGÃO

Ai, fala! Não me ofendo.
Cada qual tem seu gosto.

JÚLIO

Acho que em formosura há pior e há melhor; agora de figura pior é que não há: veste sem tom, sem graça; e, calada, ainda vai; falando é uma desgraça. Isto o que me parece. Agora lá se é boa, sabe-o Deus; muita feia é ótima pessoa. Com o coração nas mãos, é isto; e não lhe digo com o fim de o dissuadir. De si para consigo acha-a linda, não acha? espose-a, se quiser: Madrasta por madrasta, ela, ou outra qualquer.

HARPAGÃO

Pois, homem, faz-me zanga o não gostares dela.
...Mas... (se me não engano) achavas-lhe a mão bela, mesmo aqui, há bem pouco; e nesta mesma sala

uma hora haverá que te eu vi requebrá-la,
e com bastante fogo.

JÚLIO

Ah, sim, bem sei. Tudo isso
foi querer a meu pai fazer um bom serviço.
Via-o mudo, vexado, inerte por virtude;
parecia um galucho, um novicinho rude,
um atadinho enfim, destes por quem mulheres
não queimam a alcachofra, ou deitam malmequeres.
Que devia eu fazer? Em vez de me estar quedo
junto a meu pai, penedo ao pé de outro penedo,
forcei o gênio, e disse a Dona Mariana
o que a boa razão ensina a gente urbana.
Tudo só por meu pai; que dúvida! por ela,
bem empregava eu tempo em tanta incensadela!

HARPAGÃO

Portanto, inclinação...

JÚLIO

Inclinação, nenhuma,
nem por onde ela passe.

HARPAGÃO

O teu juízo, em suma?

JÚLIO

Que pode servir mui bem para madrasta;
mas para me eu casar, desejo-as de outra casta.

HARPAGÃO

É pena.

JÚLIO

O que é que é pena?

HARPAGÃO

É pena ser tão forte
a aversão que lhe tens.

JÚLIO

Uma aversão de morte!

HARPAGÃO

Pois aí está. Desse modo é renunciar o intento
que eu tinha de ceder-te a moça em casamento.

JÚLIO

Como assim?

HARPAGÃO

É verdade. Há pouco, entrando aqui,
e vendo-te beijar-lhe a mão...

JÚLIO

Não viu.

HARPAGÃO

Vi, vi.

JÚLIO

Mera civilidade...

HARPAGÃO

Estou por isso. Enfim,

civilidade ou não, vi-o e caí em mim.

— Tate, tate, Harpagão! — disse eu com os meus botões —

se não queres expor-te a trinta mil baldões,

não teimes em juntar as cãs e os desenganos

coas ilusões, o viço, a flor dos verdes anos.

Que não diria o mundo? e além do que diria
quantos motivos mais para falar teria!

Valor pois! e fugir, enquanto se não lavra

e assina uma escritura. É certo que a palavra

que eu mandei por Guiomar à mãe de Mariana

me obriga em certo modo... Histórias! a cigana há de, e a filha inda mais, achar melhor partido do que o unirem-se a mim, ter Júlio por marido.

JÚLIO

Eu seu marido?

HARPAGÃO

Tu, tu mesmo.

JÚLIO

O seu desejo
era esse realmente?

HARPAGÃO

Era; mas como vejo
o teiró que lhe tens, o antojo, a antipatia
que Mariana te infunde...

JÚLIO

Eu, grande simpatia
não lhe tenho; concordo; entretanto, se quer
livrar-se dela e impor-me, aceito-a por mulher.
Sou filho obediente...

HARPAGÃO

E eu bom pai. Nada, nada.
Deus me livre! exigir-te inclinação forçada!
Só se eu fosse algum doido.

JÚLIO

Aqui não há doidice.
Para o servir... pois não! Resigno-me, já disse.

HARPAGÃO

Obrigado, obrigado. Eu é que não aceito.
Casar, não sendo a gosto! é péssimo, e sujeito
a mil tribulações.

JÚLIO

Meu pai, reúna os dois,
que é o ponto essencial; o amor virá depois.

HARPAGÃO

Bem se vê que és novato. Um homem quando casa
mal sabe a que se expõe; mete um inferno em casa.
E havia de amarrar, eu mesmo, nessa nora
o meu Júlio, o meu sangue, um filho que me adora!
Lá, se eu te descobrisse um grande fatacaz...
(bastava alguma queda) era muito capaz
de preferir-te a mim, e dar-te a rapariga;
mas assim, não senhor. Descansa! E pois me obriga
a palavra que dei, torno ao primeiro trilho.
Dê lá por onde der, esposo-a, e poupo o filho.

JÚLIO

Não há, não há remédio: é vinda a extremidade
de lhe eu dever expor, meu pai, toda a verdade.
Saiba pois, meu bom pai...

HARPAGÃO

O quê?

JÚLIO

Que eu a idolatro.

HARPAGÃO

E ela?

JÚLIO

Ela a mim também. Desde que no teatro
pela primeira vez a vi, linda e singela,
ser inveja das mais, e os olhos todos nela,
e os óculos ao longe e ao perto a devorá-la,
e um murmúrio de amor e assombro enchendo a sala,
senti-me escravizado. O seu olhar enfim,
que a ninguém procurava, acertou sobre mim.

Senti que era feliz, e que nesse momento
se me acendia um sol de amor no firmamento.
Que noite! nas ficções da cena apaixonada
com a música e poesia andou benigna fada
a levar-lhe e a trazer-me em continuados giros,
confidências, ventura, esperanças e suspiros;
sorri no sorrir dela; em mim senti seu pranto.
Ninguém mais do que nós amou jamais, nem tanto.
— Era a minha intenção, conforme aos votos dela,
declarar tudo ao pai, rogando-lhe... A procela,
que há pouco sobre nós caiu inesperada,
obrigou-me a conter-me, e não lhe disse nada.
Temi desagradar-lhe, opondo intempestivo
àquele seu consórcio o nosso amor tão vivo.

HARPAGÃO

Tens-lhe ido a casa?

JÚLIO

Tenho.

HARPAGÃO

E muita vez?

JÚLIO

Bastantes,
para o tempo que isto há.

HARPAGÃO

É natural: amantes...
E recebem-te bem, pois não?

JÚLIO

Otimamente,
sem saberem quem sou; por isso é que a inocente
inda agora pasmou de ver-me nesta casa.

HARPAGÃO

Hás de lhe ter pintado o fogo que te abrasa?

JÚLIO

Claro está.

HARPAGÃO

E a tenção que tinhas de esposá-la?

JÚLIO

Sem dúvida, e cheguei até...

HARPAGÃO

Até quê? fala... (*À parte*)

Estou na grelha a assar! (*Alto*) Chegou (*franqueza*) até quê?

JÚLIO

Por mostrar-lhe a minha boa fé,
e que um homem de bem nunca a inocência engana,
a revelar por longe à mãe de Mariana
assim confusamente esta resolução.

HARPAGÃO

E ouviu-te; não ouviu?

JÚLIO

Não lhe direi que não.

HARPAGÃO

E vamos nós; a moça, achas que está deveras
perdidinha por ti? ele há tantas quimeras
no bichinho mulher!

JÚLIO

Bem sei; mas a Mariana
(salvo se ela é um monstro, e bárbara me engana)
em quanto mostra e diz, julgo, meu pai, que posso
crer que é, de parte a parte, igual o afeto nosso.

HARPAGÃO (*mudando de tom*)

Ora pois, senhor meu, meu filho, e caro amigo!
Foi franco; serei franco. Escute o que lhe digo!
Ponto — e já — nesse amor! Há de ter a bondade
de não me pôr mais pé em casa da beldade;
nem vê-la, nem falar-lhe, ou de qualquer maneira
fazer-se-lhe lembrado. A fada trapaceira
que lá viu na comédia, era uma mentirosa
e você um basbaque, e a moça uma dengosa.
Mariana é a minha esposa; a sua, não o ignora,
é a que eu lhe destino... E põe-te-me já fora!

JÚLIO

Ah! Pois ele é assim? Assim se ludibria
e se espezinha um filho, um homem que podia
ter já filhos também?! Pois juro-lhe e rejuro
que não deixo a Mariana, e estou de a obter seguro,
em que pese a meu pai. Não há, não sei, não vejo
força alguma que possa opor-se ao meu desejo.
Julga contar com a mãe, por vê-la desgraçada?
pode ser que se engane. E a minha amante amada,
dos cálculos a exclui?

HARPAGÃO

Pois tens o atrevimento,
patifão, de encarar aquela...

JÚLIO

Antes assento
que, se houve usurpação, foi de meu pai, não minha.
Tive a prioridade.

HARPAGÃO

Esqueces-te, bestinha,
que eu, teu pai, tenho jus a todo o teu respeito!

JÚLIO

Em concursos de amor faz rir um tal preceito.

HARPAGÃO

E fará rir um pau no lombo de um tratante?

JÚLIO

Escusa ameaçar-me.

HARPAGÃO

Há de largar a amante.

JÚLIO

Nunca.

HARPAGÃO

Nunca, maroto! Um pau, uma bengala,
um fueiro.

JÚLIO

Jamais, jamais hei de deixá-la.

CENA IV

Os mesmos e Tomás (acudindo a correr da segunda porta da direita)

TOMÁS

Que tem, patrão? são ladrões?

HARPAGÃO

Pior. Tenho um peralvilho,
que eu dava oitenta dobrões
por não ser pai de tal filho.
Faltar-me ao respeito!

TOMÁS

É mau.

HARPAGÃO

Dizer-me que não!

TOMÁS

Pior.

HARPAGÃO

A um pai, que o não há melhor!

Não é de o matar a pau?

TOMÁS

Mas não se altere! A palavra

faz mais que a pancadaria.

Sempre é filho: se o escalavra

dá em si.

HARPAGÃO

Patifaria!

Eu vou-me a ele.

JÚLIO

Meu pai,

eu já não estou bom, confesso.

Não me obrigue a algum excesso

com os seus excessos!

TOMÁS (*à parte*)

Ai, ai,

que, se isto se não atalha,

temos bulha e mais que bulha.

Quero evitar à patrulha

o vir pôr termo à batalha.

HARPAGÃO

Cão! cão! eu dou-lhe...

TOMÁS (*chegando-se a Harpagão em voz baixa*)

Senhor!

HARPAGÃO

Derreti-o!

TOMÁS
Ouça-me!

HARPAGÃO
Nada;
dou-lhe tamanha maçada,
que o ponho em mãos do doutor.

TOMÁS
Pagando-lhe... e ao boticário.

HARPAGÃO
Lembras bem: não pode ser.
Se eu estou com o juízo vário!

TOMÁS
Sente-se, é o que há de fazer.

(Conduz a Harpagão para uma cadeira, junto à parede do lado esquerdo, e perto do proscênio)

Tem já o rosto assanhado,
que parece um caranguejo.
Sossegue! Isso é mau.

HARPAGÃO
Se o vejo,
ou torno a ouvir o altanado...

(Tomás faz sinal a Júlio para que se retire para o fundo da sala, do lado direito, onde está a mesa. Tira-lhe de diante o biombo, e vem colocá-lo no meio do teatro, interceptando mutuamente a vista do pai e do filho)

JÚLIO *(entre si)*
Para serenar um pouco,
vou escrever a Mariana.
Meu pai está louco; e um louco
tem privilégios. *(Começa a escrever)*

TOMÁS (*experimentando se o biombo está firme*)

Abana,
mas não cai. O essencial,
para evitarmos quezílias,
e pôr este antemural
ao filho e ao pai de famílias.

HARPAGÃO

Vem cá, Tomás! Tu entendes
de pulso? Toma este pulso.

TOMÁS

Acho-o seu tanto convulso...
Se quer, chamo o doutor Mendes.

HARPAGÃO

Não é preciso; isto passa,
se Deus quiser. É o efeito
das zangas que me tem feito
um filho, a minha desgraça.

TOMÁS

Talvez que não seja tanto.
Eu sei? ele a gente, às vezes...

HARPAGÃO

Vá lá! Dize que é um santo
e eu um diabo.

TOMÁS

Os seis meses
que eu fui criado e escrevente
de um grande juiz de paz
deram-me luzes assaz,
e não trovo de repente.
É preciso ouvir as partes,
pesar com toda a atenção,

e às vezes por boas artes
se chega à conciliação.

HARPAGÃO

Bem. Arvoro-te em juiz.

Eu e ele...

TOMÁS

Somam dois.

HARPAGÃO

Hein?

TOMÁS

Continue! E depois?

que fizeram?

HARPAGÃO

O que eu fiz,

fê-lo ele também.

TOMÁS

Bom filho:

seguiu o exemplo paterno.

Deixe-o ir sempre nesse trilho,

e tem-no livre do inferno.

HARPAGÃO

Não é isso, homem!

TOMÁS

Não!

HARPAGÃO

Ama

a mesma dama que eu amo.

TOMÁS

Para dois... uma só dama
é pouco; não é, meu amo?

HARPAGÃO

Pois aí está; e o bruto quer
que à fina força eu desista,
que lhe deixe; e à minha vista
recebê-la por mulher.

TOMÁS

Lá nisso não pensa bem.

HARPAGÃO

Um filho ao progenitor...

TOMÁS

Tem razão; olé se tem!

HARPAGÃO

Fazer concurso no amor!

TOMÁS

Fique-me aqui sentadinho,
enquanto o juiz de paz
vai falar com o seu rapaz,
e trazer-lhe ao bom caminho.

HARPAGÃO (*consigo mesmo, enquanto Tomás vai falar a Júlio*)

Se me traz a mandamento
cuido até que sou capaz
de mencionar o Tomás
nas deixas do testamento.

JÚLIO (*para Tomás sem ser ouvido de Harpagão*)

Meu pai fez-te árbitro; aceito...
e aceito a quem quer que for.
Decide, e breve, este pleito!

TOMÁS

Graças! que honra, meu senhor!

JÚLIO

Sabes que há uma donzela
por quem morro e por quem vivo.

TOMÁS

Não há de ser sem motivo.

JÚLIO

Sou adorado por ela;
suspiramos pelo dia
que há de sagrar estes laços;
vem meu pai...

TOMÁS

Que tirania!

JÚLIO

e quer-me arrancar dos braços.
Propõe por certa emissária
à pobre mãe da menina
que rompa o que o céu destina...

TOMÁS

E ela?

JÚLIO

Não sei.

TOMÁS

Que alimária!
Mas pode estar descansado.
Prometo-lhe que o patrão,
quando eu lhe tiver falado,
há de chegar-se à razão.
Deixe isso por minha conta.
(*Volta para ao pé de Harpagão*)

JÚLIO (*entretanto, falando entre si*)
Com o meu gênio de vinagre
não se tempera o negócio.
Com um parvo manso por sócio
talvez se arranje o milagre.

TOMÁS (*a Harpagão*)
Sabe que mais? O seu filho
não é como se cuidava:
em vez de serpente brava,
achei cordeiro em tomilho.
Diz que está por quanto queira
o caro autor dos seus dias;
que se teve demasias,
disse ou fez alguma asneira,
de tudo pede perdão,
e promete nunca mais
falar ao melhor dos pais
senão de chapéu na mão;
que, se o quiser ver contente
lhe mostre carinha boa,
e o case enfim com pessoa
não medonha inteiramente.
Aceita?

HARPAGÃO
Aceito gostoso.
Vai-lhe dizer, em meu nome,
que, se quer mulher a tome
que o possa tornar ditoso.
Corra toda a espécie humana:
tem raparigas a rodo.
Só exceto a Mariana;
no mais dou-lhe o mundo todo.

TOMÁS
Bom. Deixe o caso comigo! (*Vai para Júlio*)

HARPAGÃO (*entretanto, consigo mesmo*)

Lá me fazia estranheza
ver num filho um inimigo.
Viva o sangue e a natureza!

JÚLIO (*a Tomás*)

Então?

TOMÁS

Às mil maravilhas.
Vai tudo em maré de rosas.

JÚLIO

Que disse?

TOMÁS (*imitando a voz e o tom de Harpagão*)

"Se me acepilhas,
tens alvíssaras famosas!"

JÚLIO

"Acepilhares-me! como
se entende isso?"

TOMÁS

Diz que o acha
sempre com ar de mordomo;
que nunca a seu pai se abaixa;
que nunca lhe fala
sem sete pedras na mão;
e a um paternal coração
é isso o que mais o rala;
que seja com ele afável
e verá o pai que tem,
manso, risonho, amarável...

JÚLIO (*à parte*)

Se lhe não pedir vintém.

TOMÁS

Que há de fazer-lhe a vontade
em tudo quanto puder.

JÚLIO

Logo, dá-me por mulher...

TOMÁS

Dá, dá; forte novidade!

JÚLIO

Então podes-lhe afirmar
que há de encontrar sempre em mim
um José, um Benjamim;
um filhinho de invejar.

TOMÁS (*caminhando de Júlio para Harpagão. Considerando entre si*)

Tais conciliações são justas;
mas, meu bom juiz de paz!
não sei se não pagarás
tu mesmo afinal as custas.
Adeus! Eu já tenho casa
de menos lida e mais pão.
Mal soe aqui o trovão
nem pio dou, bato a asa.
(*Chegando ao pé de Harpagão*)
Tudo inteiramente assina.

HARPAGÃO

Santo filho!

TOMÁS

Sai ao pai.

HARPAGÃO

Venha aos meus braços! Que mina...

TOMÁS (*à parte*)

que estourar-te agora vai!

(Corre para Júlio)
Parece fora de si
c1o prazer de o recobrar.
Voe a abraçá-lo!

JÚLIO
Abraçar
te devo eu primeiro a ti. *(Abraça-o)*

TOMÁS
Não me confunda! O que eu fiz
qualquer bom moço o faria.

JÚLIO *(dando-lhe dinheiro)*
Toma! por ti sou feliz;
quero-te ver alegria.

TOMÁS *(conduzindo-o pelo braço para o proscênio)*
Aqui vem o filho pródigo.
Julgo que fui bom causídico,
e fiz a vontade ao código
sem aparato jurídico.

HARPAGÃO
Mereces recompensado.
Que dúvida!

(Mete a mão na algibeira, e depois de remexer por algum tempo, estando Tomás com a mão estendida à espera, tira o lenço para se assoar)

TOMÁS
São mercês.

HARPAGÃO
Será para outra vez.
Estou tão encatarroado!

TOMÁS
Então que fazem, senhores?

Não entendo o acanhamento.
Em tanto contentamento
sérios como dois doutores!
Saltem-me já aos abraços,
que o manda o juiz de paz.

HARPAGÃO

Vem, meu bom filho aos meus braços!

JÚLIO

Meu bom pai!

TOMÁS

Não sou capaz
de ver estas cenas ternas
sem chorar. Oh parentesco! (*À parte*)
...E portanto, oh minhas pernas,
para que vos quero? ao fresco!
(*Vai-se pela primeira porta da direita*)

CENA V

Harpagão e Júlio.

JÚLIO

Peço-lhe mil perdões dos arrebatamentos
que tive com meu pai. É que eu, nesses momentos,
não me sentia em mim; deveras.

HARPAGÃO

Já lá vai.

JÚLIO

Se meu pai me perdoa, eu é que não, meu pai.
Sinto aqui um remorso...

HARPAGÃO

E eu dentro uma alegria...

JÚLIO

Que bondade! esquecer, assim, no próprio dia...

HARPAGÃO

Pais esquecem depressa.

JÚLIO

E nem um leve espinho
da minha extravagância...

HARPAGÃO

Erraras no caminho;
estás nele outra vez. A tua obediência
e sujeição filial são mais do que inocência.

JÚLIO

Prometo-lhe que até o derradeiro instante,
me há de achar sempre o mesmo, obediente e amante.

HARPAGÃO

E eu também te prometo, e se faltar, má peste
dos devedores meus dê cabo...

JÚLIO

Não proteste;
não é preciso tal.

HARPAGÃO

Pois sim, mas asseguro
amenizar, meu filho, em tudo o teu futuro,

JÚLIO

Que posso eu mais querer, meu pai, de hoje em diante,
se em me dar Mariana...

HARPAGÃO

Em dar-te?...

JÚLIO

A minha amante.

HARPAGÃO

Quem te diz que eu te dou?

JÚLIO

Disse-o meu pai.

HARPAGÃO

Quem? eu!

JÚLIO

Pois quem?

HARPAGÃO

Pelo contrário, ele é que prometeu
Ceder-me.

JÚLIO

Eu! eu! ceder-lhe!

HARPAGÃO

É verdade.

JÚLIO

É mentira.

HARPAGÃO

Visto isso, teima?!

JÚLIO

Teimo.

HARPAGÃO

E aspira...

JÚLIO

Aspiro.

HARPAGÃO

Aspira
a tê-la por mulher?

JÚLIO

Sem falta.

HARPAGÃO

Recomeças
a tentar-me, ladrão?

JÚLIO

Não ouço injúrias dessas.
Quer delirar, delire. Ignora o seu delírio
que um puro e santo amor sai vivo do martírio?

HARPAGÃO

Deixa! Eu te farei ver...

JÚLIO

Quanto quiser.

HARPAGÃO

Tratante,
roubador de seu pai, ingrato, petulante!...

JÚLIO (*com toda a brandura*)

Que mais?

HARPAGÃO

Que nunca mais me tenha a confiança
de me chamar seu pai.

JÚLIO (*à parte*)

Está órfã a criança.

HARPAGÃO

Desamparo-te.

JÚLIO

Bom.

HARPAGÃO

Renego-te de filho.

JÚLIO

Bem.

HARPAGÃO

Deserdo-te.

JÚLIO

Vá.

HARPAGÃO

Deserdo-te, e perfilho
o primeiro tunante.

JÚLIO

É ótima eleição.

HARPAGÃO

Vai-te, e dou-te...

JÚLIO

Oh prodígio!

HARPAGÃO

A minha maldição.

(Harpagão sai pela primeira porta da esquerda. Júlio fica pensativo. Da porta do fundo vem Tomás com um cofre debaixo do braço)

CENA VI

Júlio e Tomás.

TOMÁS

Alvíssaras!

JÚLIO

Que é, Tomás?

TOMÁS

Venha depressa! Está salvo.

JÚLIO

Salvo! Explica-te, rapaz!

TOMÁS

Lá fora. Acertou-se o alvo.

JÚLIO

Qual alvo? Não compreendo.

TOMÁS

Era um tesouro enterrado,
que seu pai desconfiado
guardava, olhando e tremendo.

Pela cara eu bem lhe via
que era acolá no quintal.
Sigo-o; coco; espreito-o (ria!),
acho e empalmo o cabedal.

JÚLIO

Como é possível?

TOMÁS

Fujamos!

Toda a melgueira aqui vai.

Fuja ou perdidos estamos.

Ouçõ gritar... É seu pai!

(Fogem ambos correndo pela primeira porta da direita)

CENA VII

Harpagão (vindo a gritar desde o quintal até entrar em cena, com as feições desconcertadas, e no auge do terror).

Aqui del-rei, ladrões! Ladrões, aqui del-rei!
Querem-me assassinar. Mataram-me. Acabei.
Justiça, Deus do céu! Oh da ronda! oh da guarda!
Estou perdido e morto. Um chuço! uma espingarda!
Roubaram-me o meu sangue, os meus dez mil cruzados.
Quem seria? quem foi? persigam-me os malvados!
Quem os trouxe com o roubo, ofereço-lhe um quartinho...
meia moeda... mais, que eu nunca fui mesquinho.
Para onde fugiu? Onde está ele? aonde?
Corram, vasculhem tudo, a ver onde se esconde.
Ali não!... Aqui não!... Agarra o bandoleiro!
Vê-lo cá vai... Agarra, agarra o meu dinheiro!
(Agita-se bracejando à doida, e agarra com a mão direita o braço esquerdo)
Filei-te, mariolão! Larga o que não é teu!...
Estou perdido e doido; o que apanhei, fui eu.
E eu quem sou? onde estou? que hei de fazer? que posso?
Ah, meus ricos dobrões, se eu era todo vosso,
como pudestes vós deixar-me só no mundo!!
Que situação! que horror! que inferno tão profundo!
Ninguém tem dó de mim; sou Lázaro; sou Jó.
(Chora e soluça despropositadamente)
Perdi tudo, e ninguém, ninguém de mim tem dó.
(Na maior explosão do delírio)
Enforcar tudo a esmo, até que surda alguém
com o meu cofre; aliás enforco-me eu também.
.....
De quem me hei de eu valer! Demônio! Eu te requeiro:
Leva-me um olho... e os dois, mas dá-me o meu dinheiro.

ATO V

CENA I

Harpagão e Felisberto.

FELISBERTO

Não me ensine o meu ofício!
Sou há muito ano escrivão.
Sei descobrir um ladrão,
até sem sombra de indício.
Tenho a experiência e o faro.
Tomara tantos milhões
como já pus de ladrões
à dependura, meu caro!

HARPAGÃO

Isso mesmo: à dependura;
e assim é que deve ser.
É o primeiro dever
de toda a magistratura.
Ora o regedor, que o manda,
recomendou-lhe decerto,
senhor... senhor...

FELISBERTO

Felisberto,
para o servir.

HARPAGÃO

Que a demanda
se apressasse o mais possível,
até se dar com o dinheiro
e enforcar-se o réu. Requeiro
não façam como no cível,
onde as causas levam anos.
Aferventa! atíça! atíça!

aliás há de a justiça
pagar-me perdas e danos.

FELISBERTO
Sossegue... senhor...

HARPAGÃO
Roubado
servo seu.

FELISBERTO
Pois, meu amigo,
lá nisso conte comigo,
que não no há mais apressado.
Entremos no labirinto;
mas dê-me primeiro o fio.

HARPAGÃO
Que fio? (*À parte*) Mau! Desconfio
que é já pedir-me algum pinto.

FELISBERTO
O fio é o conhecimento
do caso, das circunstâncias,
suspeitas, concomitâncias,
do roubo astuto ou violento.

HARPAGÃO
Diga os pontos separados!
Tantas perguntas de chofre...

FELISBERTO
Bem. Disse-nos que o tal cofre
continha oito mil cruzados.

HARPAGÃO
Dez, dez.

FELISBERTO

Dez.

HARPAGÃO

Dez. Quatro contos.

FELISBERTO

Roubo grande em realidade.

(Felisberto puxa para fora da parede a mesa que está do lado esquerdo; põe entre ela e a parede uma cadeira, e assenta-se; Harpagão vai buscar à mesa do fundo o tinteiro e o papel, e põe-lhos diante. Claudina vem acender as duas velas, e retira-se)

HARPAGÃO

Ponha bem nos *is* os pontos.

(Depois de olhar para o que o escrivão assentou)

Dez mil: a pura verdade.

Não há para um crime assim
castigo que igual lhe seja.

Roubar ao pobre de mim
é mais que roubar igreja.

FELISBERTO

Em que moeda era a soma?

HARPAGÃO

Metade, em belas loirinhas
de vários reis e rainhas
que eu posso nomear-lhe.

FELISBERTO

Toma!

que memorião! E o resto?

HARPAGÃO

Um conto em bons soberanos;
trinta dobrões mexicanos.

FELISBERTO (*repetindo-lhe as últimas sílabas que escreveu*)
Canos...

HARPAGÃO
Pronto?

FELISBERTO (*sorrindo-se*)
Pronto e lesto.

HARPAGÃO (*à parte*)
E inda há no mundo quem ria!

FELISBERTO
Que mais?

HARPAGÃO
O mais era tudo
em muito ourinho miúdo,
tão limpo que reluzia.

FELISBERTO
O senhor de quem suspeita?

HARPAGÃO
Não sei; suspeito de todos:
dinheiro tem tais engodos,
que todos lhe andam à espreita.

FELISBERTO
Sim, mas no caso presente,
dizer todos ou ninguém
vem a dar na mesma; alguém
o roubou, não toda a gente.
Não lhe ocorrerá pessoa,
quer de calças quer de saia,
(pense bem!) na qual recaia
alguma suspeita boa?
Se lhe ocorre, é nomeá-la:
catrafila-se, e veremos

se uns anjinhos que nós temos
a fazem ou não ter fala.
Não é preciso mais potro,
nem mais nada. Se é culpado,
declara-o; se o réu foi outro,
que o nomeie.

HARPAGÃO
É bem lembrado.

FELISBERTO
Um ou outro hão de lhe pôr
para ali o cofrezinho.

HARPAGÃO
Bela ideia, sim senhor.
Vou ver, vou ver se adivinho.

CENA II

Os mesmos e Sebastião (que, entrando da segunda porta da direita, se revira para trás gritando).

SEBASTIÃO
Eu já torno. Olhem lá: matem-me sem tardança;
enterrem-lhe o facão no peito; abram-lhe a pança;
as unhas dos pés fora; o corpo chamuscado;
escaldado; e na corda até o teto içado!

HARPAGÃO
Quem? o que me roubou?

SEBASTIÃO
É um leitão; mandou-me
matar e preparar o senhor seu mordomo.
Verá como eu lhe arranjo.

HARPAGÃO

O que me importa agora
são leitões! O senhor... (*Indicando o escrivão*)

SEBASTIÃO

Se é coisa de demora,
não posso; logo venho.

HARPAGÃO

Espera! Este senhor,
que é o digno escrivão do nosso regedor,
precisa interrogar-te.

SEBASTIÃO

O que eu souber, direi.

FELISBERTO

Escusas de tremer. Nós cumprimos a lei,
mas não comemos gente; ergo por consequência...
fala desassombrado!

SEBASTIÃO (*para Harpagão em voz baixa*)

Este sua excelência
também cá ceia?

FELISBERTO

Aqui, meu rico amigo, deve
dizer tudo a seu amo: exato, claro e breve.

SEBASTIÃO

A respeito da ceia? ele bem sabe o homem
que em mim tem: o que faço, os serafins o comem.

HARPAGÃO

Mas não se trata disso.

SEBASTIÃO

O bródio bem podia

sair muito melhor; mas a pirangaria
do senhor seu mordomo...

HARPAGÃO

Acaba já com isso!

Dá-me novas...

SEBASTIÃO

De quê?

HARPAGÃO

Do que levou sumiço,

do meu cofre.

SEBASTIÃO

O seu cofre! e tinha lá dinheiro?

HARPAGÃO

Se me não repões logo, enforcam-te, brejeiro!

FELISBERTO (*baixo a Harpagão*)

Olhe que espanta a caça. O homem não tem má cara.

Com bons modos, verá que tudo nos declara.

Como é a tua graça?

SEBASTIÃO

A alcunha que me dão

é Sebastião Pacato.

FELISBERTO

Ora, Sebastião,

um conselho de amigo, e amigo experimentado,

não se há de desprezar.

SEBASTIÃO

E não.

FELISBERTO

Caso negado,

provando-se, é pior. Vá lá. Confessa tudo,
que ninguém te faz mal. Eu sou homem sisudo:
o que prometo, cumpro; e, além da impunidade,
o patrão há de dar-te o prêmio da verdade.
Roubaram-lhe hoje um cofre, e tu, que não és curto,
antes bastante esperto, hás de saber do furto.

SEBASTIÃO (*baixo, consigo mesmo*)

Cai-me a sopa no mel. Agora é que o mordomo
paga tudo por junto; eu já lhe mostro o como.

HARPAGÃO

Que está ele a rosnar?

FELISBERTO (*baixo a Harpagão*)

Tape a boquinha; deixe!

Se não o amedrontar, temos no anzol o peixe.

A cara não mentia; eu bem lhe tinha dito;
é pessoa capaz.

SEBASTIÃO

Ver já meu amo aflito

e vi-lo afligir mais, confesso que é custoso.

... Enfim, quem deve, paga. Esse furto horroroso
quer-me a mim parecer, que ninguém mais o fez
senão o seu mordomo. Eu falo português,
não estou ó tio, ó tio.

HARPAGÃO

O Duarte!

SEBASTIÃO

Sim senhor.

HARPAGÃO

Com um falar tão honrado!

SEBASTIÃO

Oui.

HARPAGÃO

Com um tamanho amor
a tudo que era meu!

SEBASTIÃO

Aí tem. Forte macaco!

HARPAGÃO

Dize: forte ladrão! ladrão pior que um Caco.
Mas por que julgas tu, já agora hás de explicar-te,
sim, por que é que supões que o monstro foi Duarte?

SEBASTIÃO

Se põe por ele a mão no fogo, eu cá não ponho.
Suponho que foi ele... enfim... porque suponho.

FELISBERTO

Mas por que é que o supões? se há fundamento, emite-o.

HARPAGÃO

Viste acaso o Duarte andar rondando o sítio
onde eu tinha o dinheiro?

SEBASTIÃO

Ai, vi; por tal sinal...
o dinheiro onde estava?

HARPAGÃO

Ali, no meu quintal.

SEBASTIÃO

No quintal, justo, ali; nesse próprio lugar
é que eu vi muita vez o malandrim rondar.
E o dinheiro em que estava?

HARPAGÃO

Estava numa arquinha.

SEBASTIÃO

Com uma arquinha o vi eu.

HARPAGÃO

E essa como era?

SEBASTIÃO

Tinha

o feitió... sei lá? a modo assim... de arqueta
(se me apertam demais, atolo-me na peta).

FELISBERTO

Claro está, mas descreve-a.

SEBASTIÃO

Era grande bastante.

HARPAGÃO

A minha era pequena.

SEBASTIÃO

Isto é, exorbitante

também eu não na achei; o grande é no sentido
do grande dinheirão que estava lá metido.

FELISBERTO

E a cor? a cor?

SEBASTIÃO

A cor?... Era uma certa cor...

fora do uso... esquisita... (*Para Harpagão*) O nome por favor;
veja se me recorda... eu sei, mas não atino;...
vermelha, não?

HARPAGÃO

Cinzenta. Acabarás, mofino?

SEBASTIÃO

Cinzenta, é o que eu dizia: um certo acinzentado,
de um reflexo tirante a modo a avermelhado.

HARPAGÃO

Já se vê que era a mesma. Agora estou já certo
(*Para Felisberto*)
Lavre este depoimento! Ah senhor?...

FELISBERTO

Felisberto,
para o servir.

HARPAGÃO

Achou-se a ponta da meada.
Quem há de nunca mais fiar-se em gente honrada?
E ver que por aí há tanto quem suponha
que se pode viver sem força!

FELISBERTO

É uma vergonha.

HARPAGÃO

Dizem que era melhor que os tais facinorosos
vivessem numa cela!

FELISBERTO

Olha os religiosos!

SEBASTIÃO

Lá vem ele! O que eu peço é se lhe não delate
quem lhe armou esta cama: é doido, e às vezes bate.

CENA III

Os mesmos e Duarte.

HARPAGÃO

Venha, venha, meu senhor,
que temos de ajustar contas.

DUARTE

Seja em que matéria for,
as minhas sempre estão prontas.

HARPAGÃO

Vem confessar, desgraçado,
o teu crime, a desleal
ação mais descomunal,
o mais nefando atentado
que jamais foi cometido.

DUARTE

Não percebo.

HARPAGÃO

Ih! que inocência!
Não percebe!!

DUARTE

A consciência
não me argui.

HARPAGÃO

Mui bem fingido.
Ladravaz e comediante.

DUARTE

Por Deus, por si lhe requeiro.
Que fiz eu? diga-o primeiro!
Convença-me, e então...

HARPAGÃO

Bargante!
Faze papel de inocente,
se te parece; mas sabe,
para que essa farsa acabe,

que eu de tudo estou ciente.
Não tem vergonha! abusar
da boa fé, do bom trato,
de tanto carinho, e ingrato
ousar lograr-me...

DUARTE

O negar,
uma vez que deu na coisa,
de nada me serviria,
senhor Harpagão de Sousa.

SEBASTIÃO (*à parte*)

Pois eu adivinharia?

DUARTE

Tencionava-lho dizer,
e aguardava a ocasião.
Assim cumpria um dever,
contando já com o perdão.
Visto que fui descoberto,
e sabe tudo, o que peço,
imploro, e tenho por certo,
é me indulte o enorme excesso.

HARPAGÃO

Indultar-te! E em que razões
te fundas, ladrão cadimo,
para contar com perdões?

DUARTE

No muitíssimo que o estimo,
e em saber que não mereço
o título de ladrão.

HARPAGÃO (*ironicamente*)

Brincos de rapaz travesso;
coisas de nonada.

DUARTE

Não.

Ofendi-o gravemente,
confesso; porém foi culpa,
das que merecem desculpa.

HARPAGÃO

Desculpa, biltre, insolente,
a um assassino, a um traidor!

DUARTE

Torne em si! pense que o mal
não foi tamanho, nem tal
como o finge o seu rancor.

HARPAGÃO

Diz-me o infame que exagero!
Roubando-me ele o meu sangue,
acha injusto que me eu zangue
e não perdoe.

DUARTE

O que espero
é que abra os olhos, e veja,
que o seu sangue não caía
em mãos indignas; um dia
conhecerá quem eu seja.
Demais, eu não lhe fiz dano
que eu não possa reparar.

HARPAGÃO

E olé, se o há de.

DUARTE

E de plano;
já já, se quer. Vou-lhe dar
à sua honra agravada
completa satisfação.

HARPAGÃO

A que vem aqui chamada
a honra? Mas que razão
(tomara que me dissesses)
te fez perpetrar tal crime?

DUARTE

Um sentimento sublime.

HARPAGÃO

Se não és doido, pareces.
Que sublime sentimento?

DUARTE

Quere-o saber?

HARPAGÃO

Quero.

DUARTE

O amor.

HARPAGÃO

O amor!

DUARTE

O amor mais violento.

HARPAGÃO

À minha burra?

DUARTE

Senhor!

Que me faz indigna afronta!
Do seu, nada mais cobiço
que o que já tenho.

HARPAGÃO

Só isso!

A pouco a ambição lhe monta.
Há de com língua de palmo
largar o que chamou seu,
ou lá verá se o não calmo
nos quintos infernos.

DUARTE

Eu!

eu defraudar-me do gozo
de um bem que tenho seguro!

HARPAGÃO

Mas que é meu.

DUARTE

Meu.

HARPAGÃO

Teu!

DUARTE

Se juro

que é meu, e me faz ditoso!

HARPAGÃO

No roubo insistes?!

DUARTE

E insiste

em chamar a isto um roubo!

HARPAGÃO

E que roubo! em todo o globo,
tesouro igual onde o viste?

DUARTE

Em parte nenhuma. Achei-o
tão lindo, tão sedutor,

de ricas prendas tão cheio,
tão digno do meu amor...

HARPAGÃO

Que me empalmaste.

DUARTE

Sossegue!

Não lhe empalmei. Só lhe imploro
que à boa mente me entregue
objeto que tanto adoro.

Ajoelhado lhe suplico.

Nada perde em me ceder.

Sem a si se empobrecer,

torna-me o homem mais rico.

HARPAGÃO

Endoideceu.

DUARTE

É verdade:

da paixão mais invencível.

Só por morte é que é possível
separarmo-nos.

HARPAGÃO

Se se há de

humilhar arrependido,

requinta na impenitência.

DUARTE

Já não posso, em consciência,
votos que fiz pôr no olvido.

Toda a insistência é já vã.

HARPAGÃO

E não querem ver ao cabo
que me rouba este diabo

por caridade cristã?
Vai, vai lá para a justiça,
meu salteador, galrar dessas,
que eu quero perder três peças
se escapares vivo. Atiça
cada vez mais a fogueira.
Torce melhor o baraço!

DUARTE
Puna-me embora!

HARPAGÃO
Ralaço!

DUARTE
Diga e faça quanto queira.
Recordo-lhe unicamente
que, se há réu, só eu sou réu.
Luísa está inocente;
juro-lhe à face do céu.

HARPAGÃO
Pudera! Na parentela
nunca as houve dessa casta.
Mas de empalhações já basta.
Revela-me já, revela
para onde é que foi levada
a minha preciosidade?

DUARTE
Tem-na em casa.

HARPAGÃO (*à parte*)
Oh burra amada! (*Alto*)
Isso é verdade?

DUARTE
É verdade.

Pode-a ver quando quiser.
Nunca em roubar-lhe pensei.

HARPAGÃO

Nem lhe tocaste?

DUARTE

Honra é lei
ao homem como à mulher.
A Claudina que lhe diga
se houve jamais amor puro
como este amor que nos liga.
O testemunho é seguro.
Bem sabe: é mulher honrada,
vigilante, rigorista;
andou sempre desvelada;
jamais nos perdeu de vista.

HARPAGÃO

Quê! Pois até a Claudina
na tratada teve parte!
O demônio és tu, Duarte.

DUARTE

Sim; foi a própria menina
quem lhe impôs a obrigação
de vigiar-me e guardá-la.

HARPAGÃO

Agora, inda a escuridão
é mais profunda. Vá! fala!
Explica-te abertamente!

DUARTE

Claudina sabe-o mui bem.
Eu jurei-lhe (ela igualmente)
não pertencer a ninguém

senão eu a ela, e ela
a mim só.

HARPAGÃO

Já compreendo:
foram três os da esparrela...
Esparrela e crime horrendo!

DUARTE

Com o ente mais adorável
aspirar a unir-se, é logro?
Desejar tê-lo por sogro
será crime imperdoável?

HARPAGÃO

Que é lá? pois de mais a mais
este infame farroupilha,
além dos meus cabedais
queria levar-me a filha?

SEBASTIÃO (*a Felisberto*)

Escreva, escreva, senhor,
tudo mui bem declarado!

HARPAGÃO

Escreva por atacado:
ladrão, sedutor, raptor.

SEBASTIÃO (*baixo para Felisberto com medo de ser ouvido por Duarte*)

Raptor, sedutor, ladrão.

FELISBERTO (*escrevendo*)

Assento e porto por fé...

DUARTE

Quem sou depois saberão.

FELISBERTO

Depois se porá quem é.

CENA IV

Os mesmos, D. Mariana, D. Luísa, Guiomar (as quais vêm da segunda porta da esquerda).

HARPAGÃO

Filha indigna! foi essa a criação que houveste?
Não merecias ter o pai que em mim tiveste.
Amar um salteador, tramar um casamento,
desonra de ambos nós, sem meu consentimento!
Deixem lá! (*Para Luísa*)
Tu daqui já já para um mosteiro! (*A Duarte*)
Ele para uma forca, infame aventureiro!

DUARTE

Antes de condenado, espero ser ouvido.

D. LUÍSA

Se meu pai bem soubera o sangue esclarecido,
e as virtudes daquele a quem jurei lealdade,
não abusava assim da sua autoridade.

HARPAGÃO

É um Preste João, e ainda por cima um santo.
Vai-te ao diabo, tu, mais ele!

D. LUÍSA

Ignora quanto
meu pai lhe é devedor.

HARPAGÃO

Agora até lhe devo!

D. LUÍSA

Deve-lhe o estar eu viva.

HARPAGÃO

Oh, que grande relevo
nos méritos do herói! Vens a dizer na tua
que morrias sem ele, e vives porque és sua.

D. LUÍSA

Não lhe lembra que um dia em que eu com as mais andava
junto à beira do mar na penedia brava
a brincar e a correr, falta-me um pé, resvalo,
despenho-me no abismo... e quem ousa afrontá-lo,
roubar-me aos escarcéus, reconduzir-me à vida?
Foi ele; foi Duarte.

HARPAGÃO

Estavas submergida,
era por culpa tua, e porque Deus queria.
Escusava-se agora esta patifaria.

D. LUÍSA

Pelo amor paternal lhe rogo...

HARPAGÃO

Não me enguiça.
Quem deve, paga. O caso agora é com a justiça.

SEBASTIÃO (*à parte*)

A mim deve ele um par de murros bem puxados.

GUIOMAR (*à parte*)

Isto dá em tormenta; os céus estão nublados.

CENA V

Os mesmos e Anselmo (vindo da primeira porta da direita).

ANSELMO

Vivam! Senhor Harpagão,

que tem? Acho-o... transtornado...
não sei como...

HARPAGÃO

A arder; danado;
com peste no coração.

ANSELMO

Mas desabafe!

HARPAGÃO

O que eu passo,
nunca ninguém o passou.
Tudo que há mau, desabou
em cima deste espinhaço.
Vinha assinar a escritura
do casamento; não vinha?
Pois diga adeus à futura!
Já não é sua nem minha.
A título de criado
meto em casa um salteador;
namora-me, é dela amado;
rouba-me...

ANSELMO

É crível! que horror!

HARPAGÃO

Não sei se é crível, se não;
sei que é isto: assassinou-me
no meu haver, no meu nome:
— Desonrador e ladrão! —
(*Indicando Duarte*)
Aí o tem!

DUARTE

Se não fora
ver-lhe, senhor, essas brancas,

e o ser pai desta senhora...

(Indicando D. Luísa)

SEBASTIÃO (*à parte*)

Estou pensando em dar às trancas.

DUARTE (*para Harpagão*)

Com indignação rejeito
a imputação vergonhosa;
mas a da culpa amorosa,
com que orgulho a não aceito!

HARPAGÃO (*a Anselmo*)

Vê? Não só confessa; até
faz do sambenito gala.
E a chança com que nos fala!
Tem, Dom Anselmo, um bom pé.

ANSELMO

Para me ir andando?

HARPAGÃO

Nada:
para tomar um desforço
de quem lhe roubou a amada.

ANSELMO

Moços têm carta de corso;
deixemo-nos disso.

HARPAGÃO

Amigo!
A afronta que ele lhe fez
não requererá talvez
a um fidalgo um bom castigo?

ANSELMO

Já não brigo.

HARPAGÃO

O que eu lhe peço
é que o persiga em juízo.
Gaste, do seu, no processo,
sem dó, quanto for preciso.

ANSELMO

Casamentos obrigados
nunca foram do meu gosto,
e não me sinto disposto
a afrontar-lhe os resultados.
Quando o senhor me dizia
(*Indicando D. Luísa*)
que a menina, a quem Deus guarde,
era livre, e não fazia
má cara à fruta do tarde;
que era enfim tão inocente
que estava com o pai de acordo,
que onde havia dote gordo
todo o esposo era excelente,
anuí ao seu desejo;
fui leviano; caí;
hoje é diverso...

HARPAGÃO

Perdi
um velho amigo, já vejo.

ANSELMO

Não perdeu: seja em que for
tem em mim auxílio certo.

HARPAGÃO (*indicando o escrivão*)
Bem! O... senhor... (*Hesitando*)

FELISBERTO

Felisberto!

HARPAGÃO

Escrivão do Regedor...
pessoa de todo o porte...

FELISBERTO

Cuido que sim.

HARPAGÃO (*para Felisberto*)

Com certeza.

(*Continuando, para Anselmo*)

E da maior esperteza
contra ladrões...

FELISBERTO

O meu forte
foi sempre esse.

HARPAGÃO

Está colhendo
informações por escrito
sobre este atentado horrendo,
único, atroz, inaudito.

(*Para Felisberto*)

Carregue-mo bem... senhor...

FELISBERTO

Felisberto!

HARPAGÃO

Nunca acerto
o nome de Felisberto.
Vá lá! Com todo o rigor!
Faça-lhe a cama bem feita!
Pinte a coisa bem medonha,
por modo que o sem-vergonha
trepe aos ares desta feita.

DUARTE

Por amar a sua filha?!
Em sabendo quem eu sou...

HARPAGÃO

Com essas não me codilha!
Sem terem nem meio avô
sei de dez em cada rua
que não passando de uns pilhos
até se apregoam filhos
do sol, e netos da lua.

DUARTE

Muitos fazem disso; eu não:
somos ouro doutro cunho.
Invoco por testemunho
quanto há nobre em Aragão.

ANSELMO

Cautela, moço, cautela,
que vai de mal a pior!
Advirta que eu sei de cor
todo o Aragão e Castela.

DUARTE

Dou parabéns ao meu fado.
Conhecia um general
D. Tomás Reus Carvajal
Osuna Valdez del Prado?

ANSELMO

Se o conheci! Conheci-o
como ninguém.

HARPAGÃO

Que descoco!
Que tem todo esse gentio
com o meu roubo?

ANSELMO

Espere um pouco
e veremos.

*(Harpagão, vendo duas velas de sebo acesas em cima da mesa do escrivoão
Felisberto, assopra uma)*

FELISBERTO *(ironicamente)*

Obrigado!

ANSELMO

Não o interrompa! *(Para Duarte)* Dizia...

DUARTE

Que D. Tomás Del Prado
foi meu pai.

ANSELMO *(rindo)*

Seu pai?!

DUARTE

Não ria!
Foi meu pai; tenha a certeza!

ANSELMO

E eu dou-lhe, por minha vida,
de que meteu a defesa
por um beco sem saída.

DUARTE

Posso provar o que digo.

ANSELMO

Que é filho de Dom Tomás?
Desafio-o, se é capaz,
e tome conta consigo.
Haverá dezesseis anos
(para ver como eu sei disto)
que o marquês de Guvilhanos

passou a cear com Cristo.
Foi Dom Tomás que em duelo
lhe fez com três estocadas
pagar palavras soltadas
contra ele em seu castelo.
Houve de esquivar-se às iras
dos parentes do defunto,
que em numeroso conjunto,
e com as mais torpes mentiras,
foram impetrar del-rei
a pena do matador.
Ei-lo em campo, ei-lo em furor
todo o exército da lei.
(Nem Hércules contra dois,
quanto mais contra quarenta)
A ocultas se embarca pois
sob outro nome que inventa,
levando a prole, a consorte,
e bom ouro.

DUARTE

Exatamente.
Ouça o resto a quem não mente.
O resto foi desta sorte:
Davam-se já por seguros
em costas de Portugal,
quando dos céus roxo-escuros
cai medonho temporal.
Baldada é toda a manobra.
Luta o vaso, e vai-se a pique;
mas quando tudo soçobra
a Deus praz que ileso fique,
em braços de um servo seu,
um menino. Rompe a alva;
vê-se perto um lenho, e os salva.
Esse menino sou eu.
O capitão generoso

julgou ser a providência
quem punha a minha inocência
no seu regaço piedoso.
Educou-me como a filho.
Depois, mal cheguei à idade,
como das armas ao brilho
eu sonhava heroicidade,
permitiu-me esse exercício,
em que assaz me avantajei.
Por um acaso enfim sei
quanto o fado me é propício:
Meu pai vive: o que eu chorara
sepulto no mar profundo
ainda pertence ao mundo.
Outro navio o salvara.
Mas onde estava ao presente?
Ninguém no sabia. Voto
buscá-lo incessantemente
até ao polo mais remoto.
Chego aqui; vejo a beleza
que desluz a quantas vi;
roubo-a do mar à braveza:
salvo-a, salvo-a! Então daqui
não pude mais arrancar-me:
fiquei-a sempre velando.
Por mim outro eu próprio mando
que busque a meu pai; que o arme
de valor contra a ventura
que lhe vai anunciar:
que seu filho, escapo ao mar,
vive, e aguarda-o com ternura.

ANSELMO

Mas a prova? onde está ela?
a prova de que isto tudo
nos sai de um homem sisudo,
e não é simples novela?

DUARTE

A primeira que lhe eu dou
é o próprio capitão
que das vagas me salvou.
A segunda, o servo ancião
que igualmente existe ainda.
Terceira, este bracelete
com a materna imagem linda;
e neste anel de sinete
as nossas armas, e à volta
de meu pai as iniciais.

D. MARIANA

Vive Deus! que espero eu mais?
O irmão, que aos meus braços volta!

DUARTE

Minha irmã!

D. MARIANA

Sim, sim. Apenas
te ouvi a voz, arraiou-se
com sentimento mais doce
esta alma há já tanto em penas.
Vamos, vamos já levar
vida, alegria e conforto
à mãe que te cria morto
e a quem vens ressuscitar!
quanto é grande a Providência!
salvo o pai e o filho; a mãe
salva com a filha também.

DUARTE

Mas como? quem à violência
vos roubou do mar sanhudo?

D. MARIANA

O pobre de um pescador

em terra nos veio pôr.
No seu nada achamos tudo.

DUARTE

Depois?

D. MARIANA

Já que me perguntas,
vivemos de costurar,
sozinhas, sempre a chorar...
mas a chorar sempre juntas.

ANSELMO

Filha, filho, filhos meus!
Vinde, correi, abraçai
o vosso ditoso pai.
Tornou a ajuntar-nos Deus.
Mas vossa mãe onde está?
Quero-a ver; levai-me a ela!
Filha, filha! como és bela!
Duarte, és um homem já!

HARPAGÃO (*para Anselmo*)

E o senhor (em santa paz
lhe pergunto), o que é por fim?
D. Anselmo ou D. Tomás?
D. Pedro ou D. Serafim?

ANSELMO

Fui D. Tomás. Quando o fado
me obrigou a expatriar-me,
para melhor ocultar-me
fiz-me Anselmo; ando crismado.
Com este nome fingido,
sem deslustrar jerarquias,
tenho empregado os meus dias
no comércio e enriquecido.
Perdi muito em Aragão,

mas o que salvei do mar
permitiu-me aqui dobrar
o meu haver; e hoje então
quisera-o quadruplicado,
pois achei os meus herdeiros,
o meu sangue tão chorado,
os meus gostos derradeiros.
Deus bem viu como eu vivia
no meio desta cidade
em profunda soledade
e absorto em melancolia.
Por isso, amigo Harpagão,
é que eu lhe ouvi sem horror
propostas de uma união,
que me punha em casa amor.

HARPAGÃO

Visto isso, aquele sujeito
é seu filho?

ANSELMO

E minha glória.

HARPAGÃO

Então, quem me paga a história
há de ser o pai.

FELISBERTO (*sempre à mesa*)

Direito!

ANSELMO

Que história?

HARPAGÃO

O roubo.

ANSELMO

Que roubo?

HARPAGÃO

Quatro contos bem contados.
Foi fartadela de lobo.

ANSELMO

Mas esses dez mil cruzados
quem lhes roubou? não entendo.

HARPAGÃO (*indicando Duarte*)

Duarte.

DUARTE

Mentiu.

ANSELMO

Duarte,
quem ousou tal assacar-te?

SEBASTIÃO (*à parte*)

Ao meu santo me encomendo.

São Sebastião, meu santinho,
pelas vossas bentas frechas
livrai-me de algumas brechas
nos lombos e no focinho.

(*Vai para se esgueirar pela segunda porta da direita*)

HARPAGÃO (*chamando*)

Vem cá, Sebastião; declara
segunda vez o que viste.

SEBASTIÃO

Eu estava bêbado e triste
e não tinha a ideia clara.
Talvez cuidasse que via,
e fosse engano dos olhos, (*à parte*)
Pilho pauladas aos molhos. (*Alto*)
Nem eu sei o que dizia.

HARPAGÃO

O depoimento ali está
por mão do nosso escrivão.

DUARTE

E capaz me julgará
de tão vergonhosa ação?

HARPAGÃO

Ou capaz ou incapaz,
para ali o meu dinheiro!

FELISBERTO

Em que ficamos?

HARPAGÃO

Primeiro
responda-me D. Tomás!

CENA VI

Os mesmos, Júlio, Tomás (que vêm da segunda porta da direita com o cofre embrulhado num capote).

(Tomás vai para o fundo da cena, onde fica meio encoberto pelo biombo)

JÚLIO

Sossegue, e parabéns! o cofre, o seu tesouro
existe, achou-se.

HARPAGÃO

Dá-me. Onde o tens?

JÚLIO

O seu ouro
nunca lhe foi roubado; é seu, mal que disser
que Mariana é minha.

HARPAGÃO (*à parte*)

O cofre sem mulher,
ou a mulher sem cofre. Eu, que não sou banana,
resolvi: (*alto para Júlio*) — Dá-me a burra, e leva a Mariana.
Mas tocar-lhe-ia alguém?

JÚLIO

No cofre? esteja certo
de que nunca jamais foi nem sequer aberto.
(*Para D. Mariana*)
Nada falta, Mariana! A tua mãe consente.
De lá venho: implorei-a; amor torna eloquente;
convenci-a, e sem custo, a permitir-te a escolha
entre mim e meu pai. Nada há que enfim nos tolha.

D. MARIANA

Não sei. De um pai também depende o meu destino.

JÚLIO

Como! Pois tens...

ANSELMO

Sou eu.

D. MARIANA

Presente repentino,
que recebi de Deus, assim como em Duarte
recobrei um irmão.

JÚLIO (*cumprimentando Anselmo*)

Senhor! (*Para D. Mariana*) Porém de que arte
se operou tal prodígio?

D. MARIANA

Eu te direi.

ANSELMO

Consente,
meu amigo Harpagão, na dita desta gente?

O meu sangue com o seu já vê que se harmoniza.
Dê-se Mariana a Júlio, e Duarte a Luísa.

HARPAGÃO

Primeiro, venha o cofre; antes não dou resposta.

JÚLIO

O cofre, intato e são, vem já correndo a posta.

HARPAGÃO

Eu dinheiro não dou; não tenho. Se faz conta casar sem dote, bem.

ANSELMO

Sem lhe fazer afronta,
doto eu os dois casais.

HARPAGÃO

E obriga-se por todas
quantas despesas traz o casamento e as bodas?

ANSELMO

Com mil vontades.

HARPAGÃO

Certo?

ANSELMO

E mais que certo.

HARPAGÃO

Bom. (*À parte*)
Sempre este D. Tomás merece bem o Dom.

ANSELMO

Corro a ver minha esposa. Acompanhem-me! É dia
para se me espelhar em todos a alegria.

(Põem-se todos em ato de partir, pela primeira porta da direita)

FELISBERTO (*levantando-se da mesa*)

Alto lá! quem me paga?

HARPAGÃO

O quê?

FELISBERTO

Toda esta escrita.

HARPAGÃO

E ela de que nos serve?

FELISBERTO

Essa agora é bonita!

Por que a mandou fazer? e em letra tão distinta?
com pena de peru, e graxa em vez de tinta?

HARPAGÃO

Bem. Não quero lesá-lo, e pago o seu trabalho.

Dou-lhe para enforcar este grande bandalho.

(*Indicando Sebastião*)

SEBASTIÃO

Falo verdade, e apanho! Encaixo a minha peta,
e enforcam-me! Que mundo! O diabo és tu, forreta!

ANSELMO (*para Harpagão*)

Há de perdoar-lhe, amigo. Aquilo é um parvo.

SEBASTIÃO

Um tonto.

DUARTE

Até eu lhe perdoo.

HARPAGÃO (*para Anselmo*)

O amiguinho está pronto
a pagar ao escrivão?

ANSELMO

E a tudo quanto queira.

(Dá dinheiro a Felisberto, que sai pela primeira porta da direita, fazendo grandes cortesias)

JÚLIO

Vem, Tomás!

TOMÁS

Ei-la aqui.

(Tomás vem em passo grave e com ar solene; descobre a caixa e a apresenta a Harpagão)

HARPAGÃO *(arremessando-se à caixa)*

A minha feiticeira!

(Tira alvoroçado uma chavinha do bolso; abre de repente a caixa, e encara o ouro com a maior complacência. Abanando)

E traz o peso, traz! é isto mesmo. Agora toca a ver se está certo, e adeus.

ANSELMO

Vamos embora.

HARPAGÃO

Olhe cá, Dom Tomás, eu é que falto à festa.

ANSELMO

Por quê?

HARPAGÃO

Tenho um chapéu que para nada presta,
e casaca não tenho.

ANSELMO

Arranje-se de tudo,
e remeta-me o rol que eu pago.

HARPAGÃO (*à parte*)

Ih, que lanzudo
tão bom de tosquiar!

(Sai Anselmo; atrás dele, D. Mariana pelo braço de Júlio; D. Luísa pelo de Duarte; Sebastião e Tomás de braço dado, atrás de todos, e saltitando. Harpagão senta-se no chão a contar o dinheiro)

GUIOMAR

Senhor Dom Harpagão!

HARPAGÃO (*sem olhar para ela*)

Nove, dez... Que lhe quer?

GUIOMAR

Sou a Guiomar.

HARPAGÃO

E então?

Vinte e dois, vinte e três... Que é que pretende?

GUIOMAR

Assento

que lá por ter falhado aquele casamento,
eu não desmereci. Eu fiz-lhe quanto pude.

HARPAGÃO

Cento e dois, cento e três...

GUIOMAR

Que diz?

HARPAGÃO

Que haja saúde.

GUIOMAR

Para se consolar, se quer a viscondessa,
pague e trago-lhe já.

HARPAGÃO

Forte quebra-cabeça!

Já me perdi na conta. A viscondessa, tu
e quanta mulher há, vão-se com Belzebu.

(Batendo na caixa)

A minha esposa é esta. A esta é que eu me obrigo
a ser sempre leal.

GUIOMAR *(fazendo-lhe figas e correndo para a primeira porta da direita)*

Vai! some-te, inimigo!

Fica-te como um cão, sozinho ao desamparo,
suicida vil! demente! infame! avaro! avaro!



Iba Mendes Editor Digital
www.poeteiro.com